

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG  
Gerada com informações fornecidas pelo autor

N244t Nascimento, Natã Neves do  
Três minutos, Duas mãos e Uma voz : Performances,  
trajetórias e sobrevivências nas batalhas de poesias / Natã  
Neves do Nascimento ; Adriana Facina, orientadora. Niterói,  
2020.  
140 f. : il.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,  
Niterói, 2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPCULT.2020.m.14902384760>

1. Poetry - Slam. 2. Poesia. 3. Trajetória. 4. Juventudes.  
5. Produção intelectual. I. Facina, Adriana, orientadora.  
II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e  
Comunicação Social. III. Título.

CDD -

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E TERRITORIALIDADES

NATÃ NEVES DO NASCIMENTO

**TRÊS MINUTOS, DUAS MÃOS E UMA VOZ:  
PERFORMANCES, TRAJETÓRIAS E SOBREVIVÊNCIAS NAS BATALHAS DE  
POESIAS**

Niterói  
2020

NATÃ NEVES DO NASCIMENTO

**TRÊS MINUTOS, DUAS MÃOS E UMA VOZ:  
PERFORMANCES, TRAJETÓRIAS E SOBREVIVÊNCIAS NAS BATALHAS DE  
POESIAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adriana Facina

Niterói  
2020

NATÃ NEVES DO NASCIMENTO

**TRÊS MINUTOS, DUAS MÃOS E UMA VOZ:  
PERFORMANCES, TRAJETÓRIAS E SOBREVIVÊNCIAS NAS BATALHAS DE  
POESIAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Cultura e Territorialidades

BANCA EXAMINADORA

---

Profª Drª. Adriana Facina – (Orientadora) UFRJ

---

Profª Drª. Marina Frydberg - UFF

---

Prof Dr. João Guerreiro - IFRJ

Niterói  
2020

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ter me dado forças durante o processo e me fazer entender que, em todo tempo, Ele me sustentou, impedindo que algo me faltasse.

Aos meus pais, Sheila e Alfredo, pelo apoio e por acreditarem em meus sonhos, confiando e me apoiando em cada uma de minhas decisões. Obrigado por todo seu amor.

À minha irmã Sarah, que, sempre compreensiva, me estimulou e não questionava muitas de minhas atitudes durante os momentos mais difíceis dessa escrita, me incentivando nesse caminho que escolhi seguir. A você toda a minha gratidão!

À minha amiga e “mãe na academia” Ohana Boy. Talvez você não tenha ideia do quanto foi importante para que eu pudesse chegar até aqui. Uma parceria que começou em 2015 e deu muito certo. Te agradeço por cada palavra de incentivo. Mesmo quando eu não consegui enxergar um potencial nesse trabalho, você foi a primeira a dizer que eu poderia ocupar esse espaço e consegui. Finalizo esse passo muitíssimo grato pelos encontros, conversas e apoio sempre repletos de afeto, humor e lágrimas. A você muito obrigado!

À minha orientadora Adriana Facina, minha constante inspiração na academia. Lembro-me que, em nosso primeiro encontro, estava tão nervoso que só te tratava por “senhora”. Hoje, você é a Dri, orientadora e amiga que não apenas orienta, mas direciona, mostra o caminho a ser trilhado. Agradeço você pela compreensão durante essa trajetória do mestrado e por acreditar em mim, que seria possível chegar até aqui.

À professora Marina Frydberg, obrigado por cada conversa, por todas as vezes em que me permitiu ir com calma, respirar e não querer antecipar os processos. A experiência com você dentro de sala de aula só aumentou o desejo de estar ali. Obrigado por confiar em mim. Não existe palavra para demonstrar o tamanho da minha gratidão.

À professora Júlia O’Donnell, sua sensibilidade em perceber que o *slam* seria o caminho mais próximo a mim para essa dissertação me ajudou a olhar essa pesquisa com outros olhos.

Ao professor João Guerreiro, pela disponibilidade em fazer parte dessa banca e do fim desse ciclo junto a UFF.

À minha amiga Ana Terra, que tanto me ajudou durante os processos de revisões dessa dissertação, me ajudando na leitura e trazendo luz sobre os parágrafos controversos quando surgiam.

À coordenação do PPCULT, em especial professora Ana Lúcia Enne, que sempre esteve atenta às solicitações dos alunos, nos propiciando lições de vida. Levarei por toda minha existência as lembranças das aulas, das conversas nos corredores e na secretaria.

Agradeço as secretárias Marcinha e Silvinha que se tornaram amigas durante o processo de mestrado. Obrigado pelas conversas, cafés e documentos prontos em tempo hábil, mesmo em prazos urgentíssimos. É louvável o vosso procedimento, em momentos de sucateamento da coisa pública e desvalorização profissional, e apesar de seus salários atrasados, de forma injusta e arbitrária, a diversão e o afeto se tornaram esperança para seguir e acreditar em dias melhores, MUITO OBRIGADO.

Aos meus amigos, Gustavo e Sluchem, que se tornaram minha família. Nossa amizade é um dos mais belos presentes que o mestrado poderia dar, amo vocês.

Ao grupo de **Desorientandos**, nossos encontros repletos de afeto sempre me impulsionam a querer aprender mais, ler mais e estar cada vez mais perto de vocês. A todos os colegas do PPCULT, em especial Thiago, Stella e Júlia pelas experiências que vivemos dentro e fora do IACS.

Aos amigos Jeff, Ugo, Erly, Aline e Bruna que conheci ao longo da jornada do mestrado durante as idas a eventos e congressos. Obrigado por dividir das angústias e alegrias das pesquisas de vocês comigo.

À MC Martina, protagonista dessa dissertação, que sempre esteve de braços abertos para conversar, ainda que em meio aos “corres” da vida. Nossos encontros, embora rápidos, eram sempre afetuosos e repleto de sinceridade e confiança. Minha gratidão a ti!

Aos poetas, Bicha Poética, Bixarte, MC Dall Farra, Dudu Neves, Sabrina Azevedo, 4-Ó, Pietá, Jaqueline Alves, Negabi e tantos outros que atravessaram essa pesquisa e a minha vida através de cada verso performado.

Também agradeço a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), pelo financiamento dessa pesquisa e em um tom mais afetivo, aos professores Ana Lúcia Enne e Luiz Augusto.

Melhor é o fim das coisas do que o princípio delas.  
*Eclesiastes 7.8a*

## RESUMO

“Três minutos, duas mãos e uma voz: Performances, trajetórias e sobrevivências nas batalhas de poesias” se propõe a refletir sobre o movimento cultural *poetry slam*, a partir da pesquisa sobre o coletivo *Slam Laje*, realizado no Complexo do Alemão, no subúrbio carioca. O trabalho consiste em analisar como esse movimento cultural tem afetado a vida dos jovens, trazendo sentido a muitas das indagações que eles carregam e como fazem de suas performances narrativas de sobrevivências. A pesquisa segue analisando as relações entre poetas durante as batalhas de poesia do *poetry slam* e a forma como esses competidores enxergam e experimentam esses encontros poéticos. Para isso a pesquisa se debruça sobre a trajetória da poeta e MC Martina, considerando como o contato com o *slam* influenciou seu projeto de vida, para além das dificuldades enfrentadas pela poeta para cursar a universidade pública. Busca-se investigar as diferentes situações que a jovem enfrenta e seu posicionamento frente a elas e desvendar os conceitos e expressões identitárias de tais enfrentamentos, bem como a representação e trajetória, a partir das experiências desenvolvidas em performances durante as batalhas no *slam*. Este trabalho pretende refletir sobre o quanto esses poetas podem ser inspirados pelo que lhes interessa, pelo que lhes cerca e pelas constantes disputas pela afirmação de suas identidades periféricas.

**Palavras-Chave:** *Poetry - Slam*, Poesia, Trajetória, Projeto, Representação, Juventudes.

## ABSTRACT

“Three minutes, two hands and a voice: Performances, trajectories and survivals in the poetry battles” aims to reflect on the poetry slam cultural movement, based on the research on the collective Slam Laje, carried out in the Complexo do Alemão, in the suburb of Rio. The work consists of analyzing how this cultural movement has affected the lives of young people, bringing meaning to many of the questions they carry and how they make their survival narrative performances. The research continues to analyze the relationships between poets during poetry slam battles and the way these competitors see and experience these poetic encounters. For this, the research focuses on the trajectory of the poet and MC Martina, considering how the contact with the slam influenced his life project, in addition to the difficulties faced by the poet to attend the public university. It seeks to investigate the different situations that the young woman faces and her position in front of them and to unveil the concepts and expressions of such confrontations, as well as the representation and trajectory, from the experiences developed in performances during the battles in the slam. This work aims to reflect on how much these poets can be inspired by what interests them, what surrounds them and the constant disputes over the affirmation of their peripheral identities.

**Keywords:** Poetry - Slam, Poetry, Trajectory, Project, Representation, Young.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Abertura da Residência: Favelado 2.0 - Construindo Gambiarras para o Futuro... 13	13
Figura 2 - Marc Kelly Smith durante competição no bar Green Mill em Chicago. .... 21	21
Figura 3 - Modelo das etapas de classificação no estado do Rio de Janeiro ..... 25	25
Figura 4- Roberta Estrela D’Alva abordando o público para convidá-los a serem jurados .... 26	26
Figura 5 - Zines que são vendidos durante as batalhas de poesias ..... 35	35
Figura 6 - Poetas durante ataque poético no centro do Rio de Janeiro..... 37	37
Figura 7 - Apresentação de Dança durante edição de aniversário do <i>Slam Laje</i> ..... 51	51
Figura 8 - Poeta Bixarte se apresentando durante o <i>Slam BR 2018</i> ..... 61	61
Figura 9 - Público do <i>Slam Laje</i> na cruz da Pedra do Sapo..... 66	66
Figura 10 - Crianças dançando durante oficina de passinho ..... 67	67
Figura 11 - Modelo das etapas de classificação durante o <i>Slam Br 2018</i> ..... 84	84
Figura 12 - Negabi durante sua performance no <i>Slam BR 2018</i> ..... 88	88
Figura 13 - Bicha Poética durante sua performance no <i>Slam BR 2018</i> ..... 91	91
Figura 14 - Pietá Poeta fazendo o discurso como poeta campeã do <i>Slam BR 2018</i> ..... 97	97
Figura 15 – As Martinas, avó e mãe de MC Martina. .... 102	102
Figura 16 - As Martinas, tia e MC Martina ..... 102	102
Figura 17 - MC Martina em uma das edições do <i>Slam Laje</i> ..... 113	113
Figura 18 - Registros de MC Martina em seu Instagram após a prova do Enem..... 124	124
Figura 19 - Postagem de MC Martina em seu perfil no Facebook..... 124	124

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>TRÊS MINUTOS .....</b>	<b>18</b>
<b>CAPÍTULO I - DIÁLOGO, SUPERAÇÃO E RESISTÊNCIA. ....</b>	<b>19</b>
POETRY SLAM – 3 MINUTOS PARA FALAR! .....	19
ROBERTA ESTRELA D’ALVA – DO ZAP! AO SLAM BR.....	29
POETAS, PERFORMERS E FAVELADOS .....	34
QUANDO O SOFRIMENTO SE TORNA NARRATIVA .....	40
<b>DUAS MÃOS .....</b>	<b>48</b>
<b>CAPÍTULO II - A FAVELA ESTÁ PASSANDO A MENSAGEM. ....</b>	<b>49</b>
SLAM LAJE – “ <i>ABRA SEU CORAÇÃO</i> ” .....	49
POETAS FAVELADOS COMO PROTAGONISTAS DE SUAS NARRATIVAS .....	56
PERFORMANCE COMO VALIDAÇÃO SOCIAL .....	62
“VEM E BROTA AQUI NA LAJE” – FINAL SLAM LAJE 2018 .....	65
“ <i>A POESIA É QUEM VENCE E O CAMPEONATO É CARIOCA, SLAM RJ</i> ” .....	71
FINAL NACIONAL – DO ALEMÃO PARA O BRASIL .....	79
<b>UMA VOZ .....</b>	<b>99</b>
<b>CAPÍTULO III -MC MARTINA - PROJETO E PERTENCIMENTO NA VIDA DE UMA POETA FAVELADA .....</b>	<b>100</b>
A FORÇA DE UM ENCONTRO - “FAVELADO 2.0” .....	100
MARTINAS – EXISTIR, RESISTIR E SONHAR .....	101
MARTINA SE DESTACA – SER CAPAZ DE CORRER ATRÁS.....	104
MANDANDO O PAPO RETO EM ATLANTA .....	107
SLAM– PROJETO INESPERADO .....	108
ENEM – EXAME QUE PODE MUDAR VIDAS .....	117
PROJETO FRUSTRADO – UNIVERSITÁRIA DAS RUAS .....	121
PROJETO DE VIDA .....	125
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>129</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>132</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>135</b>

## INTRODUÇÃO

Durante o último ano da faculdade, no curso de Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, em meio a escrita de um TCC, optei por pesquisar jovens moradores de favelas e territórios periféricos numa residência oferecida por um coletivo no Complexo do Alemão. Na época, fui atraído por uma postagem realizada por Rene Silva, ativista e redator do Jornal Voz das Comunidades<sup>1</sup> em uma de suas redes sociais. Rene convidava seus seguidores, moradores do Complexo do Alemão, para um encontro com o objetivo de discutir quais seriam as atividades culturais pelas quais esses jovens se interessavam e que tipo de novas atividades poderiam surgir através desses debates.

O encontro, em maio de 2015, ocorreu na Vila Olímpica Carlos Castilho, ao lado da favela da Grota, uma das 13 favelas que compõem o Complexo do Alemão. Ao chegar, concluí que a maioria dos presentes já se conhecia de algum lugar, por participarem de projetos sociais que aconteciam na comunidade ou pelo próprio ativismo que era também realizado dentro do Alemão. Apesar de meu estranhamento – um pesquisador não-morador, durante o primeiro contato com as pessoas fui abordado por uma das mediadoras do encontro, Thamyra de Araújo, jornalista e mestra em Cultura e Territorialidades pela Universidade Federal Fluminense, que me recepcionou e me introduziu no grupo que estava ali presente.

Entre os convidados havia moradores, responsáveis por ONG's do Alemão e agentes públicos. Uma mulher se identificou como gestora da biblioteca Parque do Alemão, situada na estação do teleférico. Neste momento, muitos presentes começaram a ressaltar que desconheciam a existência da instituição dentro da comunidade e que sempre que precisavam utilizar alguma biblioteca se deslocavam ao SESC.

No dia, foram discutidas as formas como os projetos sociais que chegavam ali, até então, foram estabelecidos de forma verticalizada. Ao longo do debate, um dos temas levantados foi a não-instrumentalidade dos moradores quanto às atividades oferecidas no Complexo, tais como oficinas de ballet, violino e inclusive oficinas de tênis, numa verticalização cultural, em que pese não ter havido prévia consulta da comunidade acerca de suas necessidades e perspectivas.

---

<sup>1</sup> *Voz das Comunidades* é um jornal comunitário independente criado em 2005, no Morro do Adeus, no Complexo do Alemão, Zona Norte do Rio de Janeiro. Seu fundador Rene Silva, na época com 11 anos de idade decidiu fazer um jornal para mostrar tudo o que acontecia na sua comunidade.

Além disso, não havia continuidade, frequência ou regularidade das atividades. Quando um projeto acabava, outro, em geral, era oferecido, mas num intervalo longo, e sem conexão com o primeiro. A falta de continuidade dos projetos e de um diálogo direto com aqueles que são os “beneficiários”, os que vão participar das oficinas e dos programas, é recorrente. Quanto a esse tipo de intervenção que ocorre em muitas favelas cariocas a professora Adriana Facina afirma:

Como os povos colonizados, a favela também era e é vista como lugar da barbárie, da ausência de tudo, incluindo cultura, como incivilidade. Seja nas representações midiáticas criminalizantes que equacionam favela = lugar do crime, lugares onde não se deve ir. Seja nos discursos de ONGs e afins que buscam “levar a cultura para a favela”, geralmente relacionando cultura a formas artísticas canônicas e tratadas de maneira desterritorializada. É o balé na favela domando os corpos produzidos nas infinitas belezas da diáspora negra. É o violino na favela enquadrando musicalidades deslegitimadas. É o tambor na favela como promessa de acesso a uma vida de artista entendida no sentido mais burguês e conformista do termo. O que falta aí é a percepção da favela como produtora de culturas. (FACINA, 2014, p.6-7)

Quando a professora fala sobre a falta da percepção da favela como produtora de culturas podemos associar a falta de diálogo junto aqueles que são os maiores “beneficiados” por essas empresas e projetos. Há uma tentativa constante de ofuscar a arte que surge nas favelas e ao mesmo tempo “educar” segundo os moldes que a sociedade quer.

Ao final do encontro conversei com Thamyra, relatando o meu desejo de fazer uma pesquisa sobre os jovens que moram no Alemão. Ainda não havia encontrado um recorte até aquele momento. Ela compartilhou sobre o coletivo que era responsável e sobre as atividades que exercia no Alemão. O GatoMídia<sup>2</sup> é um coletivo que surgiu no ano de 2014, com a proposta de ter um espaço de aprendizado em mídia e tecnologia para jovens moradores de favelas e periferias e com objetivo de estimular esses jovens para que possam produzir sua própria comunicação, rede e conexões, potencializando diferentes narrativas, visibilidade e engajamento com o intuito de construir um mundo igualitário, afetivo e menos injusto.

Em março de 2016, o coletivo propôs uma residência em Mídia e Tecnologia denominada: Favelado 2.0 – Construindo Gambiarras para o Futuro. Essa residência teria uma duração de duas semanas, com oficinas teóricas e práticas que envolviam temas como fotografia 2.0, roteiro para programa no *Youtube*, construção de texto criativo, ativismo na web, cobertura colaborativa, social mídia, criatividade 2.0, fanzine

---

<sup>2</sup> Página do coletivo no Facebook: <https://www.facebook.com/gatomidia/>

2.0, hackeando o *Facebook*, elaboração de projetos e empreendimento de ideias. A residência “Favelado 2.0” reuniu vinte jovens de diversas favelas das Zonas Norte e Oeste do Estado e Baixada Fluminense, na ocasião metade das vagas foram reservadas para moradores do Alemão.

**Figura 1:** Abertura da Residência: Favelado 2.0 - Construindo Gambiarras para o Futuro.



**Fonte :**Página GatoMídia Facebook.

Durante a residência, foi produzido pelos participantes um documentário chamado *Quem são os makers de favela?*<sup>3</sup> que falava sobre jovens inovadores a partir da perspectiva da favela como território fértil e inovador capaz de produzir soluções criativas para os problemas da cidade. Acompanhei a residência como um dos participantes ativo junto aos outros residentes. Notei que muitos que estavam ali já atuavam em projetos sociais nos seus bairros e buscavam novas ferramentas para potencializar suas atividades e hackear o conhecimento.

Esse termo *hackear* foi bastante utilizado ao longo dos quinze dias de residência. Tem o significado de cortar alguma coisa de forma grosseira ou irregular. Durante a residência houve uma ressignificação desse conceito, associando-o ao compartilhamento de conhecimento e saberes, pois era importante compreender que todo e qualquer tipo de aprendizado pode e deve ser compartilhado.

Aquela, sem dúvida, foi uma das maiores experiências que pude viver, a residência. A cada encontro propunha-se uma nova maneira de enxergarem-se enquanto favelados e como poderiam ser ressignificados outros conceitos como o de *makers*,

<sup>3</sup> Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=jOvLn6RZOqQ> Acesso em:25/01/2020.

conceito vinculado a cultura que surgiu em meado dos anos 1980 do “*faça você mesmo*” ou das máquinas 3D que os Estados Unidos afirmam como uma tecnologia própria. Entretanto, podemos encontrar muitas dessas técnicas presentes na favela, seja nas casas erguidas, nos encanamentos ou na maneira de trazer energia elétrica para esse território, ou seja, essa tecnologia já estava sendo utilizada nas favelas cariocas.

A residência contou com a participação de vinte jovens, moradores de diferentes favelas do Rio de Janeiro e da Baixada Fluminense. Procurei algumas dessas jovens após a residência para saber como estavam suas vidas depois dessa experiência e de que maneira elas foram afetadas pelo projeto. Entre as tais, se destacava uma moça de nome Sabrina Martina que, muito comunicativa, se relacionava bem com todos e logo se tornou uma das representantes do coletivo após o fim da residência. Ela compartilhara que seus olhos foram abertos para realização de produções independentes dentro do Alemão. Inclusive, ela iniciara seu caminho enquanto MC e trabalhava em uma produção, prestes a colocar na plataforma de vídeos Youtube.

Após esse encontro, me dediquei ao final da escrita do trabalho de conclusão de curso. Naquele momento o meu próprio projeto de estado da arte mudava: enxergar potencialidades na pesquisa me fez entender a necessidade de ampliar questionamentos sobre como a gambiarra é performatizada enquanto tática para resistir dentro da favela.

Segundo Gilberto Velho, sujeitos podem alterar suas trajetórias, de acordo com as possibilidades de negociações da realidade. No entanto, são essas ações que vão interferir para que o *projeto* se defina de acordo com os objetivos e campo de possibilidades de cada indivíduo. Durante o período de finalização de TCC, se iniciou um “*potencial de metamorfose*” (VELHO) em meu *projeto* (VELHO) de vida e carreira enquanto Produtor Cultural, já que cursar uma pós graduação não era parte de meus planos naquele momento. Minha única possibilidade seria ingressar no mercado de trabalho.

Entretanto a data de 29 de julho de 2016, alterou os rumos da pesquisa. As professoras presentes na banca para avaliar o trabalho foram muito generosas em suas considerações, e abriram meus olhos para a potencialidade da pesquisa. Minha orientadora havia comentado, mais de uma vez, sobre a relevância deste trabalho dentro da academia. As vezes precisamos estar mais abertos para acreditar em nós mesmos.

A proposta inicial desta pesquisa para o mestrado era dar prosseguimento ao trabalho de conclusão de curso de graduação em Produção Cultural<sup>4</sup>, que ocorreu no Complexo do Alemão, complementando as interações presentes na relação entre os *makers* e as gambiarras, através das experiências dos fazedores culturais que moram no Alemão. No entanto, alterei o projeto, durante uma visita ao *Slam Laje* porque fui surpreendido. Em cima de uma laje, dentro do Complexo do Alemão, numa tarde de maio de 2017, abria-se um novo cenário cultural na favela. Através de encontros mensais e diversos elementos como laje, caixas de som, microfones e batalhas de passinho iniciava-se um novo tipo de produção cultural de periferia: o *Slam Laje*. A percepção de como as performances eram carregadas de expressões, poesias que falavam de si. A confirmação para a mudança se deu em virtude de um reencontro com a jovem Sabrina, agora MC Martina, ativista periférica, poeta e uma das responsáveis por aquele *slam*. Tal como o meu, após dois anos, o seu *projeto* também seguiu seu próprio caminho.

Há três elementos que têm fortalecido um novo cenário dentro do Complexo do Alemão no subúrbio carioca: a favela, jovens com múltiplas identidades e o desejo de passar suas mensagens. Ao trazer um novo modo de enxergar a poesia, alguns jovens se apropriam de um “senso comum” presente em nossa sociedade sobre o tipo de cultura que tem sido produzida nas favelas ainda consideradas marginais e conseqüentemente excluídas, e os subvertem. Por meio de encontros dentro desse universo poético, esses jovens periféricos se reúnem para ouvir, ler, recitar poesias. Em seus textos, criticam a forma como a sociedade os enxergam, o machismo, a homofobia e como resposta, alguns se apresentam como poetas favelados e como poetas vivos, pois diferentemente de muitos poetas conhecidos e consagrados nos livros eles não estão mortos, mas sim vivos.

O *slam* se tornou elemento central na pesquisa. Me surpreendi ao perceber que, ao longo dos dois anos do mestrado, tem se tornando cada vez mais comum produções acadêmicas sobre o tema. Apesar disso, há um desejo de realizar uma abordagem diferente das que já existem, com de viés metodológico diferenciado, através de análises dos versos desses poetas.

Pretendo defender através dessa pesquisa que as performances que ocorrem no ambiente do *slam*, fornecem uma característica peculiar a esse modo de performar e

---

<sup>4</sup> Complexo é ter identidade – juventude em formação no alemão A experiência do GatoMídia no favelado 2.0 . Trabalho de pesquisa sobre a residência Favelado 2.0 oferecida pelo Coletivo GatoMídia.

criar, além de compreender a relação que há entre as trajetórias desses poetas, a afirmação de suas identidades periféricas através das poesias recitadas e como o discurso crítico e social se perpetua nos versos apresentados. Há um interesse por conhecer essas práticas culturais, evidenciá-las e apresentar através de estudos quem são esses poetas e o que eles têm produzido a partir de sobrevivências, mais do que a imposição de algo trazido de fora da favela para dentro dela, propagar o que é produzido e criado ali, mostrando os seus interesses e suas expressões artísticas.

O trabalho se propõe, em um primeiro momento, fazer uma pesquisa etnográfica nos eventos de batalhas de poesia que acontecem no Complexo do Alemão e na competição de *slam* estadual (*Slam RJ*) e nacional (*Slam BR*) além de entrevistas com poetas e produtores do *Slam Laje*. Através da pesquisa de campo serão analisadas as performances desenvolvidas por cada um deles e a origem dessas poesias. Para que haja uma conexão entre a pesquisa que será desenvolvida junto aos conceitos estudados, serão feitas pesquisas bibliográficas sobre os temas de identidade, criação, performance e juventude. Ao longo da dissertação, pretendo trabalhar com os conceitos de táticas e estratégias de Michel de Certeau, conceitos de projeto e trajetória de Gilberto Velho e o silenciamento dos sujeitos subalternos de Gayatri Spivak.

Portanto, **Três minutos, Duas Mãos e Uma Voz** se apresenta como elemento desse jogo poético que tem se transformado em arena de discussões políticas para os jovens que frequentam. **Três minutos** representa o tempo máximo de performance para que o poeta que está se apresentando não seja penalizado na competição; **Duas mãos** traz referência a escrita dos versos, mas também como parte da performance que esse poeta desenvolve, como alguns poetas que as utilizam através de gestos minuciosamente ensaiados para que junto a reprodução do texto seu corpo manifeste determinada sensação ou sentido. **Uma voz** fala sobre o discurso de resistência que, vozes que até então foram silenciadas em nossa sociedade, emitem. Compreendendo que essa voz é afirmação do indivíduo na sociedade.

Para o primeiro capítulo, intitulado *Diálogo, Superação e Resistência*, apresentarei o surgimento do *poetry slam* em Chicago nos Estados Unidos e como esses jogos poéticos se difundiram e se tornaram uma competição conhecida internacionalmente. Será contextualizada, a chegada da competição chega ao Brasil e sua ressignificação através da figura da atriz e poeta Roberta Estrela D'Alva através da apropriação de jovens negros e periféricos que se apropriam desse encontro poético para

realizar críticas sobre suas vivências. A partir desse capítulo, apresentaremos os demais de maneira a costurar essa narrativa crítica feita por cada poeta, destacando as mulheres e seus discursos na competição. Busco analisar o discurso comum às mulheres dentro da competição e como relações sociais e críticas ao machismo surgem nos versos dessas poetisas, que relatam suas experiências, violências e dores em seus versos de forma que o compartilhar dores no *slam* se tornar espaço de cura e conforto por parte de cada uma delas.

No segundo capítulo, intitulado A favela está passando a mensagem, enfocaremos o movimento de *Slams* no Estado do Rio de Janeiro de maneira mais específica o *Slam Laje*, realizado no Complexo do Alemão. O *Slam* tem repercutido nos últimos anos para além de São Paulo, onde o movimento chegou primeiro, e no caso do *Slam Laje*, tão recente, com pouco mais de dois anos de existência, muitos poetas de diversos estados já passaram por ele. Pretendo analisar as múltiplas identidades desses poetas, que utilizam seus corpos como manifestos vivos de resistência e sobrevivência. Afora isso, analiso os processos de criação e preparação durante os campeonatos estadual, nacional.

No terceiro capítulo, intitulado MC Martina - Projeto e Pertencimento na vida de uma Poeta Favelada, analisaremos a trajetória de MC Martina, como a conheci no ano de 2016 numa residência, realizada pelo coletivo GatoMídia e como a experiência no coletivo foi catalisadora na vida dessa jovem. Pretendo ponderar nesse capítulo como o *slam* e a poesia marginal alteraram o *projeto* de vida da MC e potencializaram sua carreira enquanto poeta. Desejo abordar alguns episódios que marcaram a carreira da jovem, como uma viagem a Atlanta no EUA para falar sobre políticas antidrogas, suas apresentações nos programas *Criança Esperança* e *Conversa com Bial* na Rede Globo, em 2017. Busco compreender a relação da poeta com a universidade, que embora não tenha ingressado em um curso superior na universidade pública, segue palestrando em diversas delas pelo país.

# Três Minutos

Eu tô acostumada a não chorar tio,  
Sem meio termo,  
Eu to acostumada com os picotes da vida  
Com a falta de amor, com a falta de afeto  
Desde menor sempre sozinha  
Me amando sem entrelinha  
Me amar foi escolha minha  
Porque eu venho pra cumprir a função  
Eu juro “procê” eu não tinha  
Mas agora o amor vende,  
parece que está em alta  
Tem lugar que ainda falta  
Vai na quebrada perguntar  
Pergunta pros “menó” dos fuzil, das HK  
Se com os trampos lá do morro,  
Com pouco, dá pra comprar amor  
Se a pistola que não endola,  
Mas na real defende agora,  
tá podendo amar o menor muito mais que tu e eu  
Senta ele e pergunta a cor da parede escondida  
Se os furos decora a vista  
Ou fazem parte do acidente que as vezes  
Decora a gente que tá subindo o morro

*Texto apresentado pela  
Poeta Carol Dall Farra  
Durante a competição final  
do Slam das Minas em 2017.*

## CAPÍTULO I

### DIÁLOGO, SUPERAÇÃO E RESISTÊNCIA

No primeiro capítulo, será apresentado um breve panorama do surgimento do movimento conhecido como *poetry slam*, e de sua chegada ao Brasil. Em nosso país, o *slam* chega através de Roberta Estrela D'alva que se torna a “cara” da competição no Brasil. Aqui ele é reinventado e dá origem a outros diferentes estilos de *slam*. Outrossim, quero identificar como o sofrimento é um elemento recorrente nas poesias do *slam*, sendo relatada majoritariamente por mulheres e de que maneira essas poesias que são enunciadas atravessam a vida do público, como instrumento de cura e consumo. Além de analisar o sofrimento, enquanto narrativa, específica e direcionada com intenção de produzir resultados.

#### **POETRY SLAM – 3 MINUTOS PARA FALAR!**

O *poetry slam* foi criado em meados da década de 1980 em Chicago, Estados Unidos. Surgiu com uma proposta de unir a poesia à performance. O idealizador desse acontecimento poético foi Marc Kelly Smith, um trabalhador da construção civil e poeta, que conseguiu transformar esse evento em um grande movimento cultural que desde então, tem alcançado pessoas, no Canadá, França, Alemanha, Holanda, além de alguns países no continente africano, e notadamente no Brasil. Smith, nasceu em 1949 e trabalhou por mais de uma década com construção civil. Além do trabalho, ele também escrevia e lia poesias, versos de Walt Whitman, Wallace Stevens e Robert Frost, autores que ele admirava.

Segundo Roberta Estrela D’Alva (2011), era uma “tentativa de popularização da poesia falada em contraponto aos fechados e assépticos circuitos acadêmicos”. A proposta para Smith é que o *poetry slam*, surgisse como algo subversivo e com intuito de abrir espaço para poetas que não estavam dentro do mercado. Em 2009, em entrevista ao jornal *The New York Times*<sup>5</sup>, Smith comenta esse período: “*No começo, isso era realmente uma coisa de base sobre pessoas que escreviam poesia há anos, anos e anos e não tinham audiência*”<sup>6</sup>

A palavra *slam* é uma onomatopeia da língua inglesa e indica o som de algo como se fosse uma “batida” de porta ou de janela. Essa palavra é utilizada também para se referir à vitória de um mesmo jogador em uma sequência de torneios de baseball e tênis por exemplo. Foi Smith quem nomeou de *slam* os campeonatos de performances poéticas que organizava. As competições eram conhecidas como *Uptown Poetry Slam*, iniciaram em um bar de jazz chamado *Green Mill* em Chicago, se expandindo para as periferias da cidade. Através da colaboração de outros artistas, Smith organizava noites de performances poéticas, com o intuito da popularização da poesia falada, em oposição à poesia acadêmica.

A programação dessas noites consistia em um conjunto inicial de microfone aberto, onde qualquer um da plateia poderia subir ao palco e recitar, seguido de uma performance de um artista convidado e, então a competição. Em se tratando de uma competição, o prêmio daquele que vencesse a batalha de poesias era a quantia de cinco dólares ou uma barra de chocolate.

A autora Susan B. A. Somers-Willett (2009) afirma que a subjetividade das poesias performadas no slam ressoa a rejeição do movimento em relação a uma nova objetividade crítica ou universalidade acadêmica.

A frustração dos poetas do slam sobre o monopólio acadêmico em leituras de poesias e os ares intelectuais destes eventos ajudaram a aumentar o barulho da atmosfera contracultural dos slams que persiste em muitos locais hoje. (SOMERS-WILLETT, 2009, p. 4, tradução nossa)<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.nytimes.com/2009/06/03/books/03slam.html>;. Acesso em 28/12/2019.

<sup>6</sup> “At the beginning, this was really a grass-roots thing about people who were writing poetry for years and years and years and had no audience”

<sup>7</sup> “*Slam poets’ frustration over the academic monopoly on poetry readings and the attending highbrow airs of these events helped fuel a rowdy, countercultural atmosphere at slams, one that persists at many venues today.*”

**Figura 2:** Marc Kelly Smith durante competição no bar Green Mill em Chicago.



**Fonte:** Green Mill Jazz<sup>8</sup>

Houve resistência por parte da academia em reconhecer o *poetry slam* como parte da cultura literária, quanto a isso a autora continua:

Nesse sentido, o verso popular é marginal, ou seja, existe fora do dominante centro de produção, crítica e recepção da poesia, que é frequentemente localizado dentro da cultura acadêmica. Verso popular em performance também se envolve em uma tensão maior com a cultura dominante, geralmente localizada ou incorporada pela classe média branca americana. Seus artistas são boêmios, vagabundos, militantes ou contraculturais. Em muitos aspectos, as tensões duplas do verso popular com dominantes e cultura acadêmica são inseparáveis, pois os poetas populares costumam retratá-los como o mesmo. Em termos redutivos, mas totalmente familiares, ambas as culturas são vistas como reinos daquele vago e ameaçador opressor, "o homem". (SOMERS-WILLET, 2009, p. 40, tradução nossa)<sup>9</sup>

Através da força desse movimento, um novo cenário foi aberto, propício à criação de novas performances artísticas que usam a palavra como modo de expressão daquilo que antes era apenas sentido. Dentre estas performances, está o *slam*, um tipo de sarau que ocorre nos moldes de batalha de poesias. A pesquisadora Lidiane Viana Assis (2018) afirma ser muito difícil definir o *slam*, pois segundo ela:

<sup>8</sup> Disponível em: <http://greenmilljazz.com/media/#photos>; Acesso em 18/11/2019.

<sup>9</sup> "In this sense, popular verse is marginal, that is, it exists outside the dominant center of poetry's production, criticism, and reception, which is often located within academic culture. Popular verse in performance also engages in a larger tension with dominant culture, one often located in or embodied by the American white middle class. Its artists are bohemian, vagabond, militant, or otherwise countercultural. In many respects, popular verse's dual tensions with dominant and academic culture are inseparable, for popular poets often portray them as one and the same. Put in reductive but utterly familiar terms, both cultures are seen as realms of that vague and ominous oppressor, "the man."."

Ora visto como uma competição de poesia falada, ora como ambiente para livre expressão poética, o *slam* tem-se apresentado como um espaço onde as questões da atualidade são debatidas, com uma roupagem de entretenimento. (ASSIS, 2018, p.20)

Embora a pronúncia da palavra lembre o termo que designa a religião muçulmana, não existem valores ou símbolos comuns. Há três sentidos principais da palavra *slam*. A expressão pode ser compreendida como movimento cultural amplo que alastra pelas comunidades e mantém o perfil de *performance*; *slam* é também o nome com qual vai se designar o espaço físico coletivo no qual se reúnem os jovens em uma localidade; e por fim, *slam* é ainda o dia da competição, daonde se conclui: *hoje é dia de slam!*

O *slam* é uma competição de poesias faladas que trata de temas sociais, durante a qual poetas ou *slammers*, são avaliados não por um júri técnico ou específico, mas pelo próprio público. Isso torna a plateia muitas vezes não apenas espectadora de poesias, mas atores com um papel muito importante de avaliação do que foi apresentado. O pesquisador Rogério Coelho apresenta a força da experiência como potência para o protagonismo do público.

A potência do público em ser protagonista em ato estará condicionada apenas ao desejo de protagonizar. Ou seja, o encontro dos saraus provoca esse desejo explicitado pelos momentos de partilha. É a experiência de partilha que nos leva a crer que, ao ver alguém recitando, exercendo sua potência como protagonista, por meio de sua voz poética, ela implementa mais uma etapa da conquista dos desejos alheios, porque, em princípio, esse alguém partilha sua voz num espaço em que todos(as) têm a liberdade para tal. (COELHO, 2017, p.91)

Essa competição no Brasil acontece nas ruas e, na maioria das vezes, em territórios periféricos. Sua composição é majoritariamente de jovens não universitários que não carregam consigo uma preocupação com a norma culta ou até mesmo com regras gramaticais. Sua ênfase está em passar sua mensagem ou “dar o papo”, afinal é o público quem vai decidir quem será o vencedor. Essa competição faz parte de um campeonato que tem suas divisões locais, estaduais e nacional, e que vale uma vaga para a Copa do Mundo de Poesia (*Coupe de Mónde Slam*) ou também conhecida como *Slam* Mundo que acontece em Paris.

Durante a etnografia, acompanhando alguns slams pela cidade do Rio de Janeiro, observei quão diverso é o público que frequenta as batalhas que acontecem na cidade. De grupo de poetas, que circulava os slams de amigos para fortalecer aquele evento e tentar garantir uma vaga para concorrer no campeonato estadual, a moradores

da Zona Sul que cruzavam a linha dois do metrô para subir a laje<sup>10</sup> de um espaço de co-working no Complexo do Alemão para apreciar poesia, bem como turistas de diversas nacionalidades.

O público, em grande maioria, é composto por mulheres, no entanto a presença de homens também é comum. Conforme eu ia me tornando assíduo nos slams alguns rostos se tornavam familiares. O *Slam Laje*, que acontece no Complexo do Alemão, no subúrbio carioca, foi um dos lugares em que, apesar da diversidade a cada edição, possuía o seu público “fiel”. A competição acontecia em cima de uma laje e costumava receber grupo de alunos de escolas públicas, turistas e os próprios moradores da comunidade.

É mister delinear como a relação dos poetas junto ao público pode ser afetuosa ou conflituosa. Durante a explosão do movimento na cidade, no ano de 2017, muitos pesquisadores, alunos com desejo de finalizar seus TCCs, se aproximaram de determinados slams, registraram o evento ou realizaram fotos sem autorizações dos poetas e sem que houvesse qualquer diálogo ou contrapartida para esses poetas, e assim suas vidas foram expostas, sem que soubessem. O movimento de slams no Brasil se tornou então, em muitas ocasiões, avesso a figura dos pesquisadores e da imagem que a Universidade traz. Quanto a isso, Carlos Cortez Minchillo afirma:

Ao evidenciar sua situação de investigador, o acadêmico talvez reforce o seu provável “não pertencimento”, o que pode causar reações de desconfiança sobre a legitimidade da sua presença e da apropriação da realidade e das representações marginais a partir de instituições que lhes são estranhas, como a universidade. Entende-se essa relutância (ou mesmo aversão): a ideia que sustenta o conceito de literatura marginal contemporânea é o imperativo político de falar de própria voz. (MINCHILLO, 2016, p.141)

Alguns *slammasters* costumam dizer sobre isso durante a escolha dos jurados, “*Hum você tem cara de que veio aqui para fazer TCC*”, “*Não conhece nenhum poeta? Não veio aqui fazer pesquisa de faculdade não né?*”. No entanto, apesar desse “*pé atrás*” junto a imagem que a universidade tem, minha inserção no campo foi muito afetuosa e de muito respeito ao movimento e aos poetas.

Cada *slam* realiza suas competições de acordo com sua programação local. Os vencedores de cada edição competem em uma semi-final, cuja data é estabelecida localmente. O vencedor avança para o campeonato estadual e quem vence essa etapa

---

<sup>10</sup> Laje é um terraço, muito comum nas habitações das favelas cariocas. Esse lugar abarca uma pluralidade de usos que cumprem objetivos que vão desde abrigar caixas d’água, varais até a realização de churrascos e bailes.

representa seu estado na competição nacional, mais conhecido como *Slam* BR, em dezembro de cada ano. O poeta campeão representa o Brasil no *Slam* Mundo, em Paris no início de cada ano. Há um termo de responsabilidade que é assinado por cada poeta no qual os poetas se comprometem a cumprir as regras da competição e caso essas não sejam cumpridas o Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, organizador do evento, possui autonomia para desclassificar qualquer poeta durante os dias do Slam BR.

Para que o poeta possa chegar até a grande final do campeonato brasileiro de poesia falada é necessário passar pelas etapas locais e regionais: estadual e nacional. As locais são realizadas pelo próprio *slam* da região num mínimo de cinco edições, podendo chegar ao total de sete. A última edição deve ter caráter de semi-final, definindo “o melhor dos melhores do ano”, e conseqüentemente o representante daquele *slam* na estadual. No ano de 2018, foram realizadas sete edições locais para a estadual.

No Rio de Janeiro, a estadual é realizada pelo coletivo *Slam* das Minas e suas últimas edições nos anos de 2018 e 2019 ocorreram com parceria do Circo Voador, efervescente e importante epicentro cultural, social e político localizada no bairro da Lapa. Nessa etapa os poetas se enfrentam em busca da vaga para representar seus estados na última fase do campeonato, em São Paulo e os poetas classificados representando seus estados viajam até a capital paulista para competir pelo título de campeão ou campeã do *Slam* BR daquele ano.

No ano de 2019, o campeonato nacional *Slam* BR implementou duas regras a mais que no ano anterior. A idade mínima para que o poeta possa competir na Copa do Mundo de *Slam*, que acontece em Paris, França, é 18 anos. No Brasil, não estabelecerem uma idade mínima para seus competidores. Caso o poeta vencedor ou vencedora seja menor de idade receberá o troféu e título de campeão: o *SLAM* BR. Entretanto, a vaga de representante brasileiro no exterior será do próximo poeta classificado que seja maior de idade.

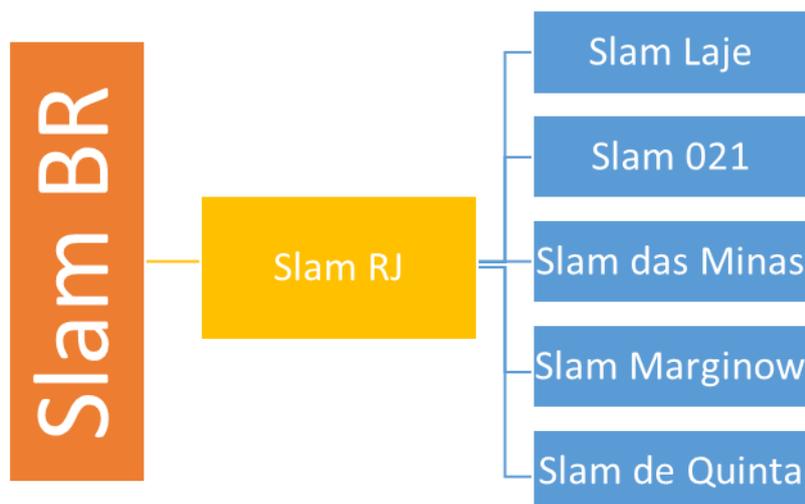
A proposta para que o campeonato se tornasse algo mundial surge através de um contato por parte do poeta sueco Erkki Lappalainen, no intuito de criar um torneio de slam o mais próximo a um campeonato olímpico. O primeiro campeonato internacional de slam aconteceu em Roma no ano de 2002, Marc Kelly Smith e Joey Kraynak trazem detalhes da competição no livro “*Take The Mic Performing Slam Poetry And The Spoken Word*”.

No Roma Poesia, em 2002, o poeta Lello Voce realizou o primeiro Slam Internacional num alto nível de concurso em uma estação de trem no meio de

Roma. Poetas da Espanha, França, Rússia, Alemanha, Inglaterra, Itália e Estados Unidos participaram. Os slammers se apresentaram em suas línguas nativas com traduções projetadas em uma enorme tela de vídeo atrás deles. Essa foi uma solução visual para o problema de julgar uma competição de slam em diversas línguas e foi um sucesso. (SMITH, KRAYNAK, 2009, p. 47, Tradução nossa)<sup>11</sup>

Desde então, durante as competições em nível internacional, os poetas que vão competir ou participar enviam suas poesias previamente, e durante sua performance o texto é transmitido em sua língua original, da maneira que o poeta está apresentando e abaixo o texto é traduzido para a língua onde acontece a competição. A competição mundial, internacionalmente conhecida como *The Poetry Slam World Cup* ou *Grand Slam* acontece em Paris, anualmente seguindo as regras de que o poeta envie poesias autorais, de até três minutos e a tradução das poesias será feita para o francês e inglês sendo transmitida junto a performance do poeta.

**Figura 3:** Modelo das etapas de classificação no estado do Rio de Janeiro



**Fonte:** Acervo do pesquisador

Como qualquer outro campeonato, o *slam* possui regras, e apesar de acontecerem diferentes competições pelo país, são quase sempre as mesmas e por isso, considero algumas das ações praticadas nas batalhas de poesia como práticas ritualizadas que são performadas na competição.

<sup>11</sup> “At Roma Poesia in 2002, poet Lello Voce staged the first truly International Poetry Slam on the upper-level concourse of a train station in the middle of Rome. Poets from Spain, France, Russia, Germany, England, Italy, and the United States participated. The slammers performed in their native tongues with translations projected on a huge video screen behind them. It was a visual solution to the problem of judging a multilingual slam competition, and it was a complete success.”

Para tal abrangência, utilizaremos o conceito apresentado pelo o teatrólogo Richard Schechner (2012) que compreende ritual *como memórias em ação, codificadas em ações*. Isso faz com que abarquemos que não se trata de algo imaginário; ele se apresenta de maneira viva e em constante movimento nos objetos, nos corpos, nos códigos e símbolos que são empregados durante o ritual. Schechner (2012) afirma que “*nós não podemos passar um dia sequer sem executar dezenas de rituais*”, no entanto, esses rituais podem acontecer fora de um contexto religioso, se apresentam também em nossa rotina e nas práticas e interações diárias. Podemos dizer que alguns rituais se manifestam constantemente nas batalhas de *slam*. O apresentador ou *slammaster*, como também é conhecido, exerce um papel fundamental na programação do *slam*. Ele deve anunciar ao público o nome e uma pequena descrição de cada poeta, também deverá fazer a escolha dos jurados e pedir ao final de cada apresentação que eles falem suas notas. Esse momento de escolha de jurados é bastante ritualizado, o *slammaster* caminha entre o público presente e de forma interativa aborda as pessoas perguntando se elas conhecem alguns dos poetas que vão competir, se gostariam de fazer parte do júri daquela edição. Essa seria “*uma forma das pessoas se lembrarem*” (SCHECHNER) que esse é o mesmo critério utilizado em outros slams.

São escolhidos de forma aleatória cinco jurados pelo apresentador entre os membros da plateia um pouco antes da competição começar. A escolha aleatória dos jurados parte do princípio de que todo indivíduo é capaz de emitir uma opinião válida sobre arte e não seria necessária uma formação acadêmica ou técnica para isso.

**Figura 4** – Roberta Estrela D’Alva abordando o público para convidá-los a serem jurados



**Fonte:** Acervo pessoal do pesquisador

Então, uma vez escolhidos, eles devem estar atentos às apresentações e no momento solicitado informar a nota equivalente aquela apresentação. Os juízes darão notas de 0 a 10 para cada poema. É dada a eles uma placa que vem numerada e, ao longo da performance, o jurado deve escolher a nota, pois ao fim da apresentação e assim que solicitado devem levantar suas placas. Eles são instruídos a usar uma casa decimal para reduzir as possibilidades de empate entre os competidores. Cada poema receberá cinco notas, a mais alta e a mais baixa serão descartadas e as três restantes serão somadas, representando a nota final do poeta.

Conforme as notas são apresentadas pelos jurados o público presente reage a cada uma das notas com sons de euforia “*POW, POW, POW*” para cada nota 10 anunciada ou gritando “*CREDO!*”<sup>12</sup> para uma nota inferior ao 10. Quanto as manifestações do público dentro das batalhas e apresentações de poesia, Minchillo afirma:

A recepção se caracteriza não só pelo silêncio que geralmente predomina durante a apresentação de cada texto, mas também pelas manifestações de interação por parte da audiência – gritos, assobios, risos, palmas – que usualmente integram o evento performativo. (MINCHILLO, 2016, p.137)

Além dos jurados também é escolhido entre o público uma pessoa para ficar responsável por cronometrar as apresentações e outra para contabilizar as notas informadas pelo júri, esses são conhecidos respectivamente como contador e matemático.

Durante a final do campeonato *Slam* BR em dezembro de 2018, Roberta Estrela D’Alva, a *slammaster* do evento, realiza o ritual de percorrer entre a plateia e perguntar quem teria interesse em participar. A proposta é que o público que julgue as poesias seja “neutro”, não conhecendo os poetas que estão competindo para que não haja algum tipo de favorecimento por parte do júri. Para que os jurados entendam a dinâmica da competição, antes de iniciar as batalhas é feita uma calibragem. O autor Javon Johnson em seu livro *Killing Poetry* (Matando a Poesia) apresenta como acontece o momento da calibragem no *slam*.

No início da maioria dos ataques de poesia, o anfitrião da luta chama um poeta de sacrifício, geralmente dizendo: "Antes que possamos começar, deve haver sangue derramado neste palco". A platéia normalmente responde com "Baaaaaaa", até o artista começar. Também conhecido como poeta de calibração, esse cordeiro sacrificial executa apenas uma vez, perdendo sua

---

<sup>12</sup> Durante o campeonato estadual Slam RJ no ano de 2019 Letícia Britto que era uma das *slammasters* do evento diz que a pessoa que teria introduzido o grito de credo as notas baixas seria MC Cérebro durante um *slam* em São Paulo e desde então o mesmo reivindica os direitos autorais para o grito.

chance de avançar ou vencer o slam. O único trabalho do poeta é definir o padrão da noite, para dar aos juízes uma prova de pontuação antes que a competição real comece, e - na verdadeira maneira abraâmica - morrer pelo bem maior. (JOHNSON, 2017, p. 13, Tradução nossa)<sup>13</sup>

Um poeta que não vai competir se apresenta e logo após a performance é solicitada pelo *slammaster* a nota por parte do júri. Esse teste é para que o júri entenda a dinâmica das notas e possa deixar a nota pronta durante a performance do poeta. Assim que solicitada, a nota é anunciada e não teria que esperar a poesia acabar para que cada jurado separasse sua nota, o que tomaria um tempo maior na competição. Essa é outra prática que se torna ritualizada devido às regras do jogo e a maneira como deve acontecer para que todos compreendam como será feita a avaliação de cada poesia.

Os poemas podem ser de qualquer assunto ou tema e em qualquer estilo. Porém, é importante que cada poeta apresente poemas originais de sua autoria e as apresentações não devem ultrapassar três minutos de duração. Cada participante tem direito a alguns segundos para adaptar o microfone e o palco, o tempo começa a ser contado a partir do momento em que o poeta se dirige ao público, depois dos três minutos, penalidades de tempo serão aplicadas de acordo com os segundos além dos 3 minutos de apresentação. O anúncio das penalidades, são anunciadas pelo apresentador depois que os juízes tiverem atribuído as notas da apresentação do poeta.

Não é permitido o uso de auxílios visuais ou fantasias pelo poeta em sua apresentação. Essa regra de auxílios visuais tem o intuito de manter o foco nas palavras e na apresentação em si e não em objetos. Além do mais, não é permitida a repetição de poemas; os poemas precisam ser autorais e cada um deles pode ser usado uma única vez durante as eliminatórias e uma vez na grande final.

Alguns *slams* dividem as suas programações em momentos de competição e momentos de microfone aberto. Esse seria o espaço para qualquer um que está ali presente dar o seu recado e se apresentar, seja com poesias originais ou não. Isso pode ocorrer antes ou depois da competição, sendo a ordem escolhida de acordo com o grupo responsável pelo *slam*. Além disso, geralmente há uma premiação para o vencedor ou

---

<sup>13</sup> “At the beginning of most poetry slams, the bout’s host calls up a sacrificial poet, usually saying, “Before we can start, there must be blood spilled on this stage.” The audience typically responds with Baaaaaaaaa,” until the performer begins. Also known as a calibration poet, this sacrificial lamb performs only once, forgoing his or her chance to advance in or win the slam. The poet’s sole job is to set the standard for the night, to give the judges a test run at scoring before the actual competition begins, and—in true Abrahamic fashion—to die for the greater good.”

vencedores daquela edição do slam, as premiações podem variar entre livros, camisas ou qualquer outro tipo de prêmio que a organização do slam consiga para aquela edição.

### **ROBERTA ESTRELA D’ALVA – DO ZAP! AO SLAM BR**

Roberta Estrela D’Alva é atriz, MC<sup>14</sup>, pesquisadora e poeta, além de fazer parte de um movimento que se chama Frente 3<sup>15</sup> de fevereiro, grupo formado em 2004, depois que o dentista negro Flávio Ferreira Sant’Anna foi assassinado por policiais militares. Como resposta, artistas e intelectuais passaram a desenvolver pesquisas sobre racismo e a promover intervenções urbanas. Em uma das reuniões do coletivo que a atriz e mestre em comunicação e semiótica pela PUC – SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) assistiu a dois documentários internacionais sobre *slams*. Roberta Estrela D’Alva compartilha sobre como foi esse contato com o *poetry slam* em sua dissertação.

Eu já havia tido contato com trabalhos de poesia falada, o qual também é chamado spoken word, como A Revolução não será televisionada, de Gil Scott Heron, mas os materiais sobre o poetry slam, aos quais comecei a ter acesso, ampliaram muito a minha percepção dos usos da palavra em performance, do texto em ação. Dentre eles o documentário Slam Nation (1998), de Paul Devlin, que vinha com uma inscrição na capa do dvd: “poetry slam – o esporte da poesia falada”, e acompanhava o time de Nova Iorque no Campeonato Estadual de poetry slam nos EUA. O que mais chamava a atenção era a diversidade dos participantes e os diferentes estilos, as inúmeras possibilidades rítmicas e performáticas dos slammers e a proporção que a “modalidade” havia tomado não só nos Estados Unidos, mas em vários países do mundo. (D’ALVA, 2012, p.94-95)

Em uma entrevista ao site Huffpost a poeta fala sobre o interesse por aquilo que estava vendo. “*O que mais chamou atenção para mim foi a diversidade. Porque tinha gente de tudo quanto é tipo, vários assuntos e um jeito de se expressar diferente um dos outros*”. Roberta além de se tornar pioneira quando se trata de slam no Brasil, foi uma das primeiras pessoas a discutir o movimento dentro da academia, em sua dissertação “*A performance poética do ator-MC*” há um capítulo que ela destaca os

---

<sup>14</sup> MC é um acrônimo de Mestre de Cerimônias. Um MC pode ser um artista que atua no âmbito musical ou pode ser o apresentador de um determinado evento que não está necessariamente ligado a uma manifestação musical, o termo apareceu no âmbito do Hip Hop se relacionando a interação entre o MC e o DJ, pois enquanto o DJ toca a música, o MC interage com o público, criando um ambiente mais envolvente.

<sup>15</sup> A frente 3 de fevereiro é um grupo transdisciplinar de pesquisa e ação direta acerca do racismo na sociedade brasileira. Sua abordagem cria leituras e coloca em contexto dados que chegam à população de maneira fragmentada através dos meios de comunicação.

movimentos de *Poetry Slam* e *Spoken Word* o que seria em uma tradução mais literal respectivamente Poesia Slam e a Palavra Falada.

Em uma viagem feita para a cidade de Nova York para fazer pesquisas de hip-hop para uma peça que iria produzir, Roberta aproveitou para conhecer alguns dos clubes tradicionais de *slam* de lá. Quando retornou ao Brasil, buscou informações sobre as competições do tipo e não encontrou nenhuma e através de um projeto que estava no papel e de algumas articulações, o primeiro *slam* do país aconteceu.

No Brasil o movimento dos *Slams* foi trazido pela poeta, em meados dos anos 2000, mais específico em dezembro de 2008 após voltar de viagem. Nesse momento a poeta se deu conta que o movimento de *poetry slam* e *spoken word* que já era bastante conhecido nos Estado Unidos, ainda não existia no Brasil.

O ZAP! *Slam* quer dizer “Zona Autônoma da Palavra” e foi o primeiro *slam* do Brasil tendo sua primeira edição em 11 de dezembro de 2008. Ainda que de forma improvisada, ficou lotada e teve uma recepção positiva por parte do público presente. Durante o processo de criação do evento, Roberta precisou entrar em contato com diferentes pessoas para conseguir realizá-lo. Na ocasião, ela compartilhou no blog<sup>16</sup> do evento sobre como havia sido surpreendida pela recepção do público ao *slam*. Naquela edição eles contaram com a participação de 13 poetas inscritos para a batalha de poesia.

O evento acontecia no Núcleo Bartolomeu de Depoimentos<sup>17</sup> em São Paulo, porém a sede foi demolida no ano de 2014 e desde então não tem um espaço fixo. As últimas edições do ZAP! aconteceram no Galpão do Folias. Em dezembro de 2018, a cena de *slam* no Brasil completou dez anos. Esse encontro, que pode ser considerado político e poético, tem crescido por todo o país e muitas vezes têm sido ouvidas durante esses anos, e a partir dele outros slams surgiram pela cidade, pelos estados e, cada vez mais, por todo o país.

A cidade de São Paulo já vivia uma onda da conhecida poesia marginal muito frequente nos saraus da cidade. Por meio de nomes como Sérgio Vaz e Reginaldo Ferreira da Silva, mais conhecido como Ferréz, a periferia se destacou por meio dos

---

<sup>16</sup> Disponível em <http://zapslam.blogspot.com/search/label/ZAP1> . Acesso em: 26/02/2019.

<sup>17</sup> O Núcleo Bartolomeu de Depoimentos da Cooperativa Paulista de Teatro, formado por Claudia Schapira, Eugênio Lima, Luaa Gabanini e Roberta Estrela D'Alva, nasceu no ano de 2000 e tem como pesquisa de linguagem o diálogo entre a cultura hip-hop, com a contundência da auto representação como discurso artístico, e o teatro épico e seus recursos: o caráter narrativo, apoiado por uma dramaturgia que se configura depoimento do processo histórico; como instrumento que elucida uma concepção do mundo, e coloca o ator-narrador em face de si mesmo como objeto de pesquisa; como homem mutável; em processo, fruto do raciocínio, da reflexão.

saraus que são “reuniões festivas apresentando concertos musicais, serestas, cantos e apresentações solo, demonstrações, interpretações ou performances artísticas e literárias”. (TAVANTI,2018). Um dos grandes saraus da cidade de São Paulo é o Cooperifa (Cooperativa Cultural da Periferia) que acontece, semanalmente, em um bar localizado na Zona Sul da cidade e reúne poetas periféricos.

Roberta Estrela Dalva em entrevista ao site *omenelick2ato* traz o relato de como ela se tornou a primeira representante do Brasil no Campeonato Mundial de poesia falada

Desde que soube da existência do poetry slam comecei a pesquisar sobre o assunto e quando tive conhecimento da existência de campeonatos internacionais quis muito participar. Um dos mais importantes desses campeonatos gringos é a Copa do Mundo de Poesia Slam, que acontece em Paris, promovido pela Federação Francesa de Poesia Slam (sim, uma federação! eles realmente levam isso bem a sério por lá). Através de um toque sobre o evento, dado por uma amiga slammer que mora na Bélgica, minha participação começou a ficar concreta e uma semana depois de ter entrado em contato com a organização e enviado meu material para ser avaliado, eu era a representante do Brasil na Copa do Mundo de Slam! (D’ALVA, 2011)<sup>18</sup>

Aqui no Brasil os *slams* acontecem nas ruas majoritariamente, e isso se tornou uma marca nacional: o desejo de ocupar os espaços públicos através da poesia. Outra característica marcante é o romper com o conceito de batalhas de poesia para se tornar um movimento político de resistência das favelas e periferias. Os *slams* estão inseridos em um contexto mais amplo de produções culturais e artísticas em regiões periféricas da cidade, onde historicamente se vêem as ausências e falhas de equipamentos do poder público no atendimento às demandas das populações. Esses movimentos de *slam* estão se convertendo em novos espaços de sociabilidade em que se busca, através da poesia e da arte, o debate de questões sociais, apoiados na interação entre poeta e público.

O movimento cultural *poetry slam* tem transformado encontros poéticos em forma de luta e resistência. A ideia fundamental é partirmos do ponto de que diante da quase total ausência dos organismos públicos em resolver problemas seculares da população pobre e periférica, essas possam, então, levantar esforços para desenvolver atitudes críticas, criativas através da arte e da poesia.

Após a propagação do movimento de slam pelo país, outros slams surgiram com algumas regras diferenciadas a exemplo o Menor Slam do Mundo que é uma batalha com poesias que devem ser apresentadas em até 10 segundos. Nesse mesmo

---

<sup>18</sup> Disponível em <http://www.omenelick2ato.com/artes-literarias/declama-te-ou-devoro>. Acesso em :11/11/2019

encontro acontecem o Minimenor Slam do Mundo, com poemas de até 3 segundos e o Nano Slam com até 1 segundo. O objetivo do Menor Slam é mostrar a poesia de forma dinâmica, a poesia que tem menos espaço para ser apreciada oralmente, a poesia curta. O poema reduzido à sua menor forma, condensada e bastante efetiva na linguagem ou mensagem.

Quanto a propagação de diferentes modalidades que existem de slam no Brasil, o pesquisador Rogério Coelho exemplifica alguns dos diferentes slams que acontecem na cidade de São Paulo.

O Menor Slam do Mundo, na Vila Madalena em São Paulo, organizado pelo poeta e performer Daniel Minchonni, prevê que cada participante recite seus textos em até dez segundos. Outra modalidade é o “nano-Slam”, com poemas de até um segundo. As performances que surgem daí dão conta da síntese e do jogo de palavras, como “Gabunça”, um poema-palavra de Minchonni que ilustra bem essa síntese rápida. Há também o Slam do Corpo, do coletivo Corposinalizante, que leva à cena de slams pessoas surdas que estão em competição nos eventos nacionais e internacionais de slam.(COELHO, 2017, p. 97)

No Rio de Janeiro, o *slam* tem ocupado diversos bairros e praças da cidade, configurando-se como estratégia implícita de vivência urbana contribuindo para pensar e debater as formas de se estar e utilizar as praças e locais públicos. Pois em seus corpos trazem consigo um novo olhar de utilização desses espaços não apenas de maneira performática, mas também como uma experiência política.

Os praticantes ordinários das cidades realmente experimentam os espaços quando os percorrem e, assim, lhe dão “corpo” pela simples ação de percorrê-los. Estes partem do princípio de que uma experiência corporal, sensório-motora, não pode ser reduzida a um simples espetáculo, uma simples imagem ou um logotipo. Ou seja, para eles a cidade deixa de ser um simples cenário no momento em que ela é vivida. E mais do que isso, no momento em que a cidade – o corpo urbano – é experimentada, esta também se inscreve como ação perceptiva e, dessa forma, sobrevive e resiste no corpo de quem a pratica. (BRITTO; JACQUES, 2008 p. 83)

Diante da espetacularização das cidades o movimento cultural do *slam* resiste a esse processo e as formas convencionais de viver a cidade. O movimento tem se espalhado ao redor do mundo e, mesmo com tamanha proporção, guarda um caráter local e suas regras podem mudar de acordo com a localidade. Essa localidade tem um papel fundamental pois é a partir dela que questões importantes surgem como a identidade, o nome e o grito desse *slam*. O nome é dado pelo grupo responsável pelo *slam*. No Brasil temos como exemplo o *Slam* das Minas (RJ), *Slam* Resistência (SP), *Slam* da Quentura (CE) e assim os nomes vão mudando de acordo com as escolhas dos grupos.

Apesar do movimento ter sido criado por um homem branco, no Brasil é ressignificado pelos negros que se identificaram com a arte de unir poesia e crítica social, principalmente em um país onde a maioria da população é negra e casos de racismo ou violência contra negros é cada vez maior. Segundo dados do Atlas da Violência 2019, estudo elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Em um período de uma década, entre 2007 e 2017, a taxa de homicídios de negros no país cresceu 33,1% e no mesmo período, a taxa entre os não negros subiu 3,3%.

Em uma de minhas idas ao campo, uma *slam* mulher e negra, durante a escolha do júri que é um momento em que normalmente o público presente fica bastante eufórico em participar da competição, disse que existia uma cota de branco para o júri e naquela ocasião deveria ser escolhida uma mulher branca, pois segundo *ela* “*os homens brancos já nos silenciaram por muito tempo*”. Quanto a importância desse tipo de movimento, vem:

Daí o significado político e social da intensa movimentação cultural que tem surgido nas áreas periféricas das metrópoles brasileiras, onde, há mais de 15 anos, ativismo social e eventos artísticos estão, a despeito de condições quase sempre precárias, resgatando cidadania, fortalecendo autoestima, criando instituições e canais democráticos de expressão e favorecendo redes de sociabilidade por meio da música, do cinema, do teatro, do grafite e da literatura. (MINCHILLO, 2016, p.128)

Precisamos compreender que o grito é algo que afirma a identidade daquele lugar onde acontece o *slam*, cada grupo tem o seu e essa fala é sempre feita antes de alguma apresentação pelo apresentador interagindo com o público presente com o intuito de mandar boas energias para o poeta que vai se apresentar. Em São Paulo temos o exemplo do grito do *Slam Resistência* “*Sabotagem sem mensagem na mensagem: Slam Resistência!*” e no Ceará o grito do *Slam da Quentura* é “*Poesia nua e crua, Slam da Quentura*”.

Ao final de cada ano, esses poetas se encontram no evento conhecido como Slam BR, o campeonato brasileiro de poesia falada. No ano de 2018 o evento completou dez anos de existência e para essa edição foram escolhidos 25 poetas representantes de diferentes *slams* pelo Brasil, ainda que a maioria seja representante da Região Sudeste, o movimento tem se expandido e no mesmo ano foram contabilizados 160 *slams* por todo o país, sendo 44 no estado de São Paulo e 27 no Rio de Janeiro sendo esses estados os que possuem mais *slams*.

Em 2018, a poeta Roberta Estrela D’Alva junto a diretora Tatiana Lohmann, lançaram o filme *Slam: Voz de levante*. O filme, que conta com a direção das duas, acompanha o crescimento da cena brasileira desde 2008, através do protagonismo de Roberta. Ela narra e conduz o público às origens do movimento, nos EUA, além de compartilhar sua trajetória na final do mundial no ano de 2011 e no ano de 2017 acompanhando a campeã brasileira Luz Ribeiro, até a Copa do Mundo de *Slam* em Paris. O filme mostra entrevistas com algumas das referências do movimento no Brasil e no mundo, como o criador do movimento Marc Kelly Smith, o poeta Bob Holman que foi um dos pioneiros do movimento de *Spoken Word* em Nova York e a poeta Mel Duarte e o criador do *slam* da Guilhermina poeta Emerson Alcalde.

## **POETAS, PERFORMERS E FAVELADOS**

Durante a experiência nas batalhas de poesia, percebi como os/as poetas são criativos/as. Uma das grandes astúcias desses poetas é a forma que têm encontrado de criar alternativas para se manterem e se sustentarem como artistas e poetas independentes. Nesse momento, soluções imediatas são feitas dentro do universo desse poeta favelado, e não apenas em sua comunidade. É preciso refletir sobre como a ideia de sobreviver se relaciona as táticas utilizadas por eles, por exemplo, através ataques poéticos dentro dos transportes públicos, da venda de materiais vinculados aos seus coletivos como camisas ou zines.

O ataque poético tem se tornado comum em transportes públicos. Os poetas apresentam suas poesias dentro dos vagões de trem e metrô e após a apresentação passam o chapéu recolhendo as contribuições por aquela performance. Utilizo o mesmo conceito de tática do autor francês Michel de Certeau, como astúcia, o que se encontra onde ninguém espera e assim criam-se surpresas. Durante o ataque poético, o improvisado se transforma em poesia e isso pode se transformar em livro ou em zine, que é um livreto básico, independente. O zine tem sido uma ferramenta de difusão de poetas independentes, que têm total responsabilidade e participação, desde a produção até a publicação: desenham, escrevem, organizam e imprimem. Há também zines coletivos, e aí o resultado é repleto de diversidade de ideias, escritas e poesias.

**Figura 5** – Zines que são vendidos durante as batalhas de poesias



**Fonte:** Página [Ihateflash.com](http://Ihateflash.com)

Essa forma de trabalho autônoma não garante um salário fixo. Recordo-me de ter encontrado com MC Martina, poeta e ativista no transporte público, numa sexta-feira à tarde, em direção a uma praia da zona sul, com sua irmã e com a poeta Jaqueline Alves. Na ocasião, ela relatou que estava indo para a praia com o dinheiro contado das passagens, mas iria se divertir e a falta de recursos não seria empecilho. No meio do caminho, a poeta olha para a outra e sugere, “*que tal fazer um ataque poético? Não temos nada a perder mesmo*”. Contabilizei que na primeira tiragem recolheram R\$ 28,00, quantia suficiente para uma cerveja, um petisco, ou outro gasto. Apartei-me delas na estação seguinte, mas elas seguiram com os ataques e os recolhimentos. Essas táticas se manifestam nas vidas dos poetas quando esses escolhem viver de poesia.

A presença de poetas nos vagões de metrô e de trem na cidade do Rio de Janeiro se tornou comum, os poetas encontraram uma maneira de ganhar dinheiro através de seus versos. Compartilhando o mesmo espaço com vendedores ambulantes, alguns poetas se organizavam para circular pelas estações entre o centro e a zona sul da cidade.

Durante uma das aulas do curso de extensão Direitos Culturais e Direito à Cidade<sup>19</sup>, ocorrido em junho de 2019, cuja temática foi *slam* e contou com a presença de

---

<sup>19</sup> O curso de extensão Direitos Culturais e Direito à Cidade da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tem o objetivo de problematizar a temática do urbano nas práticas culturais, interpelando o conceito de políticas culturais e buscando reunir experiências que contemplam as temáticas da cultura e do direito à cidade.

duas poetas: MC Martina e Sabrina Azevedo. Durante a aula as jovens explicaram como elas realizavam as apresentações dentro dos transportes, com abordagens do tipo:

**Azevedo:** *Senhoras e Senhores, uma boa tarde. Gente, eu sou a Sabrina Azevedo.*

**Martina:** *E eu a Sabrina Martina.*

**Azevedo:** *Diariamente nós recitamos poesias pelo Rio de Janeiro e hoje para não ser diferente, estamos aqui novamente. Mas é claro, gente, o intuito não é atrapalhar a viagem de ninguém. Então por isso quem se sentir incomodado só levantar a mão e quem não sentir pode continuar com a mão abaixada.*

Michel de Certeau afirma que “a tática é a arte do fraco”. (2014, p.95) e diante das incertezas financeiras que os poetas que trabalham nos transportes públicos enfrentam, esses artistas teriam uma urgência para alcançar uma solução para suas demandas e sustento. Nesse caso as jovens precisaram encontrar uma alternativa para lidar com um público que pode se sentir desconfortável diante de performances artísticas dentro do transporte público.

Entretanto, no final do mês de junho de 2019 não só os poetas, como todos os artistas que se apresentavam nos transportes públicos foram surpreendidos com a suspensão das apresentações para que manifestações culturais não prejudicassem o sossego e o conforto no transporte.

Desde 2018, com o sancionamento de uma lei pelo governador estado, a época Luiz Fernando Pezão, artistas tinham autorização para fazerem performances e outras manifestações culturais nas estações do metrô, barcas e trens. A lei nº 8120 de 25 de setembro de 2018, trazia em seus artigos o que se entendia por apresentações culturais, apresentação musical vocal, apresentação musical instrumental, apresentação de poesia, teatro, dança e outras manifestações artísticas.

A razão para a suspensão da lei é que segundo o desembargador relator do caso, seria inconstitucional o artigo 4º, parágrafo 3 da lei que diz: “É permitida a realização de performances artísticas no interior das embarcações e dos vagões, que será regulamentada pelo Poder Executivo, ouvidos os artistas.” (Rio de Janeiro (RJ), 2018). Após a suspensão da lei, muitos artistas perderam a renda que recebiam dos trabalhos dentro dos transportes públicos e precisaram encontrar outras formas de se manterem da sua arte. Diferentemente da situação escassa que esses poetas e artistas de rua estão enfrentando atualmente, no do ano de 2017 um grupo de jovens periféricos, moradores de diferentes regiões do Estado do Rio de Janeiro começaram a organizar intervenções artísticas dentro de coletivos pela cidade.

**Figura 6** – Poetas durante ataque poético no centro do Rio de Janeiro



Fonte: Página <https://www.facebook.com/PoetasFavelados/>

Através de uma iniciativa de romper com espaços que sempre dialogam com o mesmo público, MC Martina e Al Neg, se uniram para falar o que acontecia dentro da favela através de poesia. A referência da dupla eram os cantores de rap Kmilaa CDD e Mv Bill<sup>20</sup> pois o trabalho dos dois inspirava a dupla. Para que as apresentações não tivessem qualquer tipo de erro ou parecesse algo desorganizado, a dupla de poetas começou a se organizar e planejar de que maneira as intervenções iriam acontecer: as abordagens, quais poesias seriam apresentadas, que gritos iriam abrir cada poesia e como eles poderiam chamar a atenção do público para aquele momento.

A professora Lívia de Tommasi comenta a respeito da maneira que esses jovens periféricos e favelados encontraram de expressar suas inquietações.

Fugindo das formas tradicionais da política (os partidos, os sindicatos, o movimento estudantil), os jovens de classe popular expressam- através do corpo, da dança, da palavra, do traço, da performance, de um estilo - suas questões, demandas e denúncias. (TOMMASI, 2017, p.67)

Até a metade do ano de 2017, MC Martina e Al Neg realizavam intervenções artísticas que se apresentavam como ataques poéticos realizados por poetas favelados, a

---

<sup>20</sup> Kmila CDD é o nome artístico da cantora de rap Kamila Barbosa, a artista atua junto com seu irmão, MV Bill que se chama Alex Pereira Barbosa que além de *rapper*, é ator, escritor e ativista brasileiro.

partir daí a dupla compreendeu a necessidade de ampliar a participação de outros poetas dentro do coletivo, a ideia é que poetas de diferentes favelas da cidade participassem cada um trazendo um pouco da realidade que se vive nesses território. Diversos poetas se juntaram ao coletivo, como Brenda Lima de Petrópolis, Carol Dall Farra da Baixada Fluminense, Saulo Inácio de Niterói, Nathalia D'lira de São Gonçalo, além de poetas do Morro do Macacos de Vila Isabel, de Curicica, Zona Oeste da cidade.

Os moradores de territórios periféricos reagiram às arbitrariedades e aos preconceitos das instituições policiais e das elites brasileiras, criando um movimento cultural que garantisse visibilidade às reivindicações e denúncias dos moradores desses territórios. Na sua relação diante dos aparelhos repressivos e do descaso do Estado, foram condicionados a resgatar as lutas e a necessidade de organizar-se e militarem através das artes para chamar a atenção da sociedade, que secularmente lhes virou as costas, e fechou os olhos para essas expressões sociais e artísticas que acontecem nas periferias.

A iniciativa começou com intervenções nos trens e metrô, no entanto durante entrevista<sup>21</sup> com MC Martina a poeta afirmou que os seguranças do metrô começaram a “barrar” e impedir a presença dos poetas e conseqüentemente os ataques poéticos não aconteciam. Segundo ela, no início não foram bem recebidos por parte do público e não conseguiam arrecadar muito dinheiro nos ataques. MC Martina descreve uma dessas abordagens no metrô, *“tinha um corredor de seguranças esperando pela gente, a gente já sabia que ia dar ruim daí a gente foi andando da carioca (estação de metrô) até a central (estação de trem) e então a gente começou a fazer ataque poético no trem”*. A poeta precisou trocar de transporte público para que pudesse continuar com os ataques poéticos.

Por ser algo novo, MC Martina conta que o público se admirava pela originalidade das apresentações e por ser algo novo, já que o público que utiliza esses transportes estaria acostumado a ver e ouvir manifestações religiosas ou manifestações comerciais dos ambulantes, e se tratando de manifestações artísticas era algo não comum. A poeta afirma: *“a gente sacodiu a cidade”*. Ela aponta que a partir dessa experiência junto aos poetas favelados, os artistas que faziam parte do coletivo se sentiram incentivados e confiantes a iniciar um *slam* nas suas comunidades.

---

<sup>21</sup> Entrevista realizada junto a poeta e MC Sabrina Martina no Shopping Carioca em Vicente de Carvalho, zona norte do Rio de Janeiro em 03 de setembro de 2019.

Sendo assim, podemos compreender “*que os territórios periféricos, no Brasil, são densos de criações artísticas e culturais que têm, também, um significado político*” (TOMMASI). Ao se sentirem encorajados a criar um slam dentro de suas comunidades, esses poetas enxergam além de um acontecimento poético. No entanto, é um movimento social para refletir a realidade vivida por jovens que tido sua juventude e identidade esmaecidas e marcadas pela invisibilidade.

Isso fortaleceu a cena carioca de slam, com um aumento significativo de slams na cidade, durante um tempo o coletivo realizou parceria com a Mídia Ninja<sup>22</sup>, uma rede de comunicadores que se utiliza das redes sociais com pauta nas lutas sociais e na articulação das transformações culturais, políticas. Através dessa parceria, muitos dos vídeos que contavam com registros das intervenções nos coletivos viralizava nas redes sociais. Em um dos vídeos que estão no perfil da Mídia Ninja na plataforma de vídeos Youtube, o poeta AL Neg declama uma poesia pela liberdade de Rafael Braga e com o grito de guerra mais que original o ataque começava, “ *ATAQUE POÉTICO, POETAS FAVELADOS, ABRA SEU CORAÇÃO*”.

Recado ao Estado  
Vinte de junho de dois mil e treze  
Lembra?  
Portando Pinho Sol e uma garrafa de água sanitária  
Mais um irmão forjado nessa sua guerra diária  
Suas missões na favela nunca foram contra as drogas  
Que enchem seus bolsos de dinheiro  
São gastos e mais gastos  
Até empréstimos estrangeiros  
Para fazer operação  
Vai tudo contra o preto  
Não investe em educação  
E a favela?  
Ainda é senzala, é?  
Duvido  
Se nos juntarmos de verdade  
Faremos até terem medo da vida  
(AL NEG 2017)<sup>23</sup>

Ao realizar esse tipo de abordagens dentro dos transportes públicos, os poetas alcançavam uma plateia diferenciada, pessoas que não tinham qualquer tipo de contato

---

<sup>22</sup> A Mídia Ninja se apresenta como uma rede de comunicadores que produzem e distribuem informação em movimento, agindo e comunicando. Através de uma proposta colaborativa de criação e compartilhamento de conteúdos, característica da sociedade em rede, são realizadas reportagens, documentários e investigações no Brasil e no mundo.

<sup>23</sup> Trecho de poesia apresentada pelo poeta Al Neg durante um ataque poético. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=763hY47rVhY&list=PLmsK4TGRR2BG9Wqa6ThPyy6rwKngGRMHD> Acesso em 07/01/2020

com as poesias e muitas pessoas que não frequentam o ambiente do slam, já que a circulação nesses meios de transporte é intensa com fluxo contínuo de pessoas a todo momento.

A crítica à forma como o Estado enxerga o corpo negro se reflete em questionamentos que levam o público que escuta a refletir sobre o momento em que vivemos. Quando o poeta diz “Ainda é senzala?” questiona a maneira que esse corpo negro é tratado em nossa sociedade durante o século XX, e ainda mais por haver decorrido mais de cento e trinta anos da assinatura da lei Áurea<sup>24</sup>, o corpo negro continua sendo alvo de violência.

## **QUANDO O SOFRIMENTO SE TORNA NARRATIVA**

Ao longo das minhas idas ao campo, frequentando alguns *slams* da cidade do Rio de Janeiro, observando a fala dos poetas e realizando análises nas redes sociais e vídeos que eram compartilhados em diferentes plataformas, notei como o sofrimento aparece nos versos de diferentes poetas. Palavras como resistência, luta, perseverança também são comuns e em sua maioria são ditas por mulheres que encontraram no *slam* um espaço de cura e sobrevivência. Algumas dessas poetas trazem em suas trajetórias experiências de silenciamento e dificuldade de “dar o seu recado” em espaços que não as reconhecem como potências.

Quanto a presença feminina no cenário brasileiro de slams a pesquisadora Pilar Lago e Lousa afirma:

A existência de mulheres no cenário dos slams pode parecer, em princípio, um dado consolidado, uma vez que a figura fundante deste movimento oralidade no país é Roberta Estrela D'alva, mas não é bem assim. Ainda que elas estivessem bastante presentes na organização das batalhas, a inserção maior delas como slammers ocorreu mais intensamente nos últimos quatro anos.(LOUSA, 2019, p.102)

Ainda no início do campo, no ano de 2016, quando não conhecia alguns dos principais atuantes do movimento no estado, presenciei apresentações muito impactantes, como a poeta Rejane que naquela ocasião era conhecida como "Rejane Camêlo". Naquele momento, a poeta compartilhara sobre o processo de aceitação de seu corpo e seu cabelo. Em meio ao evento, um dos slams que acompanhei, vendia biscoitos e bebidas, e como não havia premiação para o primeiro colocado, pegou um biscoito e doou como prêmio.

---

<sup>24</sup> A Lei Áurea, assinada pela princesa Isabel enquanto regente do trono, em 13 de maio de 1888, decretava o fim de todas as atividades escravistas do Brasil.

No entanto, ao longo dos anos, não só a poeta Rejane, como outras decidiram por ter e manter suas rendas financeiras através das performances de *slam* e da venda de zines. Atualmente, Rejane já não é mais conhecida por sua antiga profissão. No ano de 2019, ingressou no curso de letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro, e tem se reconhecido e se afirmado como rainha do verso. Essa mudança reitera a perspectiva que assumi em minhas análises da potencialidade do *slam* como elemento transformador da vida dos poetas em diferentes âmbitos, notadamente o social, com desdobramentos na educação, rompendo padrões e se tornando via de acesso ao ensino superior, via de regra interdito a mulher pobre, negra e favelada.

Para essas jovens que, na maioria das vezes, são moradoras da periferia, negras, lésbicas ou mulheres transexuais, o *slam* representa o lugar de resgatar e construir sua identidade de auto valoração, na medida em que, residentes em locais de ausência ou omissão do poder público, compartilham da invisibilidade com que costumeiramente a sociedade aventa seus pares. Pelo movimento, no compartilhamento das experiências individuais, as jovens partilham o senso de pertencimento, na formação de um grupo identitário. Através de seus versos e sua arte, percebem os mecanismos que afetam negativamente a todos, possibilitando a formação de consciência social.

Você percebe como é,  
ver o peso do mundo nas costas de uma mulher?  
Minha mãe lutava contra a depressão e contra o suicídio  
e tudo o que te impedia de cometer  
era o futuro de seus filhos  
e pai aonde você estava?  
Por que não quis me ter como filha?  
Nós passando fome e dificuldade  
e você enchendo o carrinho de compras da sua nova família.  
Minha primeira lembrança de Pai quando eu era criança  
é ver minha mãe sentada  
ensanguentada em cima de uma cama.  
(KING 2018)<sup>25</sup>

Esse tipo de verso se torna comum dentro do movimento cultural de *slam*, independente de onde o *slam* aconteça. Seja na praça, no bar ou dentro de uma favela algum poeta trará em seus versos inquietações, cicatrizes, dor e revolta. Quanto a isso o professor Carlos Minchillo afirma:

Por isso, muitos textos da nova literatura marginal combatem comportamentos de indivíduos da própria periferia, como o consumismo, a opção pela criminalidade e o machismo (MINCHILLO, 2016, p.132)

---

<sup>25</sup> Trecho de poesia apresentada pela poeta King durante a final do Campeonato Brasileiro de Slam, Slam BR 2018

Diferentemente de outros movimentos que resistem e impedem a presença de mulheres, o *slam* tem se tornado um local de encontro, afeto, cura, fortalecimento e desabafo para elas.

No ano de 2019, a poeta paulista Kimani viralizou uma de suas poesias, criada para divulgar a nova temporada da série *The Handmaid's Tale* – O Conto da Aia. A série retrata uma sociedade distópica e dominada por fundamentalistas religiosos e que está em crise de infertilidade. Após tamanha repercussão e mais de 16 milhões de visualizações a poeta foi convidada a dar uma entrevista para a revista *Vogue*<sup>26</sup>, quando questionada o que o *slam* era para ela, a poeta deu a seguinte resposta.

**Vogue:** O que é o *slam* para você?

**Kimani:** *O slam tem um processo terapêutico. É um lugar de apoio e confronto que desperta coisas em você que você nem se dava conta. É sobre nomear dores que nem nos dávamos conta que existiam. Slam são pessoas que ficaram silenciadas durante muito tempo, resolveram falar e têm muito a dizer.* Ele carrega uma série de regras específicas nos campeonatos: não pode ter mais de 3 minutos e tem que ser completamente autoral. (VOGUE, 2019, grifo do autor)

A poeta entende o *slam* como um processo terapêutico, lugar de cura. E tem sido nesse lugar que muitas poetas estão construindo um espaço de afeto. Entretanto, me questiono até que ponto suas dores se tornam narrativa que precisa agradar o gosto do público e representar uma onda feminista e negra de poetas que tem se firmado pela expressão poética do verbo politizado.

Muitas dessas jovens passaram por movimentos que não lhes deu visibilidade e não reconheceu o seu lugar de fala enquanto mulheres; e mesmo o tema sendo discutido através de grandes autoras como Chimamanda Ngozi, Djamila Ribeiro, Gloria Anzaldúa entre outras. Diariamente mulheres lutam pelo reconhecimento de suas vozes, no caso do *slam* muitas das poetas vem do movimento do rap. Sobre essa disputa Carolina Sampaio e Mônica Vermes afirmam:

Como a presença de mulheres rappers é pequena, e com uma forte presença conquistada apenas recentemente, o espaço é dominado por cantores do sexo masculino. Dessa forma, a representação social feminina é estabelecida pelo olhar masculino, construindo as identidades de gênero dentro do movimento. Assim, as mulheres são caracterizadas por idealizações opostas: julgando-as como vulgares ou angelicais. (SAMPAIO, VERMES, 2019, p.8)

---

<sup>26</sup> Entrevista Kimane Vogue: <https://vogue.globo.com/lifestyle/cultura/noticia/2019/03/quem-e-kimani-poeta-de-slam-do-grajau-que-viralizou-com-video-sobre-handmaids-tale.html> Acesso em 17/11/2019

Um dos exemplos na cena carioca é a poeta e MC Carol Dall Farra, iniciante na carreira como rapper, encontrou no slam um espaço para trocas afetivas junto a outras mulheres. Durante entrevista em 2018, a poeta compartilhou comigo sobre como foi essa inserção dentro do movimento carioca de slams.

**Dall Farra:** “Eu já cantava rap, e eu costumo dizer que a única diferença entre o slam e o rap é a batida, o beat. Então eu comecei a ver na internet o slam resistência de São Paulo, umas minas recitando poesia, e fiquei com curiosidade, mas no Rio ainda não tinha nenhum slam. Daí passou algum tempo e soube que teria a primeira edição do slam das minas no Rio, eu não consegui colar e aí na segunda edição eu fui e recitei uma música minha autoral de rap, competi e consegui ganhar. Me senti abraçada, me senti respeitada que é uma coisa que é muito difícil de conseguir dentro do espaço do rap que é um espaço super machista. Então eu me senti abraçada e respeita, a partir disso eu nunca mais sai do slam”

A fala da poeta reitera o que as autoras nos falaram sobre as dificuldades de estar em um ambiente que luta contra as diferenças e, no entanto pode ser extremamente machista. O *Slam* das Minas é um dos movimentos que valoriza a força e a voz da mulher nesse espaço. A proposta, voltada para o público feminino e lésbico, surgiu em Brasília no ano de 2015. Seguindo a mesma dinâmica que acontece nos demais, o *Slam* das Minas fez algumas modificações: somente mulheres podem competir e julgar, sejam elas trans, cis, e pessoas não binárias, ou seja, seria um lugar de fala só delas. A partir de então o movimento foi bem aceito e se expandiu por todo o país como Lousa afirma:

No mesmo ano, no Distrito Federal, outro importante espaço foi criado pelas poetas Tatiana Nascimento e Val Matos: o *Slam das Minas DF6*. Extrapolando e borrando os limites da capital federal, o *Slam das minas* chegou em 2016 em São Paulo, com a ajuda de sua fundadora Tatiana Nascimento, pelas mãos das poetas Carol Peixoto, Luz Ribeiro, Mel Duarte e Pam Araújo. Já podemos verificar sua existência em outros estados, alguns deles são: Rio de Janeiro, Pernambuco, Rio Grande do Sul. São escritoras destacadas nesses cenários: Letícia Brito (RJ), Meimei Bastos (DF), Bell Puã (PE), Ingrid Martins (SP). (LOUSA, 2019, p.103)

O *slam* se torna uma verdadeira comunidade na qual jovens que vivem nessa grande metrópole, que têm os mesmos desejos, gostos e enfrentam também os mesmos problemas de assédio, de homofobia, de racismo entre outros se encontram e são fortalecidas e encorajadas a responder de forma poética a cada um desses crimes. Essas mulheres produzem no *slam* um espaço para romper barreiras estruturais, subverter o patriarcado e todo o discurso machista e racista que as tenta silenciar. As poetas tornam esse lugar de fala, com três minutos para dar seu recado, um espaço de questionamento das circunstâncias do direito que lhes é devido – o direito de ser mulher.

Ao trazer nos versos suas histórias, essas mulheres questionam com finalidade. Para que as práticas de violência e que esse tipo de ataque contra elas não seja algo tido como natural. Assim é que, buscando um romper do silêncio, auxiliam na ruptura dos silêncios em que são colocadas as vítimas de violência.

A poeta mineira Laura Conceição é outro exemplo de poeta que tem sua narrativa marcada por críticas sociais. A poeta, que ficou em terceiro lugar durante a competição do *Slam* BR de 2017, apresentou uma poesia<sup>27</sup> em forma de repente<sup>28</sup>. Nos versos, ela narra sobre a visão que a sociedade tem das mulheres, da autonomia que a mulher precisa ter e de como ela se utiliza da poesia para falar sobre essa vivência feminina que não é televisionada ou noticiada.

Eu vou recontar, eu vou recontar  
Eu vou recontar uma história  
Se “ocê” for forte que aguento  
Começa com “Era uma vez”, mas o final não é felizes para sempre  
Mulher é barriga no tanque, preparando o lanche  
de olho na panela de pressão, panela de opressão  
Vivendo sem condição  
Marido passando a mão e não adianta dizer não

E o medo de andar nas ruas sozinha ao sair?  
O risco do aborto ilegal  
Porque não há legal se eu não posso parir  
É história de chacina  
Tão matando as mulher  
Aqui o ventre não é livre  
Buscam proteção na fé  
Te forçam e empurram  
Em berço de alienação  
Deus fez a mulher da costela de Adão?  
Ah não!  
Vou contar pra você

O verdadeiro mistério da fé  
Todo homem existente  
Ele nasceu de uma mulher  
Os boys podem transar com geral  
Consta no esteriótipo  
Mas se eu transo antes do casamento

---

<sup>27</sup> Trecho de poesia apresentada pela poeta Laura Conceição durante a final do Campeonato Brasileiro de Slam, Slam BR 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vS48VNdhuw0> Acesso em 06/02/2020.

<sup>28</sup> Repente é uma arte brasileira baseada no improviso cantado, alternado por dois cantores, daí o nome repente. O Repente é especialmente forte no nordeste brasileiro, é baseado no canto alternado que se dá em forma de improviso poético – a criação de versos "de repente". A rima usada é a rima perfeita. O extremo rigor quanto à métrica e à rima perfeita são característicos na Cantoria dos repentistas violeiros. Há diversos outros gêneros artísticos que usam em alguns momentos o improviso cantado, mas não se baseiam exclusivamente no improviso como é o caso do repente. Dentre eles podemos destacar o Maracatu e o Rap.

Eu vou para o inferno dos católicos  
Inferno?  
Inferno para mim é na terra  
Onde os boys leva as minas pro mato  
Estupra e depois enterra  
Respeito não tem  
Vou fazer a denúncia a quem  
Se a polícia estupra também

Quando eu falo estupro, não é só violência física  
O sistema estupra nossas ideias todos os dias  
Não escutam nossa reclamação, descaso a alma e coração  
É estupro, sem penetração

[...]  
Ai pobre moça  
É do tanque para a louça, da louça para a força  
Vai perdendo a força, até tombar no chão  
Todo dia todo ano  
Aproveita que tá no chão e passa o pano  
Mas levanta do chão  
Já é noite, e noite é reprodução  
Aquele sexo que não é bom, onde o homem goza e a mulher não

A mídia romantiza, relações abusivas  
Sexo, cama, todo tormento  
Cinquenta tons de cinza?  
Aqui é cinquenta tons de sofrimento  
Mas calma, to falando do roxo que fica  
Na pele, e o roxo que fica na alma?

Minha poesia é atual  
Eu preciso vir aqui falar disso  
Porque isso não passa no jornal  
Vim aqui marcar minha presença  
Tentando fazer diferença  
Me chamam de sapatão, como se isso fosse ofensa  
Eu quero respeito sem faceta

[...]  
Mulheres não podiam ir a guerra  
Mulheres vivem a guerra  
E eu to pronta pro combate  
Pois na minha veia corre sangue delas  
Sangue de Joana D'Arc  
Vaca trepadeira, vadia e puta  
O mundo enche a gente de nome  
A gente enche o mundo de luta  
Frida Kahlo, Dorothy Stang  
Então não me encosta, se aproxima e passa mal  
Simone de Beauvoir, Maria Rita  
Se for para falar de todas, jamais haverá final  
Esse verso é um aviso, pra toda e qualquer mulher  
Esse verso é um aviso, quem avisa amigo é.  
(CONCEIÇÃO, 2017)

A crítica que os versos apresentam se refletem nos dados do Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), referente ao ano de 2009, reveladores de que a cada ano, cerca 1,3 milhão de mulheres são vítimas de agressão no Brasil.

No entanto, Laura vivia um dos momentos mais difíceis de sua vida. A jovem embarcou rumo ao *slam* BR no dia que enterrou sua mãe, que lutara por dois anos contra um tumor cerebral. Em uma de suas poesias dizia: “*Se eu já cheguei até aqui, nada mais me frustra. Enterrei minha mãe antes de ontem e, hoje, nada mais me assusta*”. O fato de não ter completado seu luto e viver esse momento de sofrimento na competição reforça a teoria de que o *slam* é espaço de troca e de afeto. Em entrevista<sup>29</sup> ao site Tribuna de Minas a jovem compartilhou que a decisão de ir ao campeonato foi por ela e pela família. A jovem contara: “*Decidi que iria, não só por mim, mas por ela também. Era um trabalho que eu construí com minha mãe e meu pai desde pequena.*”.

Quanto a isso podemos compreender o que seria o sofrimento, de acordo com o professor Joel Birman (2012), conforme citado por Brasiliense:

“O sofrimento é a experiência alteritária em que os sujeitos tentam denominar sua dor entendendo a necessidade de partilhar uma experiência com um outro consolador. Quebra-se então, a particularidade espacial da dor e se lança na direção do outro ao invés de se interiorizar. Cria-se portanto, uma experiência de transferência como forma de preencher um desamparo.”(apud BRASILIENSE, 2017, p.13)

Vivemos um momento em que os sujeitos permitem expor seus sofrimentos. Diante da tentativa de conceber algo que não pode ser materializado se vêem perante de uma possibilidade de expor sua fragilidade, sua dor. O *slam* se torna comunidade e abre um espaço de compartilhamento do sofrimento. Essa dor se apresenta nos textos e é atualizada nas subjetividades ainda que estas representem seus sofrimentos.

No entanto, ao trazer esse tipo de exposição do sofrimento para dentro de seus textos há uma resignificação dele. O que poderia ser vergonhoso, aquilo que deveria se esconder para não receber julgamento, se torna força, para que não seja mais feito com nenhuma outra pessoa.

Laura continua “*As minhas temáticas principais são a mulher, a homofobia, a mulher lésbica, problemas sociais, política e, principalmente, direitos humanos. Minha inspiração vem de coisas que vivo ou vejo no meu dia a dia, são questões reais*”.

---

<sup>29</sup> Disponível em: <https://tribunademinas.com.br/especiais/outras-ideias/24-12-2017/voz-feroz-de-laura-conceicao.html>. Acesso em 06/02/2020.

Os exemplos de Laura, Rejane, Carol e Kimani, reforçam o quanto a trajetória dessas mulheres está marcada em suas narrativas. Suas sobrevivências dentro de uma sociedade machista, racista e homofóbica as levam a desatar nós que poderiam silenciá-las, no entanto, se torna um grito de resistência e esperança para os que escutam. Além do mais, precisamos questionar se há um romantismo por trás do discurso sofrido das poetisas.

Uma vez que narrativas que abordem temas de amor e que narrem felicidade ou a busca dela não são bem aceitas por parte do público nas competições, há certa restrição do conteúdo dos versos. Quem quiser ser um poeta campeão no cenário carioca de *slam* precisa trazer o teor que gera identificação pelo sofrimento no discurso.

Não obstante viver dentro de uma sociedade, num estado democrático, muitas vozes ainda são silenciadas. E apesar de compreender que todos possuímos voz as pessoas escolhem a quem vão dar ouvidos. Enquanto essas mulheres estiverem com os 3 minutos da competição para que possam falar serão resistência ao se expor e questionar o horário em que podem circular, a roupa que devem usar e o comportamento que se espera de uma mulher.

Essa comunidade de mulheres tem ressignificado o próprio papel da competição, já que seus versos têm atravessado o público e proporcionado que elas representem o nosso país na copa do mundo na França.

As mulheres, apesar de serem vistas como minoria em diversas produções culturais, têm ressignificado e reposicionado seu lugar dentro do *slam* no Brasil. Elas têm questionado, de forma política, no espaço comum, o direito de ser mulher na sociedade, pondo fim a uma reprodução hierárquica entre gêneros que diz quem deve fazer o que e como. Desta forma, se utilizar do espaço público, e nesse caso, é preciso reiterar que, apesar de ser ano de 2020, circular por esses espaços no Brasil não é algo seguro e confortável a pessoas que não sejam de gênero masculino. Estas mulheres podem falar a um público que não se restringe a pessoas do mesmo gênero, produzindo o discurso, e apresentando o questionamento.

Há um reconhecimento público de que essa é uma luta por respeito, igualdade e reconhecimento. Muitas vêm de um lugar de negação, de minoria que busca romper com a reprodução patriarcal de ambientes construídos a partir de figura do homem e que negam a existência de mulheres emancipadas e livres na sociedade.

# Duas Mãos

Eu ainda não tenho diploma universitário  
Ainda,  
Mas a rua me ensina  
Tropeça nos livros e nos versos dos amigos  
Que me alertam de um perigo  
Que tá pra voltar

Eu procuro saber do perigo  
Logo sinto a dor das famílias  
Daquelas vidas  
Que não vão voltar

Eu vejo cartazes sem contexto  
Eu tento entender aquele texto  
Que diz: Vai ter greve até ter intervenção militar  
É uma greve pra perder o direito  
De poder fazer greve  
Pra poder protestar

Eu iria ser proibida  
De poder me expressar  
Eles iriam mandar eu me calar  
E eu me negaria  
E a intervenção me calaria  
E eu morreria  
Como o poeta Frederico Garcia  
Recitando minha última poesia

*Trecho de poesia apresentado  
pela poeta Sabrina Azevedo  
durante a competição  
do Slam BR 2018.*

## CAPÍTULO II

### A FAVELA ESTÁ PASSANDO A MENSAGEM

“*A favela está passando a mensagem, Slam Laje! Abra seu coração*”. Esse é o grito de guerra do coletivo *Slam Laje*, primeiro *slam* de favela do país. O grito, motivando o público a abrir seu coração, deixa claro como o sentimento é importante para vivenciar aquela experiência de escutar a poesia.

Neste capítulo, busco avaliar o movimento de *slams* no Estado do Rio de Janeiro, a partir de um enfoque mais específico no *Slam Laje*, realizado no Complexo do Alemão. O *slam* tem repercutido nos últimos anos para além de São Paulo, local em que o movimento começou no Brasil. O *Slam Laje*, apesar de ter apenas dois anos de existência, tem revelado novos poetas e possibilitado a interação entre poetas de diversos estados que já passaram por ele. Procuro descrever as múltiplas identidades desses poetas, que se relacionam com a poesia para afirmar suas identidades e utilizam seus corpos como manifestos vivos de resistência e sobrevivência. Analisarei os processos de criação e preparação dos poetas para as etapas dos campeonatos estadual e nacional de Slam.

#### SLAM LAJE – “*ABRA SEU CORAÇÃO*”<sup>30</sup>

*“Vem e brota aqui na laje, vai passar sua mensagem, sei que você tem vontade então, recita um pouquinho. Ah vou recitar, vou passar a visão pra tu, pega a visão!”*<sup>31</sup>

O *Slam Laje* surgiu em minha vida em abril de 2018, através de um convite realizado por uma amiga que estaria presente no evento. Mal podia acreditar como aquele domingo iria mudar o rumo de minha pesquisa acadêmica. Apesar de acompanhar as redes sociais do *Slam Laje*, ainda não havia experienciado um *slam*. Ao chegar no espaço em que o evento iria acontecer fui surpreendido por uma das

---

<sup>30</sup> Trecho do grito que anuncia as apresentações dos poetas durante o *Slam Laje*

<sup>31</sup> Versão do Funk “Vem e brota aqui na base” cantada pelo MC Doguinha feita pela Mc Martina produtora do *Slam Laje*

interlocutoras de meu trabalho de conclusão de curso de graduação em Produção Cultural, realizado no ano de 2016. Na época, acompanhei uma residência intitulada “Favelado 2.0” oferecida pelo GatoMídia, coletivo existente desde 2013 no Complexo do Alemão e propõe projetos de convivência e aprendizado em mídia e tecnologia para jovens de espaços populares. O desejo de compreender qual juventude está presente e faz parte dessa comunidade me motivou a fazer uma imersão nessa residência, ao longo de duas semanas, com oficinas teóricas e práticas. No “Favelado 2.0” conheci Sabrina Martina, uma jovem de 18 anos que acabara de terminar o ensino médio e desejava se envolver com projetos sociais dentro do Alemão.

Sabrina estava na entrada e me recebeu com um sorriso que só ela consegue fazer. Estava envolvida na organização do evento, já que é uma das idealizadoras do *Slam Laje*. Sua participação em organizações de movimentos não se resume apenas ao *slam*; ela se divide nas funções de produtora cultural, poeta e MC.

Assim como outros *slams* que acontecem em territórios periféricos, o *Slam Laje* começou no Morro do Alemão, na laje da Casa Brota, primeiro espaço de *coworking* para empreendedores de favela, com o objetivo de ser um ponto de encontro para troca de ideias e projetos relacionado à inovação, tecnologia, ao entretenimento e engajamento. Segundo MC Martina, a escolha de uma laje se deu pelo receio de que a PM pudesse agir de forma mais bruta ou até mesmo proibir o evento, caso ocorresse em alguma rua da comunidade.

Ao longo do ano de 2018 pude acompanhar as edições de *slam* que ocorreram no Complexo do Alemão. Durante esses meses, o coletivo conseguiu realizar suas batalhas de poesia em outros espaços do Complexo do Alemão, por meio de parcerias com ONGS e outros coletivos locais. Com encontros que duram em torno de sete horas, e um público de, no mínimo, 40 pessoas por evento, o *Slam Laje* convida o público a participar através de eventos criados em sua página no Facebook<sup>32</sup>. A produção do evento busca, na maioria das vezes, realizar oficinas ou shows com artistas parceiros no intuito de fortalecer a produção cultural independente e de periferia além das batalhas de poesia e de passinho.

---

<sup>32</sup> Página do Slam Laje no Facebook: < <https://www.facebook.com/batalhadepoesia/>> (Acesso em 10/03/2019).

**Figura 7** – Apresentação de Dança durante edição de aniversário do *Slam Laje*



**Fonte:** Acervo pessoal do pesquisador

O primeiro evento que marcou o início da itinerância das atividades do coletivo ocorreu no último domingo de maio de 2018, com previsão de início para as 15h, na praça Verde em frente à sede da ONG Raízes em Movimento, no Complexo do Alemão. Naquele mês, o país enfrentava uma greve dos caminhoneiros nas rodovias e, apesar da dificuldade de circular na cidade devido à greve, as pessoas não deixaram de ir ao slam para recitar e ouvir poesias.

Apesar do evento ser realizado dentro da favela no Alemão, o público que frequenta o *Slam Laje* é composto também por moradores de outros lugares. Muitas pessoas que acompanham a página do coletivo nas redes sociais comparecem, seguindo as informações que a produção disponibiliza, como ônibus ou van que passa próximo, a estação mais perto do metrô e o caminho desses pontos até o local. Durante essa edição, havia duas turistas do Canadá acompanhadas de um amigo brasileiro, que as levou para conhecer o primeiro *slam* de favela. Nesse dia MC Dall Farra iria comandar o *Slam Laje*. Diferentemente das outras edições, que contavam com outro apresentador, ela assumiu o comando da edição de aniversário. Carol Dall Farra é poeta, rapper e estudante de Geografia pela UERJ, moradora de Duque de Caxias, Baixada Fluminense, integrante do coletivo Slam das Minas, que é um slam que permite que as mulheres se sintam à vontade, acolhidas, para recitar suas poesias.

Antes do início da programação, Sabrina começou a explicar a dinâmica desse aniversário e agradeceu ao público presente. Segundo ela, não se faz nada sozinho e essa ajuda e apoio foram fundamentais para a continuidade do evento. A poeta apresentou o novo formato do *slam*, pois ali iniciara uma ação itinerante devido a uma necessidade de circular pela favela.

Essa parceria com a ONG Raízes em Movimento teve o objetivo de fortalecer esses espaços e trazer um novo público para conhecê-los. Aquela edição, por ser em uma data especial, presentearia o vencedor com um corte de cabelo com o Al Neg, um dos produtores do evento que divide suas funções como poeta e barbeiro e tem um salão no Complexo do Alemão. Entre os prêmios para os vencedores daquela edição, havia camisetas da ONG Raízes e do *Slam Laje* e alguns livros. No entanto, a maior premiação seria a classificação para a vaga na edição final que poderia fazer desse poeta o representante do *Slam Laje* no campeonato brasileiro de poesia falada.

Através do grito “A favela está passando a mensagem, SLAM LAJE!”, a apresentadora deu início a programação. Para começar, o microfone foi aberto ao público presente para declamar suas poesias antes da batalha oficial. Nessa espécie de aquecimento, os poetas que deram seus nomes a mestre de cerimônia puderam recitar seus versos e os que ainda não estavam inscritos para a batalha puderam se inscrever. Durante as apresentações fui completamente tocado pelos versos da Negra Rê, a primeira poeta a se apresentar. Ela também se divide nas funções de poeta, MC, vendedora e tem um brechó. É conhecida no *Slam Laje* por estar sempre presente vendendo suas roupas e seus brownies.

Nessa edição, ela resolveu fazer uma homenagem a sua amiga e também poeta Thaina Denicia, conhecida como Thai Flow que estava hospitalizada. Negra Rê falou da sua amizade com Thaina e da forma como ela admirava a força dessa mulher que, mesmo tão jovem, tem alcançado muitas pessoas. “Existe uma entre tantas que se chama Thaina, ela é livre, é plena e é problema de raiz”. Entre lágrimas ela declamou sua poesia e ao final pediu que todos fizessem orações pela Thaina, para que ela passasse por esse momento de fragilidade. A mestre de cerimônia reiterou, que caso estivesse bem, Thai Flow seria uma das convidadas daquela edição do *slam*.

O evento seguiu com sua programação e outros poetas fizeram suas apresentações no microfone aberto, antes que as batalhas se iniciassem. O poeta seguinte a se apresentar foi o rapper e poeta W-Black, um dos responsáveis pelo *Slam Resistência*, que acontece no bairro de Vila Isabel. Ele declamou a letra de sua mais nova música “Quem mata mais?”. O rapper trouxe em seus versos a luta que precisa enfrentar constantemente pelo fato de ser negro e a disputa cotidiana necessária a sobrevivência dentro de uma sociedade que cada vez mais estigmatiza os jovens negros de periferia.

“ ‘Encosta Filho da Puta levanta a camisa!’,  
a arma mesmo sem disparo me para e me paralisa.  
Encostado na parede e mãos no meu bolso,  
voltei à escravidão sensação de calabouço.  
‘Passa a droga, anda logo otário’  
Meu bolso tá vazio eu nem sequer sou usuário.  
‘Documento, por favor’ ficou sem ação  
Quando mostrei a carteirinha do mestrado em educação.  
O sistema dá pane quando vem pra opressão  
E encontra preto e pobre que tem pós-graduação.”

(W-BLACK, 2018).

Esse tipo de fala se torna cada vez mais comum no slam, pois os poetas vêm aquele momento como um movimento social para refletir a realidade vivida por cada jovem que tem tido sua juventude e identidade negadas.

Seguindo a apresentação do W-Black, uma criança trouxe sua poesia para se apresentar. Letícia é “cria” do *slam*, termo utilizado quando você mora em algum lugar há muito tempo, conhece as pessoas e, com isso, se torna popular. Ela está sempre presente no *Slam Laje*, acompanhada de sua mãe e de seu irmão. Chamou-me a atenção o fato de Letícia, que tem apenas oito anos e está no terceiro ano do ensino fundamental, estar nesse lugar de poeta no mic aberto, uma vez que as crianças costumam participar da batalha do passinho que acontece em dois momentos do evento, no meio das batalhas e depois da batalha final.

Acompanhada de seu livro, ela inicia sua poesia de forma tímida: “*viver é uma aventura esse é o nosso ponto de partida*”. Durante a apresentação a entonação muda e é possível perceber a força que ela tem, força que contagia o público ali presente, mas que volta a ser timidez ao finalizar o poema.

Em meio às apresentações, o microfone está disponível para que aquele que estiver ali, entre o público, e queira divulgar seus eventos ou realizar convites ao público.

A primeira poeta a se apresentar durante o momento de microfone aberto foi Lúdica, jovem que faz parte de um grupo feminino de rap chamado Nefertaris Vandal. Ela reforçou que, diferentemente dos espaços brancos que ela circula, a favela a recebe com afeto. Além disso, Lúdica dedicou sua apresentação as crianças negras ali presentes. Na poesia, a mensagem passada era sobre como cuidar das crianças em um ambiente de violência, como preservar a vida do inocente.

“Eu ouço um pá, pum.  
Mais um grito de desespero  
de uma criança tão comum.  
Mais uma criança,

que se vai nessa cidade aqui,  
mas quem é que se importa  
ou vai comprar briga aí.  
Mais um caso largado  
e uma criança vestindo a camisa do Estado.  
(...)  
Mais uma bala perdida e um coração em desespero,  
mais uma mãe chorando aqui no Rio de Janeiro.  
Mais uma bala perdida,  
direto de um fuzil  
e na hora da justiça ninguém viu.”  
(LÚDICA, 2018)

A participação do público durante a apresentação de Lúdica foi notável. Aqueles que estavam ali começaram a interagir com ela repetindo parte da poesia que dizia: “*cuidado com a criança negra, cuide de uma criança negra. Não tem culpa dessas tretas, são crianças, são cristais*”.

Os poetas encontram no *slam* um espaço para refletir sobre o que os tem tocado, sobre suas incertezas, seus medos e desejos para o futuro. Suas falas são atravessadas por suas experiências. Em sequência a apresentação de Lúdica, foi a vez de Ian se apresentar. No último *slam* em que eu estive presente, Ian fez uma homenagem a sua avó. Tenho percebido que os homens nos slams, quando colocam a figura da mulher em seus textos, muitas vezes é para elogiar a figura materna ou a força da mulher, diferentemente das mulheres que quando falam sobre os homens em sua maioria, é para expor abusos e assédios.

Ao final da primeira parte do evento, foi aberta a fase de competições e nessa edição de comemoração do primeiro aniversário do *Slam Laje* foram disponibilizadas duas vagas para a final. A presença masculina na competição era ínfima perto das candidatas ao título de campeã daquela edição. As falas femininas eram protestos contra os abusos ou assédios sofridos. A poeta Jaqueline Alves apresentou uma poesia para sua amada, diferentemente da tônica das apresentações de até então, a poesia falava de amor e da conexão entre as duas.<sup>33</sup>

“Sabrina é ritmo frenético,  
pulsção acelerada,  
andar descompassado,  
sentimento acalentado,  
sorriso de lado,  
abraço apertado,  
olhar fixado,

---

<sup>33</sup> A transcrição da poesia de Jaqueline Alves foi realizada posteriormente ao evento através dos vídeos que registraram a apresentação. Disponível em: <https://www.facebook.com/batalhadepoesia/videos/169970650343466/> Acessado em 20/09/2018.

é sexo exagerado.

Nossos corpos úmidos e unidos,  
se transformam em correntezas,  
que ultrapassam as fronteiras,  
e que quebram qualquer barreira,  
contemplo cada partícula do teu ser,  
tua boca pede, me bebe,  
me excita, alucina Martina.

Menina inexplicavelmente fascinante  
és minha amante,  
és delirante,  
amo seu jeito incessante de ocupar a minha vida,  
amo ser amada,  
ser desejada,  
ser amparada.

Sá, brilha no meu céu estrelado,  
vem cá me dá mais um bocado,  
das suas juras apaixonantes,  
das suas invenções alucinantes ,  
minha paixão queima igual fogueira  
quando se entrega por inteira,  
além do físico material  
quando me toca,  
me teletransporta para o espaço sideral.

A leveza de seus dedos,  
causam arrepios  
que levantam e entrelaçam  
todos os meus fios  
és parte de mim mi amor.  
Só não seja uma parte repartida,  
quero que seja uma parte cognitiva  
assim tão conectada,  
será sempre minha parte mais amada.”  
(ALVES, 2018).

Após três rodadas de batalhas são anunciados os dois finalistas que já teriam suas vagas reservadas para a grande final do *Slam Laje*, que vai decidir quem será seu representante na competição estadual. Os poetas vencedores da edição foram Sabrina Azevedo e Dudu Neves, ambos participantes do mesmo coletivo, Nós da Rua<sup>34</sup>, criado em abril de 2017 e que visa trazer literatura e poesia para a Zona Oeste por meio de eventos de integração com as comunidades da região, através do *slam* e de oficinas.

Via de regra, a forma como a poeta performatiza é algo que prende a atenção do espectador. O leve som que sai de sua voz é somado aos movimentos que são feitos com as mãos próximas a seu corpo, envolvendo o público e quando a poeta começa a se movimentar, pela plateia ocorre uma mudança, e seu tom de voz se eleva.

---

<sup>34</sup> Página do coletivo Nós da Rua. Disponível em : <https://www.facebook.com/nosdaruapoesia/>

Durante a performance da finalista Sabrina Azevedo, foi possível perceber um jogo de entonações: sua interpretação dos versos foi às vezes agressiva, às vezes irônica. Era como se seu corpo falasse além das palavras que saíam de sua boca, mas também através do caminhar de um lado para o outro. Para Zumthor o corpo está na voz e a voz está no corpo, “*A voz emana do corpo, mas sem corpo a voz não é nada*”. (2005, p. 89) O corpo é o condutor vivo no qual os movimentos, os gestos e as sensações presentes na narrativa se inscrevem. No corpo se ouve a voz de todas manifestações e extensões do plano material e imaterial

Quanto à presença, não somente a voz, mas o corpo inteiro está lá, na performance. O corpo, por sua própria materialidade, socializa a performance, de forma fundamental [...] A performance é uma realização poética plena: as palavras nela são tomadas num único conjunto gestual, sonoro, circunstancial tão coerente (em princípio) que, mesmo se distinguem mal palavras e frases, esse conjunto como tal sentido (ZUMTHOR, 2005, p. 86-87).

Ao ser narrada, aquela poesia se vê diante do desafio de ser “materializada” pelo poeta através de gestos, e assim segue o seu percurso diante de sensações que esse poeta pode provocar em seu público durante os 3 minutos de performance.

Sabrina Azevedo se destacou trazendo em suas poesias temas como o feminismo e o racismo: “*meus heróis não morreram de overdose, morreram assassinados.*”.

Na última rodada o júri foi unânime em dar a maior nota daquela edição: o tão desejado 10.

Uma parte da programação foi reservada para a batalha do passinho. As crianças participantes ganharam chocolates ou doces. Tal premiação depende da organização do *slam* conseguir doações para compra de brindes. Essa é uma maneira de trazer um outro público para o *slam*, pois as crianças se divertem dançando e ganham um brinde ou doce. Em dado momento, passa-se um chapéu para que seja feita uma colaboração em dinheiro, uma vez que evento é totalmente independente e não recebe auxílio financeiro que ajude na sua realização. O encerramento aconteceu após a batalha do passinho ao som de muito funk e o sorriso no rosto por mais uma edição ter sido realizada com sucesso.

## **POETAS FAVELADOS COMO PROTAGONISTAS DE SUAS NARRATIVAS**

Há uma necessidade no ser humano de contar seus problemas, compartilhar seus anseios e ter sua voz ouvida. Embora cada indivíduo tenha capacidade de se expressar através de sua voz, essa voz poderá ser ouvida ou não a partir de relações sociais e de poder. No entanto, as experiências que muitos dos poetas trazem em seus

textos é de repressão, silenciamento e preconceito, com destaque para as falas de poetas negros e negras, LGBTs e de origem periférica.

Gayatri Spivak, em seu livro *Pode o Subalterno falar?*, questiona o lugar de fala desse indivíduo subalternizado. Porém, é preciso compreender quem seria esse sujeito subalterno. Não seria um sujeito marginalizado qualquer, antes são “*as camadas mais baixas da sociedade, constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante*” (Spivak apud Almeida, 2010, p.12. Tradução da autora). As mulheres estariam em uma posição inferior dentro desse lugar de subalternidade.

O cenário do *slam* permite acolhimento e atenção às histórias que são transformadas em poesias e trazem as narrativas próprias desses poetas. Nesse movimento o destaque é a participação das mulheres. Na edição do *Slam BR* do ano de 2018, dos vinte e cinco poetas que estavam ali competindo, quinze eram mulheres. Naquele ano quem levou o título foi a poeta mineira Pieta Poeta, consolidando assim uma tradição que iniciou em 2016 com a poeta paulista Luz Ribeiro, seguida da poeta pernambucana Bell Puã em 2017, de mulheres representando o Brasil no *Slam Mundo* na França.

E por isso a importância desses poetas compartilharem suas experiências, questionamentos e trajetórias em seus versos rompendo com qualquer tipo de representação que ocasionaria num silenciamento. A afirmação das identidades dos jovens poetas que frequentam os *slams* reforça a importância da experiência que esse movimento proporciona para os que falam e para os que escutam as poesias recitadas.

Segundo Castells, identidade é aquilo que é “*fonte de significado e experiência de um povo*”. Partindo dessa definição, o autor apresenta três tipos de identidade: a identidade legitimadora, a identidade de resistência e a identidade de projeto. Ao compreender a identidade de resistência como oposição, seu centro elaborador e difusor são os segmentos dominados e marginalizados que constroem verdadeiras trincheiras para conter o projeto dos atores dominantes da sociedade.

Para o autor, esse tipo de identidade destinada à resistência leva à formação de comunidades e por isso esse seria o tipo mais importante de construção de identidades em nossa sociedade. Nesse caso podemos considerar o *slam* como um lugar onde as múltiplas identidades se encontram, as pessoas se reúnem para compartilhar palavras,

ideias, poemas. Ele se torna um lugar de acolhimento para quem frequenta, as mulheres podem falar, os gays, independentemente de raça, religião, gênero, no *slam* a pessoa será ouvida, pois não há impedimento para aqueles que desejam abrir seus corações e trazer suas inquietações. Apesar de possuir tal abertura, as poesias que se destacam são as que falam sobre as vivências dos poetas negros e periféricos na cidade.

No entanto poetas brancos também ocupam esses espaços recitando poesias sobre amor e esperança em uma sociedade menos desigual. Em minhas experiências nos slams, os únicos poetas que apresentaram o elemento da religião em suas performances eram negros e exaltavam entidades da umbanda e do candomblé. Além disso, faziam críticas aos evangélicos e as lideranças religiosas. E através das interações que ocorrem nesse lugar que “formas de resistência coletiva” surgem diante de uma situação de opressão.

A pesquisadora Aline Sabino reforça a necessidade de uma luta desses corpos para se fazerem presente, em espaços que lhes são negados.

No entanto, há uma apropriação muito maior da periferia brasileira, nível *slammer* e público, ao movimento do *poetry slam*. Modelo próximo aos *saraus*, o *slam* condensa poetas marginalizados, que lutam por reconhecimento e mudança social através da arte. São corpos que procuram estar em espaços, que lhes são negados. (SABINO, 2017, p.13)

O poeta favelado está inserido em um território que é repleto de negações. Sua vida é uma completa disputa para afirmar sua existência e sua identidade. É preciso compreender como ocorre o processo de resistência e sobrevivência por parte desses jovens dentro de uma favela.

Walter Benjamin fala sobre a experiência como fonte para o narrador. Podemos relacioná-la essa como a fonte principal dos poetas que vão se apresentar no *slam*. Como podemos ver nos versos da poeta Sabrina Azevedo durante uma de suas apresentações no *Slam Laje*.

“Do lado de cá  
somos a maioria,  
tratados como minoria,  
pela supremacia que quer nos matar

Do lado de lá  
somos vitimistas,  
que quer estar na mídia  
e protesta por uma vida,  
que de nada valia pro lado de lá

Mas se somos minoria  
e aquela vida de nada valia

porque tanto te incomoda a nossa gritaria  
pedindo justiça por aquela vida  
que não vai voltar

É que a justiça não é justa pro lado de cá  
é fácil formar opinião  
sobre aquilo que você não vive  
sobre a dor que você não sente  
por isso as nossas opiniões são tão diferentes  
porque eu tô do lado de cá  
da galera que sente

E você do lado de lá,  
se torna tão prepotente  
abusando da dor da gente  
deixando o sistema fazer sua mente  
logo você que se julga tão inteligente”  
(AZEVEDO)

Além disso, a relação desses sujeitos com a memória é muito forte, esses ensinamentos, essas experiências se tornaram conteúdos para as suas poesias. Esses jovens de fato vivenciam suas experiências e as compartilham dentro dos *slams*. Eles se tornam os protagonistas de suas narrativas.

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. (BENJAMIN, 1994, p.198)

Diferentemente do silenciamento que os sobreviventes traziam após seu retorno da guerra, os poetas fazem de suas guerras e lutas contra a homofobia, o racismo, contra o machismo formas de poesias, e têm colocado no papel suas inquietações. Para Gloria Anzaldúa a escrita é arma de resistência.

“Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você.” (ANZALDÚA, 2000, p.232).

A autora traz um forte exemplo da utilização da escrita como arma dentro do campo da disputa pela afirmação de sua identidade. Os poetas que se apresentam nos *slams* se utilizam do mesmo recurso para fazer não apenas de suas escritas, mas de seu corpo, um protesto vivo contra os inúmeros direitos que lhes têm sido negados por suas diferentes identidades de gênero, territoriais e raciais.

No Brasil, esse perfil de poeta periférico tem se destacado entre os poetas mais jovens, como o exemplo do poeta Emmanuel Moreira, mais conhecido como Bixarte<sup>35</sup>. Na ocasião Bixarte tinha 16 anos, morava na periferia do estado da Paraíba e compartilhou relatos de sua vivência enquanto bichaa preta, gorda e nordestina. Como relatou em uma de suas poesias.<sup>36</sup>

“Vou com tudo,  
Arraso em tudo,  
Vou mostrar pra você  
Sou bixa afeminada  
e vim botar pra fuder  
Nem grande ocasião,  
a paz me manda lembrança  
E avisa pra quebrada  
Que ainda tinha esperança  
Vocês nunca vão entender o fardo  
De ser uma bixa preta,  
gorda e nordestina  
Ser tratada como lixo,  
já virou minha rotina  
Parece que minha cor preta  
Tem que me submeter  
a ser submisso a você  
O que você esquece  
é que minha alma é de luta  
E eu quero mais é que você vá se fuder”  
(BIXARTE, 2018)

Durante entrevista concedida a mim, a no ano de 2018, Bixarte explicou como o *slam* surge na sua vida em um momento de crise. “*O Slam chegou para mim em um momento muito difícil da minha vida enquanto bicha, enquanto preta sabe? E eu queria muito entender o que era isso.*”. Bixarte enxergou nesse movimento cultural uma maneira de expressar sua resistência. Segundo sua fala, as pessoas tentam constantemente mudá-lo e como um ato de revolta ele pode se expressar através de poesia. “*Eu acredito que se não fosse o slam talvez eu fosse mais uma bicha morta, calada já, silenciada. Porque foi o slam que me ensinou a enfrentar isso tudo de cara e me dar mais resistência.*”.

---

<sup>35</sup> A poeta e MC Bixarte, no ano de 2019 se afirmou enquanto mulher transexual, para ela houve uma mudança de percepção de si, ao ser desclassificada na primeira etapa do campeonato Slam BR em 2018. Quando retornou a sua cidade Paraíba a jovem decidiu por não mais viver um personagem, a partir daquele momento ela seria Bixarte. Apesar das transformações que a poeta e MC tem vivido, optamos por manter os dados como informados durante o campeonato Slam BR 2018.

<sup>36</sup> Essa poesia foi apresentada durante o Slam BR 2018, a apresentação está disponível na página do facebook do Slam BR. Disponível em : <https://www.facebook.com/POETRYSLAMBRASIL/videos/400755060660824/> Acesso em: 12/08/2019.

Em nossa conversa, Bixarte afirma a importância do movimento e do espaço em que há uma troca e um momento de ouvir o outro poeta. Durante sua apresentação busca sempre apresentar seu lado Pantera Negra<sup>37</sup> que diz trazer dentro de si: “*Meu corpo já nasceu com todas as estatísticas apontadas para mim*”.

**Figura 8:** Poeta Bixarte se apresentando durante o *Slam BR 2018*



**Fonte:** Acervo pessoal do pesquisador

A identidade vai sendo afirmada através do entendimento desse espaço do *slam* como um lugar de afeto e de troca. Em uma das edições do *Slam Laje* que acompanhei, a poeta Agnes Mariá<sup>38</sup>, após recitar sua poesia, compartilhou seu processo de escrita. Ela falou sobre como a poesia foi uma maneira de pôr para fora as coisas que a fazem mal no dia-a-dia, coisas as quais ela acreditava não poder responder e que deveria ficar calada. No *slam* ela viu que aquilo que antes ela apenas colocava no papel, poderia ser dito e que aquilo que a fazia se sentir mal, também fazia mal a outras pessoas e essas mesmas pessoas se identificavam com a sua dor e com aquela poesia: “*o slam foi o lugar onde eu me encontrei*”. Durante o ano de 2019 a poeta mudou-se para o Rio de Janeiro dando início ao coletivo Poetas Vivos no estado, junto dos poetas Maui e

<sup>37</sup> O poeta faz referência ao Partido dos Panteras Negras, que atuou de maneira revolucionária pelos direitos dos negros nos Estados Unidos entre os anos de 1960 e 1980. O Pantera Negra é o primeiro super-herói de ascendência africana criado por uma editora de quadrinhos americanos, sua identidade secreta é T'Challa, rei de Wakanda, um reino fictício na África.

<sup>38</sup> Agnes Mariá é uma poeta do Rio Grande do Sul integrante do coletivo Poetas Vivos, conforme foi informado durante uma oficina de poesia realizada na edição de Janeiro de 2019 do Slam Laje.

Valentine, fazendo intervenções literárias pela cidade. Além do Rio de Janeiro, o coletivo segue atuando com poetas do Acre e do Rio Grande do Sul.

A forma estigmatizada com que esses jovens são vistos, colocados à margem, é disseminada. Embora estejamos no século XXI, o preconceito aprofunda a intolerância e o jovem de periferia continua subalternizado. Juarez Dayrell apresenta a necessidade de se considerar a posição social desses jovens e o tratamento que lhes é dado, pois cada jovem possui vivências diversificadas através de contextos históricos, sociais e culturais. Nesse caso um jovem de baixa renda, morador de periferia, teria um modo de viver e circular a cidade diferente de outro jovem de classe média, que mora em uma área mais nobre dessa mesma cidade.

Na visão hegemônica sobre a juventude, por exemplo, a primeira postura se manifesta na compreensão do jovem como um vir a ser, tendo, no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido de suas ações no presente. (...) Alia-se a uma tendência em determinar o tempo da juventude com critérios etários predefinidos e rígidos, delimitando posturas e políticas públicas que não atendem às necessidades da juventude. (DAYRELL, 2004, p. 2)

Para o autor, em nossa sociedade há uma cobrança em relação ao caminho que o jovem vai seguir. Essa sociedade tende a encarar esses jovens através de um olhar particular. Por exemplo, espera-se que um jovem de 20 anos esteja cursando uma faculdade ou que já esteja inserido no mercado de trabalho. Aqueles que não se encaixam nessas “expectativas sociais” são julgados por aquilo que não alcançaram. Além disso, outras cobranças incidem sobre esses jovens, principalmente os que vivem nas periferias das cidades: o fato de não ter o cabelo liso dentro dos “padrões” construídos de beleza, da ausência do uso de roupas com logomarcas de grifes e outros elementos os colocam distantes, e em constante disputa, em relação ao que é considerado moderno ou atual para a nossa sociedade.

## **PERFORMANCE COMO VALIDAÇÃO SOCIAL**

O conceito que utilizo de performance na pesquisa é o mesmo que Richard Schechner apresenta em seus estudos, nos quais ele não limita a performance apenas ao fazer artístico, mas apresenta um modelo de leque que amplia para performances do cotidiano, ritos, cerimônias. É preciso entender que “*performance é um termo inclusivo*” (SCHECHNER, 2012, p.18) e por isso não estaria apenas relacionado às performances teatrais.

Schechner nos diz que o espaço, quando é utilizado pela performance, pode se tornar qualquer lugar (2006). Precisamos compreender que essa performance nesse espaço enfatiza o performer e não o cenário. Podemos relacionar isso ao que se vê nos slams pelo país, cada um com sua singularidade em relação aos espaços: praças, favelas, ONGs, equipamentos culturais, ruas, bares utilizados para compartilhar suas vivências poéticas.

O momento da performance é o instante da afirmação, que proporciona aos poetas a apresentação de sua identidade. Na performance do poeta o ato é político, é de resistência, é o que se destaca. O que aparece nas batalhas são as identidades negadas e suas histórias. Em uma entrevista realizada com a *slammaster* do Slam Laje, MC Dall Farra, durante o campeonato brasileiro de poesias Slam BR, perguntei o que ela sentia quando ia performar. Naquele momento, fui surpreendido por uma resposta que me fez refletir sobre como a experiência da escrita e da performance pode te levar a um lugar de dor e não apenas de realização.

**Dall Farra:** Eu posso falar nesse momento e isso pra mim é lindo, e não é lindo. Eu sou qualquer coisa menos uma coisa romantizada, não é bonito eu tô sangrando e mesmo ganhando grana com isso, eu estou ganhando grana com a minha dor e em uma das minhas músicas eu falo “Se eu paro de sangrar vocês não comprem meu próximo disco”. As pessoas chegam no slam e se sentam para escutar a nossa dor, daí você pode ver quem fala e quem escuta. Quem fala somos nós.

O primeiro contato da poeta e MC com o movimento do *slam* foi através da internet. Ela viu jovens recitando poesias no Slam Resistência de São Paulo, ainda não existia nenhum *slam* no Rio. Quando soube da segunda edição do Slam das Minas, resolveu recitar uma música autoral, pois já era cantora de rap. Segundo ela, a única diferença entre o *slam* e o rap é o beat, a batida. A poeta foi a campeã daquela edição e diferentemente do que ela vivia dentro da música, afirma: “Eu me senti abraçada, respeitada. Uma coisa que é muito difícil de conseguir dentro do espaço do rap que é um espaço super machista”. A partir desse dia a poeta começou a se envolver e participar de outros slams que aconteciam na cidade.

Seu processo de escrita se dava durante devaneios, escrever o que ela vivia, o que lhe cabia.

**Dall Farra:** Eu enquanto mulher preta, muitas vezes fui silenciada. Então a caneta e o papel pra mim representavam um espaço de fala integral, eu poderia a qualquer momento sacar, escrever. Então primeiramente eu comecei a escrever sobre a minha vivência, sobre o que eu achava importante. Eu lembro quando eu escutei a primeira de música de rap e eu pensava, mano ele tá falando do que ele via, ele tá falando da vivência dele que parece com a minha vivência porque ele era preto e periférico.

Dall Farra traz em seus versos relatos de sobrevivência, e essa escrita que foge das normas tidas como “cultas” ou erudita, esses versos não se aprendem na escola pois são relatos sobre vivências de mulheres, LGBTs, pretos, periféricos. O processo de escrita da poeta está relacionada a sua busca em entender o que ela vivia.

**Dall Farra:** “Mano olha o que eu estou vivendo, que é doloroso, é uma escrita dolorosa, que rasga para sair e rasga para existir, olha isso que está acontecendo com a gente, isso não é normal. O racismo não é normal, o machismo não é normal o silenciamento e a solidão da mulher preta não é normal. Então entendendo esses processos eu comecei a escrever sobre isso”

Gloria Anzaldúa fala sobre suas motivações a escrever, e sobre como essa prática da escrita a fortalece e ao mesmo tempo que confronta, mantém vivo o seu espírito de revolta. Os poetas favelados, são levados a praticar também essa escrita que confronta, mas também sangra.

Escrever é confrontar nossos próprios demônios, olhá-los de frente e viver para falar sobre eles. O medo age como um ímã, ele atrai os demônios para fora dos armários e para dentro da tinta de nossas canetas. [...] Escrever é perigoso porque temos medo do que a escrita revela: os medos, as raivas, a força de uma mulher sob uma opressão tripla ou quádrupla. (ANZALDÚA, 2000, p.234).

Através desse recurso da escrita, o poeta segue reescrevendo sua história. A poesia tem esse poder de transformar indivíduos e afirmar suas identidades negras, periféricas, LGBTs em uma sociedade que tenta constantemente silenciar as identidades que são consideradas “normais” a exemplo o homem ou mulher cis gênero, heterossexual. Afirmar sua identidade no slam é resistir, reexistir e existir contra as formas de silenciamento e preconceito.

Durante as idas ao Slam Laje presenciei o fato de os poetas se sentirem propensos a compartilhar suas poesias e do público presente interagir no momento de microfone aberto ou ao longo das batalhas de passinho. A favela é silenciada pela sociedade ao trazer em si signos de ausência, no saneamento básico, na energia elétrica e demais serviços. O momento de microfone aberto no Slam Laje se torna algo singular, pois quando um dos moradores da favela decide por recitar uma poesia autoral ou não, esse morador sai do lugar de expectador e se torna poeta.

Em uma de suas edições, uma moradora, de nome Juliana se apresentou pela primeira vez. Ela se utilizou do momento de microfone aberto para recitar. A cena era emblemática, haja vista ser uma jovem, com a filha no colo, protagonista, lendo seu texto pelo celular. No início, ela relata as vezes que ia ao *slam* e como aquela

experiência a levou a escrever e compartilhar seus pensamentos. Isso reforça a potência que esse movimento cultural possui, pois através das idas ao Slam Laje a jovem se sentiu encorajada a escrever e apresentar sua poesia. Na poesia, ela expressava o quanto foi ofendida, ao ser chamada de gorda e favelada, porém diante desses ataques contra o seu corpo e a sua origem ela não iria se abalar.

O momento de microfone aberto, para muitos que ainda não se enxergam como poetas ou que ainda estão tímidos em apresentar seus versos, é uma oportunidade de fala diante de uma plateia que irá escutar o que será dito, mas sem o peso da competição. Ali cada um pode mandar o seu recado, fazer suas críticas e ainda que não seja através de poesias, seja uma música, ou só dar um alô. Naquele momento o microfone é aberto para que cada um se expresse e solte sua voz. O momento do “mic aberto” como é conhecido entre os *slams* é um dos momentos aguardados por aquelas pessoas que frequentam os *slams* e querem passar sua mensagem pois não faz parte da competição pelo título de campeão, mas é a oportunidade de você expressar o que você sente.

“Como lugares onde a autoria é conscientemente performada, ideais políticos liberais são compartilhados, e a diversidade é celebrada, slams de poesia são locais onde os poetas vêm se expressar. Quando digo “vêm se expressar” quero dizer mais do que “dizer o que está em suas mentes.” (SOMERS-WILLET, 2009, p.68, tradução nossa)<sup>39</sup>

Susan B. A. Somers-Willett fala sobre esse lugar de consciência do que vai ser falado. Muitas das falas dos poetas que pude acompanhar durante as idas ao *Slam Laje* reforçavam as poesias que fazem declarações de empoderamento das identidades tidas como marginalizadas, sendo essas as mais presentes no repertório dos poetas favelados.

### **“VEM E BROTA AQUI NA LAJE” – FINAL SLAM LAJE 2018**

Antes de me dirigir ao local do evento, ainda em casa, percebi uma falta de organização quanto as informações do local onde aconteceria a final do slam. Apesar da explicação presente na página do evento no Facebook informando que seria na Pedra do Sapo, não havia um detalhamento de como chegar até o local, mesmo com as dicas e opções de trajeto postadas na rede social.

Tenho observado que as informações referentes aos locais onde vão acontecer as batalhas de poesias quando divulgadas nas redes sociais do coletivo são bastante

---

<sup>39</sup> “As places where authorship is consciously performed, liberal political ideals are shared, and diversity is celebrated, poetry slams are venues where poets come to express themselves. When I say “express themselves,” I mean more than “to say what’s on their minds.”.”

objetivas, trazendo referências as linhas de ônibus que passam pelo local do evento, qual a estação de metrô mais próxima e também as alternativas como as kombis e o mototáxi. Contrariamente, a partir do momento que o evento se tornou itinerante os encontros acontecem cada edição em lugares novos e pude perceber que muitas vezes ao chegar no ponto de referência informado para desembarcar do ônibus, é necessário pedir informação para algum morador para poder chegar até o local do evento.

Optei por pegar a Kombi, pois sinto medo de andar de moto. No evento dizia que aqueles que desejassem pegar a Kombi deveriam se dirigir ao ponto final da mesma e pedir para ficar em frente a creche comunitária. Segui com as dicas e pedi ao motorista para ficar na creche. Para a minha surpresa, ele me deixou em frente ao Instituto Raízes em Movimento. Quando desci percebi que havia alguma coisa errada, pois não tinha nenhuma movimentação pelo local. Perguntei para alguns dos meninos que estavam no Raízes qual seria a melhor de chegar até a Pedra do Sapo, eles me informaram que teria que subir e entrar por um dos becos e mais à frente perguntar novamente pela cruz. Esse seria o ponto de referência do local do evento.

**Figura 9** – Público do *Slam* Laje na cruz da Pedra do Sapo



**Fonte:** Acervo pessoal do pesquisador

Durante a caminhada até a chegada na cruz, fiquei me questionando sobre essa acessibilidade, de como outras pessoas chegariam também. Apesar de não frequentar, já conhecia o local, e ainda assim precisei pedir informações. Era aproximadamente 15 h, quando avistei Sabrina ajustando a caixa de som que tocava o funk *Aquecimento da Macumbinha*<sup>40</sup>, canção recorrente das batalhas do passinho das crianças. Cumprimentei-a e perguntei se poderia fazer alguns registros do evento. Ela autorizou e soltou um

<sup>40</sup> Funk que mistura a batida do funk ao som dos atabaques utilizados em religiões de matriz africana.

“fica à vontade. Naquela ocasião, não havia fotógrafos registrando o evento e nem estava sendo transmitido ao vivo o *slam*.”

Comecei a fazer meus registros. Ainda havia algumas crianças com pipas nas mãos que tinham sido distribuídas. Um almoço foi servido para eles logo no início da programação. As crianças eram muitas, e aquela edição final do *slam* estava sendo feita com atividades específicas para eles tais como, oficina de fotografia, de passinho e apresentação teatral. O público se divertia com as oficinas realizadas, as crianças escolhiam quem seriam os seus modelos para que fizessem o registro. Tudo era acompanhado pelos responsáveis da oficina.

**Figura 10** – Crianças dançando durante oficina de passinho



**Fonte:** Acervo pessoal do pesquisador

A programação contou com a presença da companhia Contra Bando de Teatro<sup>41</sup>. Durante a apresentação da companhia o tempo mudou e uma chuva começou a cair. Assim, a peça foi interrompida e, pelo fato do lugar ser a “céu aberto”, foi sugerido ir para o teleférico do Alemão por ser próximo e por ter uma pequena área com cobertura.

À noite, após essa mudança repentina para o teleférico e em meio a constante chuva que não parava, Sabrina pediu ajuda ao Coletivo Nós da Rua para começarem a declamar poesias. Essa seria uma forma de ter a atenção do público, ainda agitado com as mudanças que precisaram ser feitas. Percebi que os imprevistos, também afetaram o seu desempenho. Em meio a mudança de um local para o outro a caixa de som queimou e não teria como ligar o microfone para as batalhas.

---

<sup>41</sup> O grupo Contra Bando de Teatro, é formado por ex alunos do núcleo do AfroReggae no Complexo do Alemão.

De forma improvisada, o momento de microfone aberto aconteceu, mesmo sem caixa de som e microfone, com alguns dos poetas presentes se apresentando para esse quebra-gelo.

Antes de iniciar as batalhas é feita a escolha pelo *slammaster* entre o público presente daqueles que serão os jurados, o matemático e o contador. Após a escolha é feito um sorteio para definir a ordem das apresentações dos poetas que iriam competir naquela edição final. Ao longo das batalhas, pude perceber que algumas das poesias que eram recitadas na final, embora fossem originais, não eram inéditas e já haviam sido apresentadas em outras edições. Em meio, a chuva os poetas precisaram da ajuda uns dos outros inclusive para segurar o guarda-chuva durante a performance. Naquela noite não era apenas o clima que estava chuvoso. Havia um desconforto de estar ali no teleférico do Alemão.

É preciso entender o cenário político daquela ocasião, para enxergar as constantes tensões que aconteceriam ainda naquela noite. O dia 06 de outubro era a data anterior ao dia das eleições para presidente, governador, senador, deputado federal e deputado estadual. Um dos candidatos à presidência legitimava diversos discursos que são diametralmente contrários o que o movimento do *slam* prega, como o direito as mulheres, aos LGBTs, a resistência dos negros. O *slam* é o encontro no espaço livre em que a juventude periférica, negra, LGBT se reúne também nas praças para falar das questões que não encontram espaços em outros lugares.

O teleférico do Alemão tem servido como base da UPP<sup>42</sup> local, com isso a entrada e saída de policiais era frequente no decorrer das apresentações. Percebi uma preocupação por parte de Sabrina devido à chuva e à falta de equipamentos, pois a caixa de som apresentou um problema e não teriam como realizar as batalhas com o microfone.

Durante a apresentação, o poeta 4-Ó foi interrompido de forma pontual. Um policial de pistola em punho e dizia “*Amanhã é Bolsonaro, Bolsonaro 17*”. Imediatamente, o público reagiu de forma espontânea num coro coletivo “*ELE NÃO, ELE NUNCA*”. Aquelas pessoas não mensuraram se algo poderia acontecer com elas, se

---

<sup>42</sup> No ano de 2008, a Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro implantou o projeto da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), que trazia a proposta de implantar unidades policiais em favelas dominadas pelo tráfico de drogas, retomando o controle territorial para o Estado. No entanto esse projeto não é algo novo; faz parte de um arsenal de intervenções urbanas previstas para regiões ocupadas militarmente no mundo a partir de tecnologias, programas e políticas norte-americanas que vão do Iraque à Palestina.

o policial poderia fazer alguma coisa contra elas. Todos compartilharam de um mesmo sentimento: não seriam calados.

Émile Durkheim, disserta sobre uma energia emocional compartilhada que começa quando as pessoas se reúnem. Elas passam a partilhar um sentimento comum. É uma efervescência que é manifestada entre essas pessoas, na qual deixamos o individual de lado, e passamos a pensar como o grupo.

E como, no mesmo momento, todos os seus companheiros sentem-se transfigurados da mesma maneira e traduzem o seu sentimento através de gritos, dos gestos, da atitude, tudo se passa como se ele estivesse realmente sido transportado para um mundo especial ( DURKHEIM, 2008, p. 274).

Naquele momento, o poeta cumpria parte do ritual a que se propôs: ir até ali e competir pela vaga na final estadual. E durante aquele momento o público presente atingiu um grau de *efervescência coletiva*. Durkheim nos apresenta esse conceito como a experiência que o indivíduo tem através da interação com um grupo.

Sabrina tentava acalmar a todos, principalmente pelo fato de o policial estar armado e do que ele poderia fazer contra eles. Por um momento, me senti inseguro e com medo. Pensei nas inúmeras vezes que tentaram calar e intimidar a voz da favela, e das vezes em que momentaneamente conseguiram.

Uma das regras do *slam* é que a qualquer momento o poeta pode recomeçar a sua poesia sem que isso seja contabilizado. É como se a partir daquele momento que ele começa a falar inicia-se uma nova contagem. 4-Ó se recompôs e não apenas ele, mas todos nós que estávamos ali precisamos engolir a seco e deixar a poesia fluir e responder a esse ataque. É preciso compreender que a poesia que o poeta recitava falava justamente sobre os ataques que a favela recebe e durante sua performance o mesmo foi atacado.

“A favela quer respeitar o exército sem brincadeira,  
mas fica difícil com vocês invadindo a sua casa,  
quebrando tudo e comendo as parada da geladeira,  
Mano seja sincero,  
esse papo reto aqui é pro seu próprio bem.

Tu morava na favela que nem eu  
uma farda e uma arma,  
não te torna melhor que ninguém  
será que seria mais eficaz  
se você fosse honesto com seu próprio ser,  
explica como tu sobe pra matar,  
dentro da favela que te viu crescer,  
não deixando a menozada da favela crescer  
pergunte as mães de maio, a de Amarildo  
pergunte a mãe de Maria Eduarda,

pergunte as mães dos cinco meninos  
comemorando o primeiro salário do amigo.

Ei você que aponta o fuzil pros meus amigos,  
já abraçou sua mãe?  
Como se sente, sabendo que fez  
com que uma mãe nunca mais abrace seu filho.  
Eu te entendo, tá cumprindo ordens,  
eu te entendo salário vem primeiro,  
eu só não entendo como tu tira a vida de uma criança  
e isso não pesa seu travesseiro.

Como dizia W-Black não deu tempo de brincar  
e mesmo eu sendo zulu e exaltando a verdade  
você só vão sentir quando eu explicar  
imaginou aquele abraço apertado de saudade  
e se não der tempo de abraçar.

Porque seu coração é tão vazio,  
como pode não é anfíbio  
ou repito mas é cheio de sangue frio  
eu sou cântico e sou cântico de guerra  
abraça o amor  
é a pátria caminhando e cantando  
e seguindo a canção na esperança  
e em seu amor à pátria fere  
quem ela vive

E matando o filho do humano  
que jogava bola contigo na infância  
sua farda tem uma simbologia,  
cada simbologia tem seu algoritmo  
sem entender que você também é estatística  
um pedaço de pano  
com uma bandeira do Brasil com seu símbolo.  
Você quer um pedaço de pano que represente amor e guerra?  
então bate continência  
pra camisa ensanguentada do Marcos Vinícius.”  
(4-Ó, 2018)

Embora alguns imprevistos tenham acontecido naquela edição final do *Slam* Laje, nem a chuva e a tentativa de silenciamento por parte do policial impediram o evento de escolher seu representante para a final do *Slam* RJ. Em uma disputa acirrada e por diferença de décimos o campeão do *Slam* Laje da edição 2018 e representante na final estadual foi o Poeta Dudu Neves, que é morador da favela Cidade de Deus e integrante do coletivo Nós da Rua.

### ***“A POESIA É QUEM VENCE E O CAMPEONATO É CARIOCA, SLAM RJ”<sup>43</sup>***

A final estadual que definiria o vencedor do Campeonato Estadual de Poesia Falada – Slam RJ do ano de 2018 aconteceu em uma segunda-feira, 15 de outubro, com previsão de início para as 19h, no Circo Voador, bairro da Lapa, centro do Rio de Janeiro. Aquela seria a última etapa seletiva para definir quais poetas representariam o estado na final nacional do campeonato em São Paulo. O evento era gratuito e a entrada poderia ser um alimento não perecível ou um gibi. A realização foi feita pelo *Slam* das Minas.

Participaram desta etapa os slams residentes do estado do Rio de Janeiro que tenham feito pelo menos 5 encontros e determinado um finalista por meio de ranking de pontuação ou uma edição final. Todos os finalistas participam da seletiva dividida em três etapas: uma etapa classificatória na qual cada poeta deve apresentar um poema de até 3 minutos, sem acompanhamento musical e sem acessórios. Uma etapa semifinal para definir quem se classifica para o *Slam* BR, nessa edição seriam 3 classificados para representar o estado, já que as vagas para a final são proporcionais ao número de slams inscritos por estado.

Com poetas representando 27 slams do estado do Rio de Janeiro, o campeonato se iniciara. Entre as chaves de disputa o microfone foi aberto para os poetas que não estivessem competindo recitarem. O grito de guerra foi decidido de forma democrática e com a sugestão da platéia ficou estabelecido o grito, “*A poesia é quem vence e o campeonato é carioca, SLAM RJ!*”. A cada apresentação, o grito ecoava pelo palco do Circo Voador. Esse momento é um dos mais importantes, porque antecede a performance do poeta e através dele o poeta pode sentir a energia do público para realizar seus versos.

Uma das apresentações mais significativas foi da poeta Sam de 10 anos. A poeta estava disputando com outros poetas experientes e, mesmo precisando de ajuda para ler sua poesia e recitá-la no microfone, chegou às semifinais da competição. Em sua poesia dizia: “*Todos temos diferenças, mas o nosso pai é o mesmo, tem cabelos liso, enrolados e duros, mas por dentro somos todos iguais, amo mas ainda tenho que aprender a amar, somos todos amor, mas temos que ter cuidado pro amor não se tornar ódio, porque ele é muito frágil, igual o nosso coração*”. Nesse momento o público é

---

<sup>43</sup> Grito de guerra do campeonato estadual de poesia falada, *Slam* RJ.

tocado e podemos compreender a importância da poesia e, quão grande é o aprendizado no *slam*.

O *slam* ensina que seja na favela, na praça, ou em qualquer lugar que esteja acontecendo uma batalha de poesia, esse é um espaço de aprendizado. Nesse espaço, a literatura é ressignificada, e se torna uma sala de aula de literatura onde se aprende num processo livre. Os professores são jovens que, socialmente colocados à margem, nesse espaço, entretanto, são poetas e trazem potentes narrativas poéticas em seus versos e estão no lugar de quem vai compartilhar o conhecimento para o público presente.

Entretanto, os versos apresentados nas performances trazem questionamentos sobre a vida que esses poetas vivem de maneira a provocar o público. Porque esse público se torna cada vez mais diverso no movimento de *slam*. As vezes são pessoas que estão passando na hora e devido a movimentação se interessam em saber o que está acontecendo ou pessoas que acompanham os coletivos e estão presentes em cada uma das edições dos *slams*. Essa provocação se reflete nas notas dadas pelos jurados. Se algum poeta recitar sobre dores, racismo, ou algum tipo de violência sofrida essa nota será alta. Entretanto, se a poesia falar de amor ou de um assunto mais comum, ou que não gere um desconforto, ela não é bem avaliada pelo júri.

Ao longo da programação, em um dos momentos de microfone aberto, Sabrina foi chamada ao palco para recitar seu poema e optou por não recitar. A poeta escolheu falar sobre a importância da valorização do trabalho dos poetas e fez um convite ao público para que eles comparecessem nos *slams* menores, nos *slams* de periferia para fortalecer esses espaços que não têm muita visibilidade.

Durante as apresentações dos poetas, algumas vezes o responsável pelo tempo levantava a mão e o público repetia o gesto. Apesar de não ser uma regra do *slam*, esse movimento ajuda a sinalizar o poeta de que os 3 minutos de sua apresentação acabaram, e caso continue a recitar além de 10 segundos limites, poderá ser penalizado com redução de pontos. Apesar da sinalização, nenhum poeta foi penalizado com perda de pontos na competição.

Quando o poeta Dudu Neves, que era o representante do Slam Laje, foi chamado para participar da primeira rodada, Sabrina começou a cantar da plateia uma paródia do funk “vem e brota aqui na base”, “*Vem e brota aqui na laje, vai passar sua mensagem, sei que você tem vontade então, recita um pouquinho. Ah vou recitar, vou*

*passar a visão pra tu, pega a visão!*”<sup>44</sup>. Essa versão eu já havia escutado em outras edições do Slam Laje e se tornou uma marca. O grupo trouxe ainda outra versão, “*Tropa de Wakanda qual é sua missão? Não deixar Branco fazer apropriação!*”<sup>45</sup>. Com uma mensagem bem direta eles conseguiam fazer com que todos que estivessem ali reproduzissem as versões feitas por eles.

Esses gritos representam a característica de cada *slam* e afirmam sobre o tipo de mensagem que está sendo dita nos versos apresentados. A versão do funk “vem e brota aqui na base” se tornou uma paródia que aparece muitas vezes nas chamadas das edições do *Slam Laje* e fala sobre as características do *slam*, pois acontecia na laje, pela questão do microfone aberto onde qualquer um pode falar algo que está sentindo, seja através de poesia ou música sem o peso da competição. No entanto, quando o grupo faz referência a Wakanda, país africano fictício presente no filme Pantera Negra, eles estão referenciando um grupo de poetas negros que estão apresentando versos que fazem críticas a atitudes racistas e apropriações culturais feitas por brancos.

Durante o microfone aberto, uma das responsáveis pelo evento colocou uma bandeira do movimento LGBT no centro do palco e uma outra bandeira do PT (Partido dos Trabalhadores). Ela começou a falar sobre a importância de entender o momento político ao qual estávamos prestes a entrar e que aquele espaço do *slam* era um espaço de liberdade de expressão e por isso deveríamos ser conscientes em nosso voto para presidente da República. Esse tipo de crítica sobre o candidato de extrema-direita apareceu em algumas das poesias recitadas naquela noite. Era um acirrado segundo turno para a eleição do futuro presidente da república e a conscientização do rumo que o país seguiria era de extrema urgência.

No decorrer da programação, duas irmãs gêmeas foram convidadas a se apresentar e a *slammaster* falou sobre uma situação delicada que aquelas jovens estavam passando. A família havia decidido sair de casa após a mãe não suportar mais ser agredida por seu companheiro. A mãe, com um bebê de poucos meses nos braços e as irmãs não tinham nada, e haviam saído com as roupas do corpo de casa. A apresentadora do evento reforçou a importância de entender que o *slam* é um espaço de acolhimento e por isso eles iriam passar o chapéu novamente para arrecadar algum tipo

---

<sup>44</sup> Versão do Funk “Vem e brota aqui na base” cantada pelo MC Doguinha

<sup>45</sup> Versão do grito de guerra presente no filme Tropa de Elite e presente no funk “Rap da Fazenda de Inhaúma” originalmente composta em 1996 pelo MC Julaine.

de recurso financeiro para a família e quem pudesse contribuir de alguma outra forma através de doações, ou até mesmo um emprego, poderia procurá-las ali no palco.

Por se tratar de uma prática cultural independente há uma parceria entre poetas e o público. Passar o chapéu é uma prática antiga que busca uma relação colaborativa entre as pessoas. No entanto respeita-se o direito do público não contribuir por qualquer motivo. No caso do *slam*, por não contar com tipo de incentivo financeiro direto, esse chapéu vai ajudar a cobrir custos de produção do evento. O poeta oferece ao público sua arte, seus versos e o público retribui ao artista contribuindo de forma espontânea com o quanto quiser e puder ofertar.

A função do chapéu é fundamental nesse tipo de evento, porque ajuda de forma coletiva o desenvolvimento do *slam*, fortalece as redes e, no caso da final estadual, contribuiu para que integrantes dos slams do interior do estado pudessem participar na final que aconteceu na capital. O pesquisador Demian Reis apresenta em sua tese como o artista encontra estratégias para conseguir recursos após as apresentações.

O artista de rua que não acessa esses recursos se vê obrigado a enfrentar o problema de criar um circuito econômico diretamente com o espectador no momento de sua apresentação, às vezes durante outras no final. Para isto, adota estratégias que, em geral, percebemos que são explicitamente voltadas para cumprir este objetivo. Este recurso é popularmente conhecido como a passada de chapéu, e não é fenômeno recente, se trata de uma prática, em verdade, bem mais antiga do que os mecanismos indiretos de viabilização que vigoram hoje. (REIS, 2010, p.178)

Acompanhando o Slam Laje, vejo que essa forma de apoio financeiro costuma acontecer para que o evento seja realizado. É com esse recurso que eles conseguem arcar com despesas mínimas para a produção do evento tais como pilhas para os microfones ou a compra de premiações para os campeões daquela edição do slam e da batalha do passinho.

Durante uma das edições do Slam Laje, quando o evento ainda acontecia na laje da casa Brota, um dos mestres de cerimônia tinha um compromisso em um bairro distante do Alemão e precisaria sair no meio do evento para conseguir chegar a tempo em seu compromisso. Naquele momento o outro apresentador sugeriu que passassem um chapéu excepcionalmente para que o rapaz pudesse ficar por mais tempo no evento e com aquele dinheiro arrecadado ele poderia sair mais tarde e pegar um carro por aplicativo.

A final estadual do *Slam* RJ contou com diversos poetas, sendo os três classificados para a final no *Slam* BR eram membros do mesmo coletivo, o Nós da Rua. Sabrina Azevedo, que era a representante do *Slam* Vila Isabel, foi a grande vencedora

da noite, se tornando bicampeã estadual. Em suas poesias ela fala sobre suas experiências enquanto mulher e periférica, além de falar sobre Dandara<sup>46</sup>, não como a companheira de Zumbi, mas a guerreira que lutou por seu povo. A poesia que garantiu sua vitória falava sobre o Brasil e a forma como são esquecidos os crimes, fala sobre os seus heróis que não morreram de overdose como os de Cazuzza, mas foram assassinados:

“Sou filha dela, pátria amada,  
idolatrada, abandonada  
e golpeada pelas costas por falsos patriotas  
e invasores que tramaram de Tordesilhas  
e roubaram a sua identidade própria,  
mas a queda da monarquia foi prevista  
com um dia de glória e por falha do destino  
a república foi formada pelos falsos patriotas,  
mentes colonizadas  
era a luta de quem mais mandava  
e o poder era o que valia  
e quem não tinha claro que perdia como hoje em dia.  
É que eu vejo o futuro repetir o passado,  
Cazuzza previa.

E a guerra sempre foi de quem mais tem,  
porque não se convence que tem o bastante,  
que rouba o bastante, que mata o bastante.  
É uma guerra constante,  
político contra povo político,  
militantes, militares militando pelas verdades,  
mas quem é de verdade?  
Quem foi de verdade?

Qual é a história das pessoas que hoje são nome das ruas da sua cidade?  
E aquela estatua do simbólico grito da liberdade,  
Será que foi verdade?  
Quem está mentindo Getúlios ou Lacerdas?  
Quem não irá aguentar e tirar a própria vida,  
Quem será assassinado e terá a morte forjada,  
Pra ser lembrado como suicida.  
Mas e se ele quis tirar a própria vida?  
Pra entrar pra história virou suicida,  
matou milhares na era Vargas  
e agora é nome de hospital,  
que continua matando vidas.  
Carlos Lacerda,  
É nome de escola que não ensina,  
Mas eu aprendi que a prática confirma  
o que a gente raciocina então pratica,  
mas lembre-se você pode ser alvejado na próxima esquina.  
Porque desde sempre quem tem voz contra o sistema  
vira arquivo queimado.

Foram nove tiros naquele carro,

---

<sup>46</sup> Dandara foi uma guerreira negra que dominava técnicas de capoeira e lutava ao lado de homens e mulheres nas muitas batalhas geradas por ataques ao Quilombo dos Palmares, o maior dos quilombos do período colonial brasileiro.

quatro deles no rosto  
Naquela quarta-feira Marielle Franco,  
foi assassinada pela ditadura de 2018  
e aquele atentado levou outra vida  
Anderson,  
estava feliz arrumou um bico de motorista,  
iria entrar mais uma grana pra família.  
Mas foi naquele dia que tiraram a sua vida.  
E pra ficar bonito vão virar nomes de escola,  
avenidas, mas e nos livros de história,

Seus nomes estarão em alguma linha?  
ou será apenas mais uma história esquecida?  
Quantas histórias já foram esquecidas,  
quantas histórias já esquecemos,  
quantos de nós ainda morrendo,  
enquanto a história só for contada por eles,  
os nossos heróis sempre serão esquecidos,  
mas eu irei lembrar,  
meus heróis não morreram de overdose  
eles morreram assassinados a tiros,  
só por terem as mentes armadas.

O que é ser patriota de uma pátria mascarada  
a raiz dela arrancada,  
a pátria amada tá armada,  
Brasil mostra a tua cara!”  
(AZEVEDO, 2018)

A forma como a poeta performatiza é algo que prende a atenção do espectador. O leve som que sai de sua voz é somado aos movimentos que são feitos com as mãos próximas a seu corpo, e por esses movimentos a poeta envolve o público. Quando a interação entre os corpos é feita, há uma mudança no rumo da performance, o tom de voz se eleva e como grito de protesto as palavras saem de sua boca.

Outro finalista foi o poeta Dudu Neves, que era o representante do *Slam Laje*. Foi o segundo colocado da competição, o que garantiu sua ida para a final do *Slam BR* em São Paulo. Acompanhei um pouco da trajetória do poeta Dudu Neves durante suas apresentações no *Slam Laje*. O coletivo em que faz parte é sempre presença confirmada no Alemão nas edições do *Slam*. As poesias que Dudu apresentou falam sobre ser negro, ser gay, de favela e como o corpo é encaixado dentro de uma sociedade que muitas vezes limita os sujeitos. No decorrer da final estadual no Circo Voador, o poeta apresentou uma poesia que falava sobre as marcas que o seu corpo traz através de sua pele retinta.

“Ainda posso ouvir, as correntes se arrastar,  
o chicote marcar, marcas que ainda posso sentir,  
ainda posso ouvir o som da sirene da viatura tocar,  
o gatilho apertar no menino daqui.  
É que arrastaram Claudia, Rafa Braga em uma jaula,  
Marielle morta, vão vir atrás de mim,

tanta ferida exposta, luto cravado na memória,  
menor com o uniforme da escola não conseguiu reagir.

E eu ainda tenho que resistir,  
é que eu vim de lá do lado de lá,  
me trouxeram pra cá,  
acho que o plano deles era me matar aqui.

É que eu vim de lá, de África,  
mas de onde eu sou,  
se África não é um país.  
Querem me silenciar,  
minha história apagar,  
minha ancestralidade ocultar.  
Me botar pra trabalhar,  
salário mínimo ganhar,  
pra tentar me sustentar na crise desse país.

Oh Deus então zele pela minha vida,  
me livre da dura, da viatura,  
do homem do saco,  
do capitão do mato e da bala perdida.

Assim se foram tantas vidas,  
sonhos mutilados por causa da melanina.  
Assim escreveram tantas poesias inspiradas nas dores,  
dores como da tia Dolores,  
que sentiu a dor de perder sua cria.

País sem paz, paz que procria e não cria,  
onde o dinheiro virou um Deus  
e quantos pobres nascemos ateu,  
sistema capitalista todo dia mata setenta e um dos meus  
e eu ando tranquilamente na favela onde eu cresci,  
quero andar tranquilamente no país onde eu nasci,  
mas sei que minha raiz não é daqui.  
Essa terra é dos moços de flecha afiada,  
de cara amarrada Tupã Araguaia,  
um povo que fala tupi guarani.  
Minha carne é traçada numa terra roubada,  
fui vendido a troco de ouro e prata  
e eles gritava é uma nova pátria.”  
(NEVES, 2018)

Benjamin nos fala sobre a capacidade que cada indivíduo tem de absorver uma narrativa e repassá-la adiante. E uma vez feita, as marcas de suas experiências estariam nelas. O autor sugere essa narrativa como um trabalho artesanal, porque carrega em si as marcas do artesão. Assim as experiências se apresentam pela poesia e não mais seria uma vivência exclusiva, mas compartilhada junto ao público presente no espaço do *slam*. A narrativa traz consigo as marcas do narrador, sua maneira pessoal de trabalhar a matéria que relata. De acordo com Benjamin:

Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador

para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador como a mão do oleiro na argila do vaso. (BENJAMIN, 1994, p.205)

O autor reforça como a narrativa se torna a identidade desse narrador. Tal como o oleiro trabalhando com a argila para que se torne um vaso o objeto traz em si as marcas das digitais do oleiro. Isso se relaciona com os poetas do *slam*, pois em muitos dos versos são apresentadas as lutas de seu cotidiano e a maneira que cada um encontrou de sobreviver e resistir as opressões sofridas cotidianamente.

O terceiro classificado para disputar a final do campeonato brasileiro de batalhas de poesias foi o poeta 4-Ó, que estava representando o *Slam X*, também integrante do coletivo Nós da Rua. As poesias de 4-Ó falam sobre sentimentos, da realidade que é vivida na favela, entre outros temas relacionados às suas vivências:

“Vocês querem um motivo pra lutar por igualdade,  
Eu te dou 14 milhões.  
14 milhões de pessoas vivem em extrema pobreza no Brasil,  
14 milhões de pessoas hoje passam fome  
a maioria não possui um sobrenome  
e suas digitais foram arrancadas pelo trabalho infantil.

Vocês falam que o partido é novo,  
olha só a proposta,  
querem diminuir a pobreza sem diminuir a desigualdade,  
querem nós na feirinha da taquara  
longe dos shopping, da praia e do centro da cidade.

Capitalista inteligente,  
seu partido novo possui ideias mais antigas  
que andar pra frente,  
maldito Malthus, malditos neomalthusianos  
põe a culpa da pobreza,  
na quantidade de criança que a mão pobre pariu.

Os Estados Unidos nunca sofreu com superpopulação,  
mas é quem mais financia a campanha ante natalidade no Brasil.  
Americano é o caralho, estadunidense é a sigla  
e se a Europa é o câncer do mundo,  
os Estados Unidos é a Europa da América Latina.

Aí tamo na atividade, movimento,  
eles tão com medo da revolução falada  
feita por nós os escravizados pelo subdesenvolvimento,  
a culpa não é do pobre, é da consequência selvagem,  
do capitalismo selvagem,  
do cidadão selvagem,  
que queimou pessoas vivas em nome de Deus.”  
(4-Ó, 2018)

As falas dos poetas seguem envoltas por suas vivências, suas angústias e o desejo de muitas vezes por para fora o que se vive. O fato de fazer parte de um coletivo

fortalece a interação entre identidades negadas e por essas interações há um fortalecimento desses sujeitos.

O encerramento do evento foi repleto de alegria, não apenas por parte dos poetas, mas também pelo público que pode presenciar a vitória de três poetas favelados que levariam suas diferentes vivências para o campeonato nacional em São Paulo. O coletivo Nós da Rua, representaria o estado do Rio de Janeiro na maior competição de poesia falada da América Latina os poetas 4-Ó, Dudu Neves e Sabrina Azevedo moradores da cidade de Deus em Jacarepaguá iriam competir pelo título de Campeão do *Slam* BR de 2018. Era como um sonho que se tornara realidade. Entre os agradecimentos, após o anúncio das classificações, uma frase me marcou. Sabrina Azevedo fala sobre a importância das vozes periféricas e manda: “*Ele não, ele nunca, ele nunquinha!*”. A comemoração dos poetas segue pela noite nos bares da Lapa.

## **FINAL NACIONAL – DO ALEMÃO PARA O BRASIL**

No décimo aniversário da maior competição de *slam* da América Latina, observei a programação do evento que aconteceu na cidade de São Paulo entre 13 e 16 de dezembro de 2018, no Sesc Pinheiros na capital paulista. Por se tratar de uma edição especial, a programação de abertura incluía uma cerimônia de exibição do filme *Slam Voz do Levante*, que seria exibido no CineSesc, localizado na Rua Augusta.

O filme, que tem direção de Tatiana Lohmann e Roberta Estrela D’Alva, fala sobre o crescimento do *slam* na cena brasileira desde 2008, trazido pela diretora e também poeta Roberta Estrela D’Alva, que mostra as origens, nos Estados Unidos e acompanha a campeã brasileira do ano de 2016, Luz Ribeiro, até a Copa do Mundo de *Slam* em Paris.

Ao entrar na sala do cinema, o local estava lotado e ainda assim havia pessoas em pé dentro da sala. Embora a cerimônia já estivesse começado, fui direcionado a um local que era reservado para convidados, bem localizado e pude assistir ao restante da cerimônia de forma confortável.

Naquele momento da cerimônia, a poeta Letícia Brito, uma das idealizadoras do *Slam* das Minas RJ, recitava um lindo texto sobre as trajetórias dos slams. Durante sua fala, vi uma das moças sentada ao meu lado, visivelmente emocionada, sendo amparada por suas amigas. Preciso registrar que, apesar de não ser questionado, não me

senti à vontade para fazer registros fotográficos ou no diário ao longo a sessão. A fala da Letícia foi muito forte e a plateia reagiu de forma intensa.

**Letícia Brito:** Como disse o Marechal: quer ser melhor? Vai ser o melhor para sua comunidade. E nós levamos isso a sério. Quem ainda não entendeu que isso aqui não é sobre competição levanta a mão ou melhor não levanta não, senta e abaixa a orelha e escuta o que a lele vai falar. Isso tudo não é sobre ganhar, nem sobre números de likes ou visualizações o importante é entender que fama não paga o pão que o capital é foda e se o emocional não estiver estável, você não da conta de na mesma semana aparecer na tv e não ter o dinheiro da passagem pra sua filha estudar. Não dá pra vender a sua dor, nem deixar o capital se apropriar e fica esperto para não colocar o apoiador na lista do opressor por causa da cor.

O texto de Letícia indica que o real valor dessa competição não está no troféu em si, mas em como cada um sai ganhando em poder conhecer e aprender com esses poetas tão diversos. Apesar da competição ser levada bem a sério e em alguns momentos os poetas serem chamados de atletas, é a poesia quem vence. O fato de poder compartilhar suas experiências de vida e como observar o funcionamento dos slams, em cidades com poetas de outros estados, fortalece toda a comunidade do *slam*. O poeta Emmanuel Moreira, representante do estado da Paraíba, reforçou esse aspecto ao comentar sobre a sua vinda para a competição “*Eu vim buscar munição sabe, pra voltar do Slam BR carregado, e assim conhecer todos esses poetas, conhecer todo esse povo foi muito bom.*”

Após a leitura do texto de Letícia, um poeta representou todos os demais competidores em uma fala. Mateus Brito do Acre compartilhou o quanto o *slam* mudou a sua vida, contou sobre a perda do pai com câncer e como escrever o ajudou a seguir em frente. Mateus ainda fez crítica ao racismo e sobre como sofre preconceito por vir de um estado pequeno no norte do país. O poeta tem uma marca registrada que se afirma como um lema, “*a poesia é marginal, mas o poeta não!*”. Em seguida, as apresentadoras Luiza Romão e Mel Duarte convidaram os poetas para irem até o palco se apresentar. Os 25 poetas foram ovacionados pela plateia.

Ao final dessa apresentação, as apresentadoras convidam os idealizadores do ZAP! Para falarem sobre suas experiências nesses 10 anos de *slam*, além das falas, houve um momento de homenagem a uma senhora que se chamava Maurinete Lima, que começou a escrever poesias após frequentar o ZAP! Além disso, escreveu um livro. Em uma das cenas do filme, Roberta Estrela D’Alva fala sobre o fato das batalhas no Brasil acontecerem de forma diferente e não importa quem vence ou quem perde, mas como aquilo potencializa e muda a vida do Poeta.

Nessa edição comemorativa de dez anos, 25 poetas foram classificados através das eliminatórias estaduais em 18 estados do país. E com isso, aquele público presente na abertura e nos demais dias de campeonato teriam a oportunidade de conhecer a pluralidade dos poetas e a diversidade cultural de cada Estado por meio da voz e da performance de cada um. A competidora mais jovem representava o Estado de Pernambuco e tinha 15 anos. A mais velha, com 31 anos, representava o Estado de São Paulo. Os demais poetas se mantinham na mesma faixa etária entre 16 e 28 anos. Esses poetas podem ser categorizados, segundo o IBGE, como jovens, pertencentes a fase da vida em que há cobranças de todo tipo e, lá estão no slam afirmando suas identidades através de seus corpos.

Antes da exibição, a diretora Tatiana Lohmann foi chamada para falar sobre o filme. Nesse momento, alguém na plateia grita “*Protagonismo negro no cinema!!*”. A plateia começa a aplaudir. Uma menina na fileira da frente responde: “*Ela não é negra!*”. Essas falas em tom de deboche e muitas vezes como sussurro foram recorrentes em meio ao discurso da diretora, inclusive pelas meninas que se sentavam ao meu lado. “*Ela é branca, olha para ela, ela não é preta*”. Isso me levou a refletir sobre a questão racial no *slam* que é um local de acolhimento para a juventude negra e no protagonismo majoritariamente negro no filme.

Isso produziu em mim questionamentos: de que forma a direção de um filme realizado por uma mulher que não é negra (segundo o julgamento daquelas pessoas) não iria refletir o protagonismo de poetas negros ou interferiria no sucesso e valorização daquela obra. Pouco tempo depois, discutindo com alguns poetas sobre o filme *Slam: Voz de levante*, entendi que, apesar de falar sobre o movimento no Brasil, ainda limita muito as questões para o Sudeste, principalmente a cidade de São Paulo que começou o movimento.

Em um determinado momento no filme, durante um dos slams do ZAP!, um dos jurados perguntou se o tema só seria África. O jurado, um homem branco, recebe uma resposta, à altura do questionamento afronto, de um poeta negro que improvisou os versos-resposta mantendo a temática. Nesse momento uma das moças assentada ao meu lado diz: “*Só podia ser coisa de branco*”. Imediatamente, minha mente se recordou dos inúmeros comentários racistas que são ditos de forma contínua, sem contrapartida a respeito dos negros. Refleti sobre a rejeição que me causou ouvir isso ali.

Ao final da exibição do filme, conforme as pessoas iam saindo do local, era possível enxergar do outro lado da calçada alguns poetas que não chegaram a tempo para a cerimônia de abertura e no entanto cantavam e riam. Alguns dos poetas competidores se juntaram a esses que estavam bebendo e se divertindo. Entre esses estavam MC Martina, MC Dall Farra, dentre outros poetas cariocas que foram acompanhar e torcer pelos finalistas que representavam o estado do Rio de Janeiro e o Slam Laje. Nesse momento, comecei a me questionar sobre a forma como os competidores estariam enxergando a competição. Momentos antes eles haviam sido apresentados como atletas de uma competição e por isso se esperaria um outro tipo de comportamento por parte desses “atletas” já que no dia seguinte se iniciariam as competições.

No primeiro dia de competições cheguei cedo no Sesc Pinheiros com intuito de conversar com alguns poetas. Consegui dialogar com uma poeta que representava o Mato Grosso. Durante a nossa breve conversa, Pacha Ana afirmou que aquele era o segundo ano que ela competia no *Slam BR* e que ela era bicampeã pelo seu Estado. Pergunto sobre seus rituais e preparo para se apresentar. Ela respondeu que só iria se apresentar no dia seguinte, “*mas que era macumbeira mesmo, que batia cabeça no gongá e não deixava de andar com suas guias*”. Em suas poesias havia cantos de agradecimentos aos orixás.

Não consigo realizar mais perguntas devido ao *slam* que já iria começar. A abertura foi feita pela *slammaster* Roberta Estrela D’Alva, que agradeceu a mais uma parceria junto ao SESC<sup>47</sup>. O evento em suas últimas edições foi sediado junto ao SESC, e também contou com adesão do governo de São Paulo através de um edital de apoio a festivais. Esse recurso foi usado pela equipe responsável, o Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, para arcar com passagens, hospedagem e ajuda de custo em relação as refeições dos poetas, representantes inter-estaduais na competição.

Roberta trouxe em seu discurso que o *slam* não é uma competição, mas um espaço de troca entre os poetas em que todos são vencedores por poder compartilhar naquele espaço suas poesias junto a outros poetas de diferentes lugares do país. Esse tipo de fala vai se tornar recorrente por parte da *slammaster* nos demais dias de competição. Entretanto, antes das batalhas iniciarem, Roberta diz que se tivesse alguém responsável por um *slam* de outro estado e que quisesse fazer parte da mesa para avaliar

---

<sup>47</sup> O Sesc, Serviço Social do Comércio, é uma instituição privada, mantida por empresários das áreas do comércio, serviços e turismo, com atuação em todo país.

o tempo e a contagem das notas das apresentações não teria problema. Isso seria como uma auditoria e certificaria as apresentações.

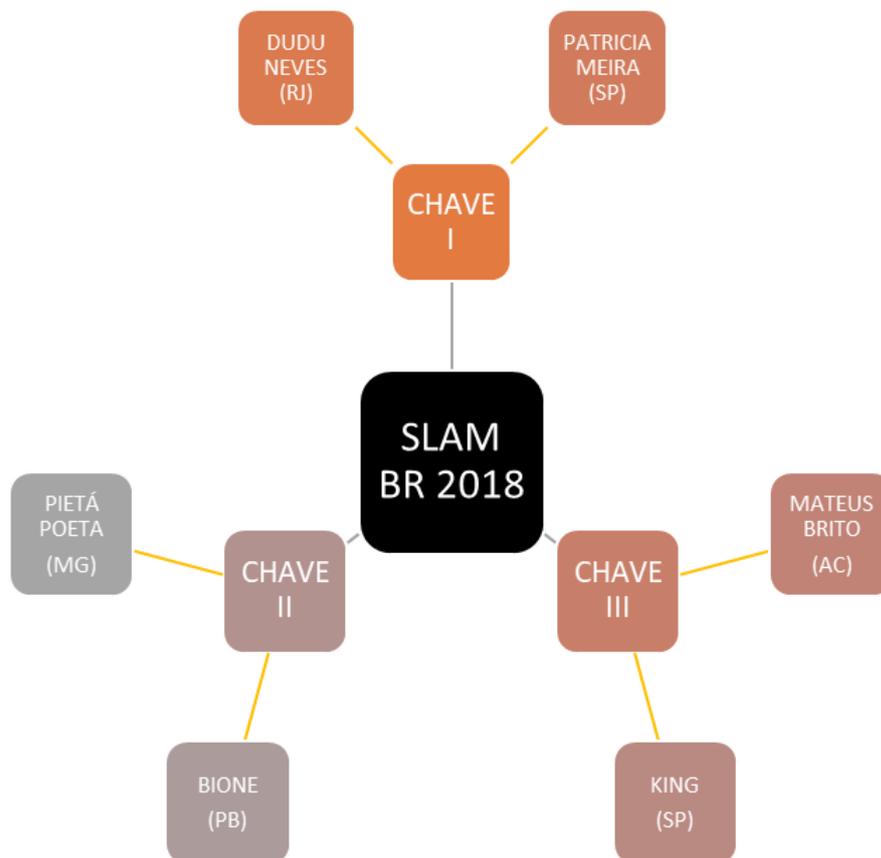
Algumas das funções eram bem definidas para o campeonato. Já havia responsáveis para as funções de matemático e de responsável pelo tempo das performances. Apenas a escolha dos juízes se deu da mesma maneira como acontece no *Slam Laje*. Além disso Roberta reforça que quando alguém da mesa levantasse a mão sinalizando o fim dos 3 minutos, naquela competição seria a regra para o início da penalização.

Ela aproveita essa ocasião para explicar as regras do *slam* para os jurados. Esse é o momento em que devem tirar suas dúvidas antes da competição começar. E para que esses jurados possam entender como funciona o ritmo e o momento exato em que devem levantar suas notas é feito sempre antes das batalhas um momento de calibragem. Não se trata de uma competição; a calibragem é uma maneira de aquecer os jurados e o público para o que será apresentado.

A programação do dia de eliminatórias era dividida em 3 chaves (A, B e C). Em cada chave, 5 ou 4 poetas participavam de 3 rodadas, sendo classificados para as semifinais os 2 poetas com as melhores notas de cada chave.

Entre os competidores da primeira chave estava o poeta Dudu Neves, que no campeonato representara o *Slam Laje* e outros competidores que representavam os estados de Brasília, Mato Grosso, Paraíba e São Paulo. Os campeões dessa chave foram Dudu Neves e a poeta Patrícia Meira, representante do estado de São Paulo. A segunda chave do dia contou com poetas de São Paulo, Rio Grande do Norte, Minas Gerais e Pernambuco. As campeãs dessa rodada foram Pieta Poeta, representando Minas Gerais e a Poeta mais nova da competição Bione, representando Pernambuco. A terceira chave que foi a última do primeiro dia de competições contou com representantes dos estados de São Paulo, Minas Gerais, Sergipe e Acre. Os campeões dessa chave foram Mateus Brito representando o Acre e a poeta King representando São Paulo.

**Figura 11:** Modelo das etapas de classificação durante o Slam Br 2018



**Fonte:** Acervo pessoal do pesquisador

Entre os assuntos presentes nas poesias desse primeiro dia de competição havia muitas falas sobre sexualidade, liberdade de expressão, racismo, machismo e religião. Uma das coisas que me chamou a atenção em uma das chaves foi o fato de, durante sua apresentação, a poeta Pieta Poeta pedir que não registrassem fotos ou fizessem algum tipo de registro em vídeo. Naquele momento me questionei sobre qual seria o motivo para aquele pedido e em uma das poesias que ela recitou ela fala sobre isso.

“Eu boto minhas entranhas pra fora nessa porra,  
e até sem esperança de ganhar isso aqui eu resisto,  
isso aqui não é pra tá em vídeo não,  
a câmera não capta a radiação do que eu digo,  
não dá pra escrever isso aqui em livro.  
Sente -se, sintá-se.”  
(PIETA, 2018)

Ao longo do campeonato consegui realizar entrevistas com alguns dos poetas que estavam competindo. Na ocasião, me organizei para estruturar um formulário que fosse objetivo e ao mesmo tempo pudesse abordar questões identitárias e performáticas.

Desse modo seriam apresentadas aos poetas oito perguntas para que eles respondessem como se fosse uma entrevista.

As questões eram as seguintes:

1. Como você chegou até o *slam*?
2. Qual a importância desse movimento na sua vida?
3. Sobre o que você mais escreve?
4. Você possui algum ritual para escrever ou para se apresentar?
5. Quem é você nesse lugar de destaque do *slam*?
6. Qual a importância desse lugar?
7. Como estão sendo esses dias?
8. O que você espera levar do *Slam BR 2018*?

Procurei alguns poetas para que pudessem responder o questionário. Em um dos dias de competições cheguei mais cedo para poder entrevistá-los antes do início das batalhas daquele dia. Ao chegar no local do evento avistei uma das poetas que havia se apresentado no dia anterior e estava arrumando alguns itens na loja improvisada que havia no evento. Aproximei-me e me apresentei, explicando que estava ali para fazer uma pesquisa para o mestrado, era morador no Alemão, e que frequentava os slams no Rio e que conhecia a MC Martina.

Quando falava sobre minha relação com Sabrina (MC Martina), os interlocutores se mostravam mais atentos e dispostos a conversar. Sabrina foi uma interlocutora muito importante nesses dias de evento; por vezes era quem fazia a mediação entre os poetas e eu e isso me ajudou muito na realização das entrevistas.

A poeta foi muito simpática e me pediu para aguardar, pois assim que finalizasse as suas funções me procuraria. Avisei que estaria por perto e que quando ela quisesse poderia me procurar. Naquele momento, comecei a ver que aquele campo estava sendo muito fértil pela abertura que havia recebido por parte dela. Entretanto, conforme o tempo ia passando e a programação do evento acontecia pude perceber que a mesma não estava interessada em conversar e por isso não insisti na entrevista.

Aquela seria uma entrevista que havia considerado ter muita importância, pelo fato da poeta se transformar dentro da “arena”: a performance, a voz, tudo nela crescia enquanto recitava e ao finalizar sua apresentação seu semblante mudava e toda a força, garra ali apresentada se transformava em um sorriso tímido. Em uma de suas

apresentações era presente uma crítica às pesquisas e aos pesquisadores que se aproximavam para falar sobre algo, quando essa narrativa pertence à eles.

Essa experiência me fez refletir nas dificuldades da pesquisa etnográfica e como Clifford Geertz se posiciona diante dessa experiência, não se trata de *se tornar nativo*, ou *copiá-los* enquanto poetas, mas compreender o que se passa nesse ambiente.

Não estamos procurando, pelo menos eu não estou, tornar-nos nativos ou copiá-los. O que procuramos, no sentido mais amplo do termo, que compreende muito mais do que simplesmente falar, é conversar com eles, o que é muito mais difícil, e não apenas com estranhos, do que se reconhece habitualmente. (GEERTZ, 2008, p.10)

Os encontros com Sabrina se tornaram comuns. Em um dos dias de batalhas conversamos um pouco sobre a competição e as expectativas dela sobre aquela edição de Slam BR. “*Eu vim para dar apoio, assistir à competição e também torcer pelo Dudu Neves e meus amigos do Rio*”. Durante a conversa, pergunto sobre as mudanças que aconteceram no ano de 2018 e sobre o fato de ter se tornado itinerante. Ela responde “*ser um momento bastante louco*”, porque eles sonham muito e ter que lidar com a realidade de organizar um *slam* de forma independente é algo difícil e é necessário lutar para manter. “*Então ver meus amigos hoje, tá ligado, poder ficar uma semana longe da correria, longe da obrigação de trabalhar todo dia, da obrigação de acordar cedo é bom mesmo entendendo que representar o nosso estado é um trabalho*”. Além do mais, Sabrina fala sobre o fato do encontro se tornar um momento de conexões entre os poetas. Também, que o Slam Laje estar ali, um dos poucos slams de favela, fortalece movimento que tem crescido cada vez mais no estado do Rio de Janeiro.

Aproveito para perguntar sobre qual foi a reação dela diante da classificação de Dudu Neves e do Slam Laje para as semifinais do campeonato nacional que havia acontecido no dia anterior. Ela fala sobre ter vivido uma experiência emocionante, poder ouvir poesias de outros poetas, de outras culturas e que está com uma expectativa para que o vencedor do *slam* seja alguém que não é tão conhecido ou que não tenha tanta visibilidade.

As competições seguiam o mesmo modelo de programação para as batalhas, porém, a partir do segundo dia de competições dos poetas as calibragens seriam feitas pelos poetas não classificados para as semifinais. A primeira chave do dia contou com poetas representando os Estados de São Paulo, Pará, Paraná e Rio Grande do Sul. A poeta Negabi que representava o Paraná é uma poeta surda e, apesar de existir uma

competição específica para esses poetas chamada “*Slam do corpo*”<sup>48</sup>, a poeta estava ali para competir com os demais poetas, representando o seu Estado. Sua trajetória incidia ter vencido inclusive poetas ouvintes e chegando até ali para competir pelo título de campeã do *Slam BR*. Durante todos os dias de *Slam BR* havia intérpretes de LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais, que traduziam a programação em simultâneo a apresentação dos poetas. Ao todo três intérpretes se revezavam ao longo das apresentações interpretando em LIBRAS cada performance. Enquanto um intérprete fazia a LIBRAS, os outros dois aguardavam, sentados em cadeiras posicionadas em frente ao palco.

Diferente das demais apresentações em que o grito é falado para mandar energia positiva e marcar o início da apresentação, durante a performance de Negabi isso era feito através de LIBRAS. Antes da apresentação, a *slammaster* Roberta Estrela D’Alva explica os sinais que devem ser feitos para iniciar a apresentação da poeta. Nesse momento há uma troca de papéis, a intérprete pega o microfone retorna ao banco e a poeta sobe ao palco para iniciar sua performance.

O público surdo que frequentou o campeonato era muito inferior ao público ouvinte. Em média, vinte pessoas. No entanto, a relação que os ouvintes criaram mediante a interpretação feita para os versos de Negabi chegavam a causar arrepios. Ao final da apresentação da poeta o público erguia seus braços e sacodiam as mãos, pois esse é o sinal de palmas em LIBRAS. Após o anúncio das notas da apresentação a *slammaster* ensina outros sinais, como a palavra credo e a palavra empatia. A partir desse momento, algumas pessoas que estão assistindo as apresentações começam a realizar o sinal de empatia e falar em direção aos jurados daquela rodada “*Jurados empatia!!!*”

---

<sup>48</sup> Slam do Corpo é o primeiro Slam de surdos e ouvintes do Brasil. Duplas de poetas (um surdo e um ouvinte) se apresentam ao mesmo tempo em português e Língua Brasileira de Sinais, criando um encontro potente entre as línguas.

**Figura 12** – Negabi durante sua performance no *Slam BR 2018*



**Fonte:** Acervo pessoal do pesquisador

E apesar de não ter sido classificada, a poeta trouxe em sua poesia parte de sua trajetória. Em uma de suas letras, ela fala da experiência com seu pai que é músico e como poderia compartilhar a emoção de tocar um instrumento para sua filha surda.

“Meu pai é negro,  
com seu cabelo black,  
sua pele retinta,  
que fazia música afro,  
que vibra,  
que emociona,  
pulsa, arrepia.  
Um dia terei uma filha preta,  
meu pai dizia.

Negra linda e inteligente ela seria  
e com ele  
a música negra aprenderia.  
Seu sonho se realizou  
quando uma mulher negra cheirosa  
ele encontrou  
com ela casou e ela engravidou,  
nasceu uma menina preta linda,  
que depois de um tempo  
quando ela cresceu,  
o pai foi cantar cantigas no seu ouvido  
e que estranho,  
ela não escutou nenhum ruído.

No médico o pai levou,  
é surda ou ouvinte minha filha amada?  
Surda profunda,  
não escuta nada,  
mas como eu vou fazer  
para chamar para conversar.  
A angústia toma conta do pai

que começou a lamentar.

E iria ensinar a música  
para a menina com o coração,  
os ritmos a bateria, o piano, a guitarra.  
Ele não poderia aceitar que a filha não sentiria a canção,  
então ele pegou a guitarra  
e colocou a mão da menina no braço da guitarra  
e começou a tocar,  
e a menina a se emocionar.  
O instrumento vibrou e invadiu o seu corpo,  
chegando até o coração,  
sentindo a mesma sensação,  
pulsação, emoção,  
que arrepia, que emociona.

E assim é o som da guitarra  
e é o som do piano,  
e é o som da percussão.  
Filha você sentiu a emoção?  
Senti pai.  
E com o espírito da música eles se olham  
e se abraçam no ritmo dessa canção.  
Pai.”  
(NEGABI, 2018)

Após ouvir essa poesia, pude compreender de que maneira aquele espaço e os 3 minutos que o poeta possui para compartilhar sua poesia é de extremo valor. O público se emocionava a cada palavra dita. Aquelas palavras me atravessaram de tal maneira que eu só pude sentir as lágrimas caindo dos meus olhos e por um momento eu vivi aquela cena junto com aquela poeta, como se eu compartilhasse da mesma experiência que ela.

No entanto, o anúncio de notas que não eram o 10 que o público esperava, geraram uma comoção por parte dos mesmos que chegavam a dizer “*É um absurdo!*”, “*Como assim 9,5?*”. Naquele momento não havia mais o que fazer. Negabi estava fora da competição por não atingir notas altas para se classificar para a próxima etapa.

Durante o campeonato era comum a abordagem de alguns poetas. Abordagem é quando o poeta apresenta seu trabalho e de alguma forma te oferece o material que ele está vendendo. Os objetos variam de zines, camisetas, livros e CD's. Richard foi um dos poetas que estava vendendo seus zines. Ao se apresentar, ele dizia ser um grande amigo de uma das competidoras, falava que vivia de poesia e que veio do Mato Grosso para São Paulo de carona. Estava vendendo suas poesias por um valor estipulado pelo “cliente”; ou seja, quanto achassem que valia aquela arte. Quando as pessoas não compravam por algum motivo, ele também agradecia, já que pessoas terem parado para

escutar era uma forma de valorizar. Para ele, já valia o sacrifício de estar ali na competição podendo ver sua amiga a poeta Pacha Ana e por acreditar que a transformação social pode acontecer através da poesia. “*A gente está no Slam BR para transformar vidas, transformar pessoas*”.

A segunda chave do dia contou com poetas representando os Estados do Espírito Santo, Ceará, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Essa foi uma das chaves em que os próprios poetas estavam apreensivos, a competidora que representava o Rio de Janeiro era a poeta Sabrina Azevedo bicampeã do *Slam RJ* e também integrante do coletivo Nós da Rua. Ela trouxe em sua apresentação a experiência de sua vida e críticas a maneira como muitas vezes são tratados os negros e periféricos.

“Mas porque grita, meu senhor, atrapalhei o seu conforto?  
Falei pra todo mundo ouvir que tu prefere favelado morto.  
Te afronta eu tá pronta?  
Pronta pra entender que o seu vocabulário é só pá pum!  
Que preto e favelado se morrer é só mais um  
e na tua rotina isso é tão comum.  
Caiu mais um, olha o cabelo, traficante.  
Mas na mochila, marmita, caderno e livro  
Vish trabalhador, estudante.”  
(AZEVEDO, 2018)

Sabrina Azevedo garantiu sua vaga na semifinal junto a poeta Jamilly do Rio Grande do Sul. Jamilly é uma das mais novas poetas e com apenas 16 anos já estava competindo pelo título de campeã do *Slam BR*. No palco Jamilly se transformava, sua voz mudava. Era como se ela fosse tomada por uma força quando pegava o microfone. Suas poesias passam temas como religião e o corpo da mulher negra.

Na mesma chave se apresentou o poeta Paulo Henrique, mais conhecido como Bicha Poética. Ele representava o Ceará e na ocasião o poeta se destacou nas duas primeiras rodadas com nota máxima dos jurados. Porém, na última rodada um dos jurados inverteu a nota do poeta e na contagem Bicha Poética foi eliminada. Ao perceber o erro o jurado tentou justificar e informar que a nota estaria invertida, porém a *slammaster* e os responsáveis pela competição não alteraram a nota. Para eles, aquilo faz parte da competição e o jurado precisa estar atento em todo o momento da performance e de informar a nota. A plateia presente parecia não acreditar que o erro do jurado eliminou um dos favoritos.

**Figura 13** – Bicha Poética durante sua performance no *Slam BR 2018*



**Fonte:** Acervo pessoal do pesquisador

Em suas poesias Bicha Poética fala sobre o fato de ser uma bicha nordestina e negra e como é julgado por ser assim. Mas apesar de toda a perseguição, será através da poesia que o poeta vai à luta.

Eu quero botar meu bloco na rua,  
brincar, botar pra gemer.  
Eu quero botar meu bloco na rua,  
gingar, pra dar e vender.

Ginga, bota pra gemer então,  
ginga bota pra gemer  
então bota pra gemer o que te anseia  
e deixa a ceia do Natal pra outra hora.

Vem cá neguinha chega aqui,  
me conta a tua história,  
me conta a história que te enforca  
e te afoga e não te deixa falar  
Me conta a história  
do teu povo,  
que os brancos sabem muito bem o que é escravidão.

Ei preto não chega a chorar,  
Ei preto preso só se for para rezar.  
Ave maria cheia de graça ei senhor é convosco,  
convosco com quem?  
Eles batem na cara ,  
e eu que digo amém,  
YOU DONT KNOW meu bem,  
eu não sou média nessa história  
enquanto tu sorri,  
minha favela se desdobra  
de fome e de medo  
pode parecer desgraça,  
mas num é, é pesadelo.

Também com Amarildo  
e arrastam a Claudia no beco  
fazem chacina no Curió no Ceará,  
meu pesadelo  
que se eu contar  
só esse ano no final não vou ter dedos.

Aliás,  
no final eu não vou ter dedos  
só porque eu falei demais,  
Marielle presente.

Sinhá,  
porque eu vejo os meus morrendo todo dia  
o meu povo parece gado marcado  
e cordeiro imolado  
e dá a César o que é de César  
eu já estou cheio de perder a batalha  
sem nem mesmo ter entrado na guerra  
e aos pretos a sua santíssima Trindade  
e aos pretos a morte,  
à margem, ou a grade.

Vocês vão tudo para o inferno porra,  
porque eu vim fazer alarde,  
mas late,  
que na minha cara vocês não batem  
porque eu vim do Nordeste,  
eu sou cabra da peste,  
eu me visto de viado,  
e eu vou ao combate.

Ao embate e eu vou a luta,  
vocês vão se arrepender,  
minha luta é mais que dar a bunda,  
vocês insistem quem fecha truta  
e eu finjo que acredito parça,  
vai sambando no sapatinho,  
enquanto te educo  
na raça, na força  
e agora aqui nem tem para rajada de viado,  
organizado na tora  
e a cada 27 horas  
os machos alfas matam os meus  
aqui não tem conto de fadas  
tipo Julieta e Romeu  
aqui é Romeu e Júlio,  
Juliana e Roberta,  
se for pra ser conto de fadas,  
prazer titia Malévola.  
(BICHA POÉTICA, 2018)

Após a eliminação do poeta, durante o intervalo para a próxima chave me aproximo do poeta na área externa do Sesc e pergunto se poderia fazer uma entrevista. Muito simpático ele diz que sim e que seria um prazer. Na biografia do poeta que está no programa do evento dizia que bicha poética é uma “*blogayra nordestina*” produtora

cultural no coletivo fora da métrica e *slammaster* do *Slam* da Quentura na cidade de Sobral.

A bicha poética foi a primeira a conversar comigo. No decorrer de nossa conversa fomos interrompidos por uma das pessoas que estava no evento e foi dar um abraço no poeta, “*Você é maravilhosa e a gente torceu muito por você, não para nunca*”. Luiz, muito simpático, atendeu a moça que estava com o filho e agradeceu. Após essa abordagem procuro entender como se deu a trajetória do poeta no *slam*. Luiz diz que produziu o primeiro *slam* da sua cidade e que esse é o primeiro *slam* do Estado do Ceará, e foi através de um vídeo na internet que ele conheceu o movimento e se interessou em trazer aquele movimento cultural para sua cidade.

Ele reconhece a importância do *slam* na sua vida, porque o ajudou a se autoconhecer e entender que ele já vivia a poesia mesmo antes de escrevê-la. Uma das falas de Luiz que me marcou foi, “*Eu acredito que nós LGBTs a gente já é poesia a partir da hora que a gente nasce e a gente tem que resistir.*”. O poeta expõe a necessidade de resistir para se manter vivo em um país que mais mata LGBTs e que um jovem negro é morto a cada 23 minutos e essa resistência se tornava poesia. A importância da poesia em sua vida hoje é porque poesia reflete o estar vivo.

Por isso, entre os assuntos mais frequentes nas poesias de bicha poética são temas sobre os LGBTs. Quando o poeta começou a perceber que a sua existência incomodava, que seu corpo e suas roupas não seguiam o padrão estabelecido, enxergou a necessidade de escrever sobre a população que é diariamente marginalizada. Mais que resistência é existência, em uma sociedade que não os aceita.

Luiz também fala sobre a importância do espaço que o poeta pode apresentar suas poesias. Ele diz que ao começar a ler o livro da autora Djamila Ribeiro *O que é lugar de fala*, abriu seus olhos e enxergou o *slam* como o um lugar de afeto, sabendo que durante esse tempo que eles está falando, nesses 3 minutos tem várias pessoas escutando e escutando essa voz que, por falar de um corpo negro e LGBT, se torna coletiva. Tem uma voz falando e as pessoas escutando justamente a voz que foi marginalizada e tantas vezes silenciadas.

E apesar de não ter se classificado para a semifinal, o poeta afirma estar feliz de ter a possibilidade de compartilhar seus versos com um público diferente em outro Estado. Além da troca de experiências e de vivências junto aos demais poetas foi possível, criar laços e amigos pelo Brasil. Aqueles dias o levaram a “*entender que a*

*derrota não é a derrota e que ela só vai fortalecer cada vez mais o meu trabalho, prosseguindo de forma resiliente”.*

Conforme as batalhas foram avançando, alguns poetas demonstravam estar mais nervosos do que em suas primeiras apresentações. O poeta Dudu Neves era um desses que aparentemente estava agitado. Em uma de suas performances, o poeta precisou pedir para recomeçar sua poesia pois naquele momento de nervosismo havia esquecido os versos. Nessa etapa semifinal o poeta não se classificou. As campeãs dessa chave foram as poetas Pieta Poeta e King garantindo suas vagas para a final que aconteceria no dia seguinte.

Pieta Poeta apresenta sua poesia.

“Eu queria fazer uma pergunta,  
você sabem a diferença de um útero que gera vida,  
pra um pau que goza?  
Um sangra o outro segue tranquilo,  
um vive com opções que não me deram  
e eu me mutilo a viver sem as opções que eu preciso.  
Eu sou mais uma feminista louca no slam?  
Sim.

E se não te comove a história de Aqualtune e de Dandara  
eu sinto que é inútil eu te contar a minha.  
Eu sei é normal ter essa descrença,  
presta atenção pra não entender o que eu digo.  
Isso aqui eu escrevo pro enfermeiro  
que me acusou de ter abortado  
de propósito antes de ver meu prontuário.  
Eu tive um filho e ele nasceu com um pulso  
e nada mais  
e eu virei só ferida exposta em cada canto do corpo,  
da mente, da alma, eu mudei,  
eu canalizei a encarnação de um novo ser com que eu trago aqui.

Eu senti em mim o que seu pau e suas bolas jamais vão sentir.  
Meu lado mulher tomado de ventania levantou as bolhas todas,  
fez tempestade eu cortei o tempo com raio de Iansã  
todas as vezes que eu tremi por dentro.  
Enquanto o ser homem ainda é medo  
eu sou força a muito tempo.

Meu útero é fábrica de vida  
e eu de cabeça erguida não temo a morte,  
nem a morte que levou o meu filho de mim.  
Com ela aprendi num dia  
o que não aprendi no resto da minha vida  
e a existência dele chegou a me provar  
que eu era mais do que eu pensaria  
e hoje eu sou mais do que você pensa.

Você sabe a diferença entre a dor de um parto e um chute no saco?  
Um vem da vida o outro da violência,  
um é meu e o outro é seu,

então não me chama de violenta  
quando a pior dor que tu se queixa  
vem da tua própria escolha de ser bruto.

Você sabe a diferença entre ter peito e ter seio?  
Um tem disposição para bater com punho cerrado feito macaco,  
fazendo barulho desgraçado  
enquanto o outro está gerando força verdadeira no próximo.  
Como diz Inês: palavra grande é mundo,  
palavra maior é mulher.  
O mundo se movimenta quando as mulheres se levantam,  
o mundo morre todas as vezes que o sangue  
que mais causa repulsa ainda é o da vulva,  
que é o único que não vem de força bruta.  
Você sabe a diferença de ser mulher e Deus na terra?  
Nenhuma.”  
(PIETÁ, 2018)

A poeta consegue atravessar as pessoas através de seus versos. A última poesia que ela apresentou tocou a plateia presente, composta por um número grande de mulheres. Durante a performance, elas se abraçavam e muitas outras choravam. Após a apresentação, ao sair do palco para retornar ao seu lugar a poeta foi abordada por algumas mulheres que a parabenizavam por trazer aquela poesia. Essa identificação se afirma quando essas palavras saem da boca de uma poeta negra, que compartilha junto a outras mulheres, em sua maioria negras como ela, das mesmas dores que essas já viveram.

A apresentação da poeta a consagrou entre os jurados, o que fez com que ela já garantisse a sua vaga na final. Outra poeta que também foi unanimidade quanto a nota dez por parte do júri foi a poeta King que fez uma homenagem para sua mãe, falando sobre a força da mulher que, mesmo abandonada pelo companheiro, encontra forças para criar seus filhos.

As duas poetas foram as primeiras classificadas para a final que iria acontecer no dia seguinte. Com abordagens parecidas em suas poesias, as poetas seguem na disputa pelo título de campeã do *Slam BR* 2018. Além das poetas, se classificaram as poetas Patrícia Meira, Pacha Ana, Bione e o poeta 4-Ó, o único representante carioca a conseguir uma vaga para a final.

No último dia de competições pelo título de Campeão do *Slam BR* 2018, o cenário se mostrou um tanto quanto diferente dos dias anteriores. Naquela tarde, havia inúmeros repórteres para cobrir o evento, câmeras por todo lado, pessoas sendo entrevistadas e a grande pergunta do dia era: quem seria o poeta campeão daquela edição? Passaram por aquele palco 25 poetas, jovens que encontraram no slam um

espaço para soltar a sua voz, para dizer que o racismo opera na violência policial, para mostrar que as armas serão a caneta e o papel para combater todo tipo de violência, seja contra negros, gays, favelados ou travestis e que através da arte a sociedade teria que engolir.

Aquela tarde de domingo, lotou o hall de entrada do Sesc Pinheiros de um público bastante diverso, em sua maioria jovens, porém algumas famílias com crianças também estavam presentes. Na ocasião os alunos da escola em que a poeta Patrícia Meira leciona se mobilizaram para sair da cidade de Santos para a capital no intuito de levar a sua torcida para a professora, com cartazes cheios de elogios, e na torcida para que ela fosse campeã.

A *slammaster* Roberta Estrela D’Alva reforça para os jurados que eles precisavam estar atentos na calibragem, pois quando solicitados deveriam levantar imediatamente as notas e a falta de atenção durante esse momento de anunciar a nota poderia fazer com que uma nota fosse apresentada de forma errada e a partir do momento que foi levantada a nota não poderá ser mudada.

Foram necessárias três rodadas para definir o campeão daquela edição do *Slam BR*, e antes do anúncio de quem seria o campeão de 2018 a *slammaster* Roberta Estrela D’Alva convida todos os poetas que participaram para ir até a frente do palco pois, “*não faz slam com um poeta apenas*”. Os poetas ficam juntos e se abraçam nesse momento. Ela reforça os dez anos de *slam* no Brasil e isso já marcava aquela data como algo muito especial. E com uma diferença de 0,1 décimos entre o primeiro e segundo lugar, Pietá Poeta foi a grande vencedora do *Slam Br* 2018 com 89,7 pontos. O representante do Rio de Janeiro 4-Ó ficou em quarto lugar, a melhor colocação feita por um carioca no ranking do campeonato nacional.

**Figura 14** – Pietá Poeta fazendo o discurso como poeta campeã do *Slam* BR 2018



**Fonte:** Acervo pessoal do pesquisador

O palco se torna uma grande festa, os poetas cercam Pietá Poeta e comemoram esse momento junto com ela. Enquanto ela sobe no palco para seu pronunciamento, o público grita sem parar pelo seu nome. Em sua fala, ela reforça que aquele troféu é apenas um pedaço de vidro e que o significado dele é que nele há um pedaço de cada poeta que competiu por ele e o maior pedaço é aquele que representa a terra do pão de queijo, Minas Gerais.

A poeta agradece aos coletivos de Belo Horizonte que a fortaleceram e a estimularam a não parar. Antes de entregar o microfone, ela recita um trecho de uma poesia que a eliminou em uma das competições que ela passou, e na cabeça dela o motivo pelo qual houve a eliminação foi por causa do poema. E por isso não seria nada mais justo do que ela recitar o próprio poema.

“Se for possível nessa vida,  
adote um cachorro de rua,  
Dias de cão  
e meu saco latido  
era mais um granido de dor,  
meu osso ruído caiu no triturador  
e feito cadela no cio a vida me fode sem amor,  
eu fico tão puta que eu persigo o carteiro,  
eu persigo as motos na rua,  
eu coço as sarna o dia inteiro.  
Agora eu só quero andar nua,  
não aparo mais os pelos eu uivo pra lua  
e se eu sair pra dar uma volta foi pra gastar as unhas,  
mas o asfalto hoje estava quente demais.  
Queimou minhas patas na frente e atrás,  
eu já nem caminho mais, eu já nem farejo mais,

ah os dias andam maus pra cachorro”  
(PIETÁ, 2018)

Ao longo dos dias que acompanhei as performances dos poetas, percebi como eles enxergavam a competição. Ao final das etapas, nem mesmo os poetas eliminados se queixavam ou se lamentavam pelo resultado obtido, compreendendo a importância de fazer parte daquele momento. As trajetórias dos poetas muitas vezes se cruzam com o público que pode reagir, de múltiplas formas, ao atravessamento que a poesia faz no decorrer da performance.

Em meio a esse período, compreendi que apesar de ser vista como uma competição e mesmo com todo o suporte que é dado aos poetas para que possam cumprir as programações e reuniões, muitos encontram nesse lugar um espaço para conhecer novas pessoas e poder trocar experiências com esses outros poetas. As redes muitas vezes já existem através de uma interação em redes sociais, mas são naqueles dias que de fato eles convivem.

# Uma Voz

Eu vejo uma chacina,  
todos os dias eu vivo uma chacina.  
Todos os dias eu vejo uma chacina  
todos os dias eu vivo uma chacina.  
Todos os dias. Cara gente branca.  
Direitos humanos vai muito além  
que uma esquerda e direita branca.  
Você conhece a realidade do gueto?

Respeita meu povo preto  
que não tem direito a chorar,  
está acostumado a apanhar  
e não pode gritar  
porque no dia seguinte tem que ir  
trabalhar.

O mundo tá cinza,  
as pessoas, vazias,  
a preocupação maior é tirar o pão de  
cada dia.

A fonte secou, o almoço esfriou,  
e agora tu vai se vender pra qual  
senhor?

A cor do colonizador nunca mudou,  
mas o discurso sim.

De novo te enganou.

Abril de 1500,  
o Brasil foi atacado,  
a igreja católica omissa  
e a população indígena se tornou  
quase extinta.

2010.

Alemão ocupado,  
triplicou o número de morador  
baleado,

a mídia focada nela,  
os playboys subiram a favela,  
sugaram o que tinha nela,  
comeram do nosso feijão com arroz  
e tempos depois lá estavam eles  
ganhando um prêmio com o nome  
dela.

Passaram-se gerações, a história  
ainda não mudou,  
porque as placas da rua são em  
homenagem ao nosso opressor?  
A cor do colonizador nunca mudou,  
mas o discurso sim.

De novo te enganou.

2018, eu sinto nojo!

É, Brenda Lima, quem diria?  
Todo mundo agora quer ser pobre,  
preto, militante de periferia,  
mas nem de longe sentem a dor  
de não poder ajudar todo mês a nossa  
família.

E me dói.

Me dói porque passou metade do ano  
e já esqueceram o caso do Jeremias,  
da Duda, da Eduarda,  
dos cinco meninos mortos em Costa  
Barros,  
e eu me agarro à minha própria fé  
porque o Jesus aqui embaixo virou  
mercado.

É, Senhor, eu acho que a humanidade  
deu errado."

*Trecho de poesia apresentado pela poeta Sabrina Martina.*

### CAPÍTULO III

#### MC MARTINA - PROJETO E PERTENCIMENTO NA VIDA DE UMA POETA FAVELADA

*“A cor do colonizador nunca mudou mas, o discurso sim, de novo te enganou”.*

Esse trecho marca uma das poesias de MC Martina, jovem, poeta, negra, moradora do Complexo do Alemão.

Neste capítulo, iremos refletir sobre a trajetória de Martina em dois aspectos: sua luta para concretizar seus projetos culturais dentro do Complexo do Alemão, como produtora cultural e a dificuldade em conseguir uma vaga dentro de uma universidade pública. MC Martina tem percorrido becos, universidades, cidades e até outros países, compartilhando sua arte, seus versos e também os percalços ao galgar novos caminhos. Assim, busco questionar até que ponto seu *projeto* de vida atende as próprias expectativas dela, e qual o seguimento dado a ele, de que forma as circunstâncias o têm conduzido para outro caminho. Para a composição do capítulo, busco analisar a trajetória da poeta, MC e moradora do Alemão, bem como os seus *projetos individuais* e ou *coletivos*, através das abordagens de Gilberto Velho, Alfred Schutz, Juarez Dayrell e Adriana Facina.

#### A FORÇA DE UM ENCONTRO - “FAVELADO 2.0”

Em minha pesquisa sobre os jovens que moravam no Alemão e sua formação identitária nos coletivos, acompanhei a residência intitulada **Favelado 2.0 – Construindo Gambiarras para o Futuro**, proposta pelo GatoMídia, coletivo formado em 2014, como um espaço de aprendizado em mídia e tecnologia, que visava estimular a produção cultural desses jovens. Assim, em março de 2016, estive de forma privilegiada, junto aos residentes, observando suas criações e atuações em projetos e suas buscas por ferramentas que potencializassem suas atividades.

Ao chegar no lugar onde seria realizada a primeira oficina, fui abordado por duas jovens: Isys Maciel e Sabrina Martina. Isys estava no Ensino Médio, era estudante da FAETEC<sup>49</sup> e ainda fazia estágio na UFRJ. Sabrina se interessou pela oficina porque havia se formado no ensino médio e a possibilidade de participar de diversas oficinas durante esses dias poderia ajudá-la na decisão de qual carreira seguir.

---

<sup>49</sup>A Fundação de Apoio à Escola Técnica (Faetec) é responsável pela implementação da política de Educação Profissional e Tecnológica pública e gratuita no Estado do Rio de Janeiro, vinculada à Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia.

As meninas eram muito comunicativas e participantes durante as oficinas. Isys possuía um canal no *Youtube* e, durante a primeira semana, ela e Sabrina registraram todas as oficinas para compartilhar no canal. Apesar de não ser a responsável do canal, Sabrina se destacava por seu jeito divertido de abordar os residentes e conduzir aqueles registros.

## **MARTINAS – EXISTIR, RESISTIR E SONHAR**

Sabrina Martina, moradora do Complexo do Alemão com dezoito anos recém completados, uma das jovens mais ativas e participativas durante as oficinas. É preciso destacar a espontaneidade da moça, nascida aos 14 dias de fevereiro de 1998. Ela cresceu e morou a vida inteira no Morro da Pedra do Sapo, no conjunto de favelas do Complexo do Alemão. Em sua infância, recorda ter sido criada pela avó Geralda Martina, enquanto sua mãe, Jusiane, cumpria jornada de trabalho. A avó, muito rígida nos cuidados, é referência e exemplo de resistência. Sempre foi estimulada a estudar, mas teve desempenho limitado na escola e muitas dificuldades para se concentrar durante as aulas, e somente aprendeu a ler tardiamente com uma prima. Os primeiros passos na poesia se justificariam, pois não precisariam ler sua letra nem a forma como a ela escreveria.

O sobrenome Martina tem origem interessante.

*“Por que Martina? Porque só minha mãe me registrou. Na minha família, a gente tem uma tradição: todo mundo que o pai não registra tem um segundo nome. Minha mãe, Jusiane, e minha tia, Jusiara, também são Martinas”.*

Certa vez, postou em uma de suas redes sociais uma sequência de fotos 3x4 das Martinas:

**Figura 15:** As Martinas, avó e mãe de MC Martina



**Figura 16:** As Martinas, tia e MC Martina.



**Fontes:** Perfil MC Martina Instagram

Na ordem a Poeta legenda cada foto

- Geralda Martina (*Avó*)
- Jusiane Martina (*Mãe*)
- Jusiara Martina (*Tia*)
- Sabrina Martina vulgo MC Martina

A ausência de uma figura paterna na vida de Sabrina se apresenta em uma de suas poesias. Nos versos abaixo, ela descreve sobre como o “sistema” matou seu pai. Nesse momento, há uma relação direta ao abandono que muitas mulheres enfrentam e ainda assim precisam criar seus filhos, cuidar da casa, trabalhar e sobreviver. Em seus versos ela diz:

“O sistema matou meu pai  
Não temos nenhuma foto  
Não lembro nosso último abraço  
Nem da última vez que nos vimos  
Esculacho.

Não tenho teu sobrenome  
E por isso, me chamo Martina  
Igual minha mãe, minha tia  
E quase todas as mulheres da minha família  
Cujos homens decidiram abortar  
Antes mesmo de assinar a certidão,  
Ilusão.

Foi passar quase toda minha infância  
Imaginando o senhor dizendo  
Essa aqui é minha filha  
A mais velha das meninas  
Maluquinha ó  
Mas, minha menina.

Porém, isso não aconteceu  
Em um conto de fadas, talvez  
Eu cresci e confesso  
Que ainda não superei  
E descendo o morro hoje  
Me encontro em um mar de lembranças  
Tropeço e escorre em alguns instantes  
Mas, tranquilo mano  
Sei que o universo tem me ouvido.”  
(MARTINA)

A poeta narra não ter nenhuma lembrança de seu pai, nem por foto, sequer alguma troca de afeto com o homem que não a registrou. Posteriormente, acerca da ausência do sobrenome paterno, em entrevista ao site medium<sup>50</sup>, relatará o primeiro contato com o pai já com doze anos de idade.

---

<sup>50</sup> Disponível em: [https://medium.com/@mariaeugnia\\_62239/o-ataque-po%C3%A9tico-de-mc-martina-2cdc80f5c8e6](https://medium.com/@mariaeugnia_62239/o-ataque-po%C3%A9tico-de-mc-martina-2cdc80f5c8e6) Acesso em:25/02/2020

Atualmente, não mora mais na Pedra do Sapo. Durante as obras do PAC<sup>51</sup> sua família foi compelida a desocupar sua antiga residência e se mudar para um dos prédios entregues pelo programa.

### **MARTINA SE DESTACA – SER CAPAZ DE CORRER ATRÁS**

Após o fim da residência, ao longo do ano de 2016, Martina se tornou uma das representantes do coletivo em eventos que iam expor a experiência do favelado 2.0. Um dos eventos foi o X Encontro sobre Inclusão Visual do FotoRio<sup>52</sup> no qual o GatoMídia, representado por Sabrina Martina e Isys Maciel, realizaram a abertura do evento. Nesse período, procurei Martina com o intuito de saber quais foram as primeiras mudanças em sua vida após a conclusão da residência e quais seriam os seus projetos a partir de então.

Durante a apresentação dos projetos individuais de cada residente, Sabrina falou sobre seu desejo de trabalhar com pessoas em situação de rua e o anseio de fazer ações voltadas para esse público. Apesar de ter sido o projeto apresentado naquela ocasião, durante uma entrevista feita logo após o fim da residência, ela já demonstrava o desejo de trabalhar com audiovisual em projetos voltados para a favela. Era possível perceber o quanto seu projeto para aquele momento estava tomando novos rumos. O fato de uma das entrevistas ser com a Sabrina Martina era justamente por entender a importância dessa personagem não apenas para a pesquisa, mas para o próprio desenvolvimento da residência.

A entrevista que fiz com Martina ocorreu meses após o fim da residência e em um lugar que considero muito importante: a Vila Olímpica Carlos Castilho em Ramos. Minha relação com esse espaço se dá não apenas pelas atividades que são oferecidas aos moradores do Complexo, mas pelo fato de ter sido nesse espaço a reunião sobre juventudes do Alemão na qual conheci outros interlocutores desse território e através deles cheguei até o coletivo GatoMídia. Na ocasião estava muito curioso sobre o projeto que Martina havia compartilhado em uma das oficinas e o desejo de realizar atividades junto a pessoas em situação de rua, pois segundo ela, assim como o morador da favela sofre preconceitos, a pessoa em situação de rua é esquecida.

Sabrina enxergou no “Favelado 2.0” uma oportunidade de se expressar de outras maneiras e não apenas através da poesia. Até então ela escrevia poesias, mas não havia

---

<sup>51</sup> O Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) foi criado em 27 de janeiro de 2007. Articulou projetos de infraestrutura públicos e privados em diversas comunidades do Estado do Rio de Janeiro como Rocinha e Complexo do Alemão.

<sup>52</sup> O Encontro sobre Inclusão Visual do Rio de Janeiro, é pioneiro no gênero e tem como objetivo proporcionar troca de experiências entre diversos projetos que utilizam a fotografia como instrumento de inclusão social em comunidades populares.

encontrado um lugar para poder recitá-las ou até mesmo desenvolver essa escrita. Em uma entrevista dada para o canal do *Youtube Documentariando Vídeos*<sup>53</sup> ela desabafa acerca da dificuldade de compartilhar suas produções textuais

“É que eu sempre gostei de escrever, só que coisa formal assim eu não consigo fazer. Eu escrevo muita coisa errada, enfim eu demorei a ler, aprendi a ler tarde, aí eu comecei a escrever, eu queria ser jornalista. Só que tem escrever aquelas coisas namoral, sabe aquelas coisas de resenha, tem várias ordens e eu não conseguia escrever, aí eu falei pô vou fazer poesia, porque antes eu já escrevia né, e aí ninguém vai ver minha letra, porque nos rolês de poesia marginal é você recitando e ninguém vai ler suas letras, tá ligado.”(MARTINA, 2019)

A jovem havia acabado de se formar no Ensino Médio e através da divulgação da residência nas redes sociais do coletivo, se interessou em participar do projeto e criou expectativas sobre como seriam as oficinas realizadas e pôde ser surpreendida pela metodologia utilizada pelo GatoMídia. O fato de os encontros acontecerem em roda e toda a troca entre os responsáveis pelas oficinas e os residentes, a surpreendeu, porque cada residente podia compartilhar um pouco de si, de sua trajetória até chegar a residência. Para ela, que havia recém-concluído o ensino médio, esse rompimento epistemológico a encorajou para aprender através de novas metodologias e conseqüentemente hackear todo o saber adquirido.

A proposta da roda, enquanto metodologia de aprendizado, favoreceu a troca entre os diferentes residentes. A ausência do distanciamento que acontece em alguns casos entre professores e alunos se reflete na proposta apresentada pelo coletivo de empoderar cada vez mais a cultura colaborativa na favela estimulando cada um a repartir conhecimento com outro, fortalecendo uma cultura de rede local dentro das comunidades.

Essa experiência foi repleta de novidades para a jovem que durante a oficina de fotografia pode ter seu primeiro contato com uma câmera fotográfica, ampliando seu olhar de forma mais técnica e profissional sobre os registros na oficina. Outra oficina que surpreendeu Martina foi a de roteiro, pois era algo que ela gostaria de aprender e a cada dia que passava ela surpreendia-se com conteúdo apresentado e isso se anunciava através do desejo de escrever poesias que expressassem sua realidade.

Durante a primeira semana de residência Martina apresentou o projeto de nome “Somos Mais”, uma proposta para que houvesse uma mudança na sociedade em relação aos cidadãos que estivessem em situação de rua.

A segunda semana de residência foi o momento de colocar em prática o que havia sido ensinado durante as oficinas na semana anterior. Para essa etapa, Martina escolheu

---

<sup>53</sup> Vídeo Documentariando - Mc Martina Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=iQg-Rl\\_svjQ&t=54s](https://www.youtube.com/watch?v=iQg-Rl_svjQ&t=54s) Acesso em 25/01/2020.

trabalhar com o grupo de produção de texto, no qual seria escrito um texto de forma coletiva a partir da vivência dos residentes nesses dias. Ela dizia se sentir honrada em aprender com pessoas que ela já admirava e lia os textos que eram produzidos por alguns deles, e apesar de não os conhecer pessoalmente aquela teria sido uma oportunidade única de produzir juntos um texto.

Quanto a Residência Favelado 2.0, as oficinas foram ministradas por uma equipe de jovens de origem de favela, inseridos na cultura de rede e que desenvolviam projetos autorais junto as suas comunidades. Entre os convidados estavam: João Lima, jornalista e foto documentarista; Lucas Pelegrineti, designer e animador; Mayara Donaria, Conselheira da Juventude do Rio de Janeiro; Marcelo Magano, ator e comediante; Raull Santiago, mídia ativista e integrante do Coletivo Papo Reto; Thamyra Araújo, jornalista e idealizadora do projeto GatoMÍDIA; Daiene Mendes, criadora do FaveLê; Enderson Araujo, criador do coletivo Mídia Periférica e membro do Conselho Curador da Empresa Brasileira de Comunicação (EBC). Para a realização da residência, o coletivo GatoMídia levantou fundos através de uma campanha de financiamento colaborativo chamada “Todos pelo Alemão”, junto com outros sete projetos comunitários no Complexo do Alemão em dezembro de 2015, e recebeu verba do Common Action Forum de Madrid<sup>54</sup>.

Ao final da residência, Martina saiu inspirada e encorajada a compartilhar através de suas redes sociais todo aquele aprendizado adquirido, e começou a pôr em prática e produzir conteúdo audiovisual, além de participar de outros projetos sociais do Alemão e na comunidade da Maré.

A jovem começou a se afirmar enquanto poeta e rapper. Sabrina que a partir de então passou a se apresentar como MC Martina, trabalhou em uma gravação que era uma paródia chamada “*Maker* de Favela” fazendo referência aos temas relacionados a tecnologia discutidos no “Favelado 2.0” e com intuito de compartilhar através de uma paródia autoral o conhecimento adquirido e ajudar as pessoas que assistissem ao vídeo a entenderem o potencial criativo que há dentro de cada um.

---

<sup>54</sup> O Fórum de Ação Comum (CAF) é uma organização transnacional sem fins lucrativos estabelecida em Madri, Espanha, em 2015. Atua como uma rede global, reunindo especialistas proeminentes e emergentes de diversas origens, incluindo academia, política, jornalismo e ativismo. O Fórum busca estabelecer e incentivar plataformas independentes de cooperação, pesquisa, inovação e consultoria, a fim de moldar soluções alternativas e capacitar os cidadãos a enfrentar os desafios atuais, como a ascensão da política neofascista, o aumento das desigualdades econômicas, os impactos sociais da tecnologia e dos limites ambientais do planeta.

No entanto, como foi dito no capítulo anterior, sobre a maneira como eu conheci o movimento de slams e o Slam Laje, é nesse período que nossos *projetos individuais* voltam a se cruzar dentro desse *campo de possibilidades* que é o Slam. Na mesma entrevista ela fala:

*“o mercado não me deu emprego, acabou a escola, [o Slam] foi aparecendo, né não?”*

Diante de novas possibilidades, MC Martina começou a viver as primeiras mudanças no *projeto* que apresentou durante a residência do GatoMídia.

## **MANDANDO O PAPO RETO EM ATLANTA**

Após o fim do favelado 2.0, MC Martina começou a se articular para além do GatoMídia e do Complexo do Alemão, na intenção de participar de outras oficinas e projetos sociais que pudessem fazê-la desenvolver suas habilidades e criar redes para planos futuros. Foi nesse período que participou de um projeto chamado Movimentos, que reuniu jovens de várias favelas dos estados do Rio de Janeiro, de Salvador e de São Paulo, no ano de 2016, para discutir e pensar a política de drogas. O projeto é uma iniciativa do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC)<sup>55</sup> no intuito de que esses jovens sejam protagonistas no debate de políticas públicas.

A convite de Raul Santiago, comunicador independente, ativista, integrante do coletivo Papo Reto, envolvido no projeto do Movimentos, MC Martina aceitou o convite e se integrou ao grupo. Com o fim do projeto diante dos questionamentos levantados, compreendeu-se a necessidade de dar prosseguimento enquanto coletivo. O Movimentos se reúne para continuar seu processo de formação no tema de política de drogas. Durante esse processo, o grupo se reuniu com especialistas do Brasil e de outros países e começou a participar de espaços de discussão para falar sobre drogas a partir da perspectiva da juventude das favelas. A partir das suas vivências os jovens têm questionado a política antidrogas no país.

O grupo possui representantes de várias favelas e periferias do Brasil e que pese a necessidade de uma nova política de drogas. É urgente para se pensar. Esses jovens são os mais impactados pela violência, pelo estigma e pelo racismo gerados em nome da guerra às drogas. Por isso, acreditam que não é possível construir alternativas sem discutir os impactos dessa guerra em suas vidas e sem pensar em soluções que os incluam e gerem oportunidades para superar as experiências das políticas fracassadas.

---

<sup>55</sup> Fundado em 2000, o centro de estudos é vinculado à Universidade Candido Mendes (UCAM). O CESeC realiza pesquisas e campanhas para colaborar na democratização e modernização do sistema de justiça criminal, subsidiar políticas de redução da criminalidade e promover o respeito aos direitos humanos.

No ano de 2017, MC Martina junto a outros três jovens integrantes do coletivo estiveram de 11 a 14 de outubro na cidade de Atlanta, Estados Unidos, convidados pela *Drug Policy Alliance*<sup>56</sup>, para discutir política de drogas. Os jovens participaram da maior conferência mundial sobre drogas em uma mesa com jovens de outros países da América Latina e puderam compartilhar sobre como é feito o debate em suas comunidades e as ferramentas usadas para impulsionar a discussão sobre regulamentação das drogas em seus países.

### **SLAM– PROJETO INESPERADO**

MC Martina teve contato pela primeira vez com o *slam* em uma edição da FLUP. A FLUP, Festa Literária das Periferias, é um festival que reúne artistas e escritores do mundo inteiro para debater, experimentar, produzir e ampliar o poder da leitura. Surgida em 2012, com título de Festa Literária Internacional das UPPs, ainda na época designada Flupp. A festa, cuja sigla fora inspirada na Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), estreou no Morro dos Prazeres, no bairro de Santa Teresa. Inicialmente, o objetivo era fortalecer a presença das periferias brasileiras nos debates sobre literatura e leitura, por meio de feira de livros, saraus e concursos de poesia em sua programação. Entretanto, o evento daquele ano acontecia para comemorar a política de pacificação carioca, em uma das favelas que já tinha uma Unidade de Polícia “Pacificadora”. Em 2013, o evento teve seu nome alterado para Festa Literária das Periferias, na tentativa de desvincular do projeto UPPs.

É importante destacar que no mesmo ano, houve o inaceitável episódio do desaparecimento de Amarildo Dias de Souza. Amarildo, morador da favela da Rocinha, ajudante de pedreiro, sem antecedentes criminais, confundido com um traficante procurado, desapareceu após ser levado por policiais militares para ser interrogado na sede da UPP, numa "Operação Paz Armada", entre os dias 13 e 14 de julho de 2013. E embora a versão oficial alegasse que ele fora liberado, Amarildo nunca mais foi visto. As câmeras, de forma suspeita, estavam desligadas, de forma que não há registro da versão oficial. Diante desse infeliz marco, o evento considerou a necessidade de renomear a festa e desvincular-se de qualquer tipo de relação com o projeto UPP.

---

<sup>56</sup> A Drug Policy Alliance ( DPA ) é uma organização sem fins lucrativos com o objetivo principal de encerrar a " Guerra às Drogas " americana. As prioridades declaradas da organização são a descriminalização do uso responsável de drogas , a promoção da redução e tratamento de danos em resposta ao uso indevido de drogas e a facilitação de um diálogo aberto sobre drogas entre jovens, pais e educadores.

Desde 2014, o evento sedia o Rio Poetry Slam, que tem a curadoria de Roberta Estrela D’Alva e é a primeira competição internacional de *slam* do país, e recebe poetas de outros países para competir pelo título de campeão do Rio Poetry Slam daquele ano.

Na edição de 2017, MC Martina trabalhava no evento e precisava se deslocar para a Zona Oeste onde o evento seria sediado. MC Martina relatou não ter experiência em negociações de trabalho. Aquela era sua primeira atuação, e ao ressaltar sobre a dificuldade financeira para cumprir a jornada de trabalho, pessoas da equipe ajudaram a resolver essa pendência, já que ela não havia recebido passagem e auxílio alimentação até então.

A programação do evento foi algo que surpreendeu MC Martina, a performance da poeta Mel Duarte chamou atenção da jovem para outro tipo de poesia que se diferenciava do tipo que ela escrevia. Em uma das entrevistas que fez com MC Martina ela detalhou sua reação ao ver Mel Duarte recitando.

**Martina:** Foi muito legal né, ver uma mana preta em cima de um palco com aquele estilo que ela tem, o tipo de palavra. Porque tipo assim, a linguagem dela ainda é um pouco diferente da minha de escrita, a minha tem um bagulho mais papo reto, mais informal, mais marginal.

MC Martina comprou o livro *Negra Nua Crua*<sup>57</sup> de Mel Duarte, e esse foi um dos primeiros livros de poesias que Martina leu e ela reforça o fato de por ter sido um escrito por uma poeta negra lhe dava representatividade e estimulava sua leitura. Durante o evento, MC Martina procura Mel para expor sua comoção ao vê-la se apresentando. Segundo ela, a apresentação despertou novos desejos de expor as poesias que já escrevia, mas não exibia por vergonha.

Após a experiência na FLUP, MC Martina embarca para São Paulo com o intuito de conhecer os slams que estavam acontecendo lá e poder trazer isso para o Alemão, pois até então não havia nenhum *slam* acontecendo em favelas no país. Ao retornar do estado ela começou a gravar vídeos de poesias compartilhar nas suas redes sociais e competiu pela primeira vez no *Slam Grito Filmes*. Em maio daquele ano, 2017, aconteceu o primeiro *Slam Laje* no Complexo do Alemão.

---

<sup>57</sup> *Negra Nua Crua* é o livro de Mel Amaro Duarte, poeta, *slammer* e produtora cultural. A poeta, lançou seu primeiro livro, intitulado “Fragmentos Dispersos”, em 2013 e trabalha com literatura independente desde 2006 quando conheceu o movimento dos *Saraus* e *Slams* na cidade de São Paulo. No livro publicado no ano de 2015, a poeta apresenta versos que retratam as inquietações, provocações, sensações, angústias e prazeres da vida através da ótica de uma mulher negra, a obra é dividida em três capítulos que dão título ao trabalho.

A partir daí, a MC conta que surgiram muitos convites para trabalhos e entrevistas. Segundo ela o convite para participar do Criança Esperança<sup>58</sup> surgiu através de uma ligação de São Paulo. Inicialmente, MC Martina não atendeu a ligação pois acreditava se tratar de alguma cobrança. Após a insistência, atendeu o telefone e informaram que se tratava da equipe responsável pelo programa e que gostariam que ela realizasse uma apresentação durante a edição daquele ano. A poeta afirmou que aceitar o convite foi muito positivo e ela pode ver artistas que admirava de perto.

Em agosto do mesmo ano, ela recitou no programa versos que diziam: “*Pessoas solitárias no meio da multidão e quem não tem a cédula de papel pode até ficar sem pão, sobra comida, cresce a fome é o processo da adulta civilização*”<sup>59</sup>. Na ocasião, o programa questionava sobre que tipo de investimentos têm sido feito nas crianças, nas escolas e se utilizar de uma poeta que está envolvida com o *slam* reforça esse questionamento, pois embora não esteja dentro de normas padronizadas da literatura, os versos são diretos para aqueles que escutam.

Ao final da apresentação, ao retornar para casa de madrugada, junto a outras pessoas que a acompanhavam, passou por uma abordagem por parte da polícia. Na ocasião, uma de suas amigas disse “*Impossível eles não pararem, só tem negro no carro*”. Numa abordagem incisiva, os policiais ordenaram que o veículo parasse no acostamento, e que todos os que estavam no carro saíssem. Após realizar perguntas e duvidar do fato de jovens negros estarem saindo de uma apresentação no programa Criança Esperança, o policial, a contragosto, liberou o grupo que seguiu de volta ao Complexo do Alemão.

Outros convites foram surgindo e no mês de setembro de 2017 MC Martina acompanhou o ativista e comunicador independente Raul Santiago no programa Conversa com Bial<sup>60</sup> junto ao empreendedor do Net Rocinha Samuel Silva e o estudante de Jornalismo Edu Carvalho. Na ocasião os jovens foram convidados a compartilhar sobre a produção de arte dentro das favelas cariocas. MC Martina compartilhou sobre o quanto foi importante a leitura de poetas que são vivos e que vem de periferias, pois segundo ela não se tratava de “*textos escritos por homens brancos que se diferem totalmente de sua realidade*”.

---

<sup>58</sup> Programa da Rede Globo que mobiliza uma campanha nacional para arrecadar fundos em prol de projetos sociais que valorizem os direitos da criança e do adolescente.

<sup>59</sup> Poema “O Reino da Infância” escrito pelo Pastor e ativista Henrique Vieira.

<sup>60</sup> Conversa com Bial é um programa semanal exibido pela [Rede Globo](#) que aborda assuntos que possam ser relevantes ao espectador independentemente da forma como eles serão apresentados.

Ao final da Entrevista a poeta recitou sua poesia<sup>61</sup> Pretos, em sua performance ela dizia:

“São os pretos que mais correm, morrem,  
Sangram e levam chibatadas  
Que estão lotando cada vez mais as senzalas  
Num país que tem a terceira maior população carcerária.

Somos nós as principais vítimas de bala perdida  
Por estarmos descalços, com cabelo pro alto ou sem camisa  
Brasil, Rio, 2017  
A polícia que mais mata é enterrada  
de dois em dois dias no cemitério.”  
(MARTINA, 2017)

Temas como racismo, periferia e sobrevivência atravessaram as poesias da jovem que aos 19 anos de idade estava vivendo um momento de sucesso repentino – as duas aparições em dois programas na maior rede de televisão do país ampliaram sua visibilidade e a dos projetos em que estava envolvida. Ao falar da meteórica projeção que recebeu após as performances transmitidas em rede nacional, conta emocionada um detalhe idílico: durante a apresentação no programa de Pedro Bial, sua avó precisou lutar contra o sono para prestigiar a neta na televisão

No ano de 2017, o Slam Laje, coletivo com menos de um ano de existência, foi o responsável por ter uma representante na Final Nacional do Slam Br 2017. A poeta Sabrina Azevedo representou o Estado do Rio de Janeiro e o coletivo. No entanto, não se classificou para as finais daquele ano, que teve como campeã a poeta pernambucana Bell Puã.

Mc Martina é iniciada no *Slam Grito Filmes*, segundo ela, de forma enriquecedora, na medida em que estabeleceu novas redes junto a outros poetas que, assim como ela, estavam começando a viver esse ambiente de *slam*. Quanto a isso a MC fala: “*Foi Lá que eu conheci a Sabrina (Azevedo), o 4-ó (outro poeta) e uma porrada de gente da cena de poesia do Rio de Janeiro*”. O canal Grito Filmes, na plataforma *Youtube*<sup>62</sup>, possui 668 mil inscritos e se tornou uma grande referência em relação a apresentações de poetas marginais com uma playlist específica no canal nomeada de Literatura e Poesia Marginal.

Esse termo “literatura marginal”, se difundiu no Brasil nos anos 1970 durante a ditadura militar, atingindo o campo das artes e se destacando na literatura. O movimento, que se afirmou “marginal”, atuou pela união de artistas, educadores e agitadores culturais

---

<sup>61</sup> Trecho da poesia Preto apresentada durante o programa *Conversa com Bial* no dia 28/09/2017. Disponível em : <https://globoplay.globo.com/v/6182080/programa/> acesso em :13/01/2020

<sup>62</sup> Canal Grito Filmes, disponível em : <https://www.youtube.com/channel/UCAXJDHJtf8eYwW88lzJiFEw/featured> acesso em 29/01/2020.

permitindo uma nova maneira de divulgação da cultura e arte brasileira que sofria repressão pela ditadura no país.

Foi nesse período que um grupo de poetas junto a outros escritores reinventaram a maneira de circulação de seus textos e obras. Inspirados nos movimentos de contracultura se utilizavam de meios alternativos aos tradicionais da época. Os poetas realizavam tiragens de cópias dos textos que eram produzidos em folhetos mimeografados os quais eram vendidos por um preço simbólico nos bares, praças, teatros e universidades, sendo esses lugares, circuitos de produção marginais.

No entanto durante os anos 2000, o termo se ressignificou através da apropriação por parte de autores periféricos. Quanto a esse movimento de ressignificação a pesquisadora Érica Peçanha do Nascimento afirma:

As especificidades do movimento de literatura marginal dos anos 1970 são relevantes contrapontos às características de um outro conjunto de escritores que se apropriou da expressão “literatura marginal” para caracterizar seus produtos ou para organizar sua atuação cultural. Em 2011, o escritor Férrez idealizou, organizou e editou os textos de um projeto de literatura em revista intitulado “Literatura Marginal: a cultura da periferia”, que contou com a participação de dez autores em dezesseis textos. (NASCIMENTO, 2006, p.15)

Esses escritores, moradores das periferias, buscam situar seus leitores em um perfil temático específico no qual a essa expressão “literatura marginal” está vinculada a situação de marginalidade que esses autores vivem, sendo um texto baseado em suas vivências na qual são representados aquilo que lhes é peculiar a suas trajetórias e os espaços que eles circulam.

No início do ano de 2017, a jovem começou a se articular junto a outros ativistas do Alemão com o intuito de trazer o modelo de competição para dentro da favela. MC Martina vivia o seu melhor momento, estava repleta de trabalhos e devido a essa falta de tempo não poderia se comprometer a iniciar um slam do zero. Através do contato de um dos idealizadores da Casa Brota se estabeleceu uma parceria para que pudessem trazer o *slam* para o Alemão. A parceria junto a Casa Brota durou um ano e no dia da edição de aniversário do *Slam Laje* o evento iniciou a proposta da itinerância, acontecendo em diferentes lugares do alemão e circulando a favela com as poesias.

**Figura 17:** MC Martina em uma das edições do *Slam Laje*



**Fonte:** Acervo pessoal do pesquisador.

A poeta expõe as dificuldades de dar prosseguimento com o slam, já que demandava muito trabalho de organização. Para que o Slam Laje continuasse trabalhando intensamente, MC Martina articulou e mobilizou poetas e amigos que considerava importantes para a realização do evento. A chegada de poetas como Jaqueline Alves, Carol Dall Farra, All Neg, Yan Pereira fortaleceu o Slam Laje para que esse se tornasse um coletivo. O coletivo atua de forma independente e isso implica em alguns entraves para que o evento seja realizado, MC Martina fala sobre as limitações que os cercam:

“A gente tem que ter o máximo de organização possível, só o fato de ser dentro de favela já é um obstáculo, aí todo mundo do Slam Laje ser preto é outro fato e todo mundo ser extremamente novo aí a pessoa de frente do Slam Laje sou eu preta, mulher, nova porque uma das coisas que mais me afeta é a minha idade, por conta da minha idade as pessoas não me dão credibilidade e acabo perdendo oportunidades por conta disso.”

Quanto as dificuldades que a MC enfrenta, ela relata as diferenças que existem dentro do movimento:

“É muito fácil falar que por ser poetas, somos todos iguais e não, não é assim. Antes de ser poeta você é branco, antes de ser poeta você é uma mulher, antes de ser poeta você é um homem branco”.

Diante dessas falas de MC Martina, podemos questionar de que maneira o racismo se manifesta dentro desse espaço de *slam* e de que forma isso reafirma questões históricas e estruturais que tentam silenciar o corpo negro em nossa sociedade. Como apresenta Djamilla Ribeiro:

Dentro desse projeto de colonização, quem foram os sujeitos autorizados a falar? O medo imposto por aqueles que construíram as máscaras serve para impor limites aos que foram silenciados? Falar, muitas vezes, implica em receber castigos e represálias, justamente por isso, muitas vezes prefere-se concordar com o discurso hegemônico como modo de sobrevivência? E, se falamos, podemos falar sobre tudo ou somente sobre o que nos é permitido falar? Numa sociedade supremacista branca e patriarcal, mulheres brancas, mulheres negras, homens negros, pessoas transexuais, lésbicas, gays podem falar do mesmo modo que homens brancos cis heterossexuais? Existe o mesmo espaço de legitimidade? (RIBEIRO, 2017, p.77)

Ao questionar o direito a fala, Djamilla Ribeiro expõe os limites que afetam determinados sujeitos de terem o direito de acessar lugares de fala de forma legítima. Sendo assim, o racismo, ainda que em espaços como o *slam*, com poetas performando contra práticas racistas, pode aparecer, numa forma de autorizar ou não a fala.

No ano de 2018, MC Martina foi convidada para comandar o TEDx<sup>63</sup> Laçador, evento organizado de forma voluntária e sob licença do TED, uma organização sem fins lucrativos. Essa é uma conferência multidisciplinar de ideias que acontece nos moldes de palestras. Como se apresenta a definição do evento na página do Facebook.<sup>64</sup>, no espírito “ideias que merecem ser espalhadas”.

O evento começou como uma conferência de quatro dias na Califórnia há 30 anos, e cresceu para apoiar ideias que mudam o mundo através de iniciativas diversas. No TED, pensadores e realizadores de todo o mundo são convidados a darem a melhor palestra de suas vidas em até 18 minutos.

O evento que já recebeu nomes como Djamilla Ribeiro, Monique Evelle, Preta Rara entre outras mulheres e homens que trouxeram em suas falas questões políticas e raciais, iria receber em seu palco os versos e a voz da poeta e MC Martina. Sua palestra foi intitulada A síndrome do colonizador, a jovem abre sua apresentação com uma poesia em seus versos dizia:

"Nos olhos dos que lutaram antes de mim,  
eu enxergo cansaço, rosto suado,  
um coração magoado e uma mente em cacos.

Seus bolsos furados, sonhos rasgados,  
uma geração que desceu  
e subiu ladeira em vários guetos,  
acreditando no que hoje me faz acordar quase todos os dias  
com um som que se repete em várias periferias.

O mundo inteiro viu naquela tela  
aquela cena que não era de novela.

---

<sup>63</sup> A definição oficial da abreviatura TEDx é Tecnologia, Entretenimento e Design, no qual o X seria o evento organizado de forma independente.

<sup>64</sup> Perfil do TEDxLaçador no Facebook. Disponível em: [https://www.facebook.com/pg/tedxlaçador/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/tedxlaçador/about/?ref=page_internal) Acesso em: 25/02/2020

Homens brancos desceram de helicóptero,  
colocaram uma bandeira e disseram: 'Que haja paz'.  
E assisti àquilo tudo ali deitada,  
com a minha família abaixada,  
os tiros eu ouvi,  
pegaram na minha casa.

E assim eu fui criada.  
Aprendendo táticas em meio a muita bala.  
A minha vó, desde pequena, falava pra mim:  
'Se der tiro não corre,  
andar nos becos não pode,  
qualquer barulho se esconde,  
não esquece.  
Só sai da escola de bonde'.

Nos jornais a gente sempre é manchete  
e o resto da história você já conhece.  
O moço de terno diz: 'É guerra às drogas'.  
O povo da periferia grita: 'É guerra aos pobres!'  
E nesses oito anos muita coisa piorou,  
tem fuzil sempre apontado no corpo de morador,  
não existe diálogo.

A culpa sempre é do favelado,  
é revistado e enquadrado, é taxado de otário.  
Agora eu te pergunto: pra que todo esse estado,  
se o consumo não diminuiu, pelo contrário, só expandiu?  
Há tempos eles dizem: 'Vamos proibir'.  
Só que da proibição nasce o tráfico,  
e os chefões não tão aqui,  
olha lá: outro avião foi encontrado.

Só que dessa vez com mais de 500 kg de cocaína  
de um ministro que eu nunca ouvi falar na vida.  
Tá preso?  
Não.  
Prenderam Rafael Braga.  
Foi mais fácil, né, capitão?"  
(MARTINA,2018)

Em seus versos, MC Martina apontou elementos que marcaram sua vida: viver em uma favela, a justiça feita para o corpo negro e favelado, e também abordou sua família através dos conselhos que sua avó lhe dava, aprendendo táticas em meio aos tiros, o maior inimigo dos moradores de favelas, tantas vezes tidos como alvos por agentes do estado. Podemos perceber a mesma tática em Michel de Certeau, que é "*arte do fraco*" (CERTEAU), se apresentando como meio de sobrevivência nessa disputa por forças entre o Estado e a favela. Certeau apresenta o tema como uma produção silenciosa, que recria o espaço definido pelo outro por meio da utilização sagaz do tempo.

As táticas são procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo – às circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação favorável, à rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço, às

relações entre momentos sucessivos de um ‘golpe’, aos cruzamentos possíveis de durações e ritmos heterogêneos etc. (CERTEAU,2014, p.96)

Operando no terreno do adversário, a tática se ressignifica, se torna atenta às falhas do poder, surpreendendo de forma inesperada. Uma atuação tática se apresenta como meio de não enfrentamento, ao ser capaz de usar o sistema sem necessariamente confrontá-lo, através da adaptação às condições existentes. É necessário se reinventar para sobreviver. Quanto a isso, em uma entrevista a professora Adriana Facina, MC Calazans<sup>65</sup> que também é morador do Complexo do Alemão afirma: “*Eu acho assim, na favela a gente tem muito claro que viver e morrer é uma linha tênue que separa as coisas. (...) Viver e morrer aqui é muito... sabe? É o tempo inteiro esse confronto.*” (FACINA, 2014, p.11).

A jovem conduziu sua palestra apresentando o que seria a síndrome do colonizador. Além disso, questionou sobre a igualdade em que pobres são julgados pela justiça em nosso país, criticando a forma como o corpo negro é enxergado em nossa sociedade. Em seguida, descreve a formação do coletivo Poetas Favelados e do Slam Laje, projetos que ela idealizou e realiza a produção.

MC Martina fez uma reflexão sobre a apropriação cultural que acontece nas favelas e como a popularização do movimento de *slams* vem se tornando cada vez mais forte na cena da poesia marginal. Discorreu sobre o período que o Complexo do Alemão foi ocupado no ano de 2010, com o discurso falacioso, de que iriam levar para a favela cultura, segurança e informação. MC Martina disputa “*Nós, favelados, a gente, mano, a gente não é zoológico. A gente não é zoológico, mano, respeita, respeitem a gente. Respeitem a nossa dor*”.

A MC refletiu sobre os convites que os poetas estavam recebendo. Eram eventos que não os valorizavam e que refletiam um racismo velado em falas e ações dos contratantes. Ela pediu respeito a sua dor e a de muitos poetas, pois ponderam sobre o que não foi criado nem inventado, mas sim vivenciado. São suas histórias. Martina abrangeu o pedido de respeito à suas produções artísticas, para que a prática fosse marcada pelo valor dessa cultura favelada e marginal.

Antes do encerramento da palestra, ela disse que iria apresentar mulheres que a inspiram a viver. Ela introduziu Tia Bete, batizada Elizabete Aparecida, mulher que há mais de 40 anos coordena o Oca dos Curumins, projeto social nos quais alfabetiza e leciona junto aos moradores do Alemão. Em seguida, de Lúcia Cabral, responsável pelo Educap e que realiza diversas atividades culturais no Complexo; Josiane Santana, que é fotógrafa e faz parte do Favelagrafia; Nathalia Menezes, que tanto acreditou e sempre conversou com ela; e MC

---

<sup>65</sup> Raphael Calazans é morador do Complexo do Alemão, Graduado em Serviço Social pela UFRJ e MC.

Dall Farra, companheira no coletivo Poetas Favelados e inspiração não apenas como artista, mas como pessoa também. Após citar os nomes seguido das imagens de cada uma dessas mulheres a MC, apontou a invisibilidade dessas mulheres e a ausência na mídia e que apesar de serem *heroínas*, grande parte da sociedade não as conhece. No entanto, elas têm feito a diferença no Alemão.

*(...)E se elas não estivessem do meu lado, sabe, me dando apoio, conversando comigo, com certeza eu não estaria aqui hoje.*

A jovem encerrou agradecendo pela chance de conversar com a plateia presente, compreendendo que num país onde o corpo negro é visto como alvo, chegar até ali era pura poesia. Tanto MC Martina como outras mulheres negras enfrentaram desafios adicionais e limitações para o acesso a oportunidades.

*“Eu não escolhi ser poeta, eu não tive oportunidade de fazer faculdade. É isso, surgiu, aconteceu na minha vida”.*

Ao dizer que *“surgiu, aconteceu na minha vida”* MC Martina realça o que se tornou um diferencial para ela no momento da elaboração de seu *projeto* de vida. No entanto, há um adendo em sua fala, em que pese a decisão de se tornar poeta: isso se deu por conta da “falta de oportunidade” de estudar em uma universidade.

## **ENEM – EXAME QUE PODE MUDAR VIDAS**

No ano de 2017 o jornal *O Globo* fez uma reportagem<sup>66</sup> contando sobre os planos de três personagens ao fazer a prova do Enem daquele ano. O Exame Nacional do Ensino Médio, criado no ano de 1998 para ser uma avaliação de desempenho dos estudantes de ensino médio de escolas públicas e particulares, a partir de 2009 aglutinou outra função, a saber, avaliar os estudantes de todo o país para ingresso em instituições federais de ensino superior e programas de governo como Sisu<sup>67</sup>, Prouni<sup>68</sup> e Fies<sup>69</sup>.

---

<sup>66</sup> Matéria “Enem: três histórias de vida que podem mudar com o exame”, publicada no portal o globo em 06/11/2017, Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/enem-e-vestibular/enem-tres-historias-de-vida-que-podem-mudar-com-exame-22029455#ixzz5Mbg0uRth>

<sup>67</sup> Sisu é a sigla de Sistema de Seleção Unificada, que é um sistema do Ministério da Educação e Cultura (MEC) em que vagas disponíveis em instituições públicas de ensino superior do Brasil são oferecidas.

<sup>68</sup> O Programa Universidade para Todos (ProUni) é uma iniciativa do governo federal para facilitar o acesso de alunos de baixa renda ao ensino superior, o programa oferece bolsas de estudos de 50% ou 100% da mensalidade em faculdades particulares.

<sup>69</sup> O Fundo de Financiamento Estudantil (FIES) é um programa do Ministério da Educação, que tem como objetivo conceder financiamento a estudantes em cursos superiores não gratuitos, com avaliação positiva nos processos conduzidos pelo MEC e ofertados por instituições de educação superior não gratuitas aderentes ao programa.

Esse tipo de exame se torna pontual na vida do jovem, visto de forma idílica como a “porta de seu futuro”. Assim, o estudante que deseja entrar em uma universidade precisa se preparar, ser treinado para realizar essa prova, caso tenha o sonho de seguir carreira profissional e completar o seu *projeto* de vida.

Entretanto, quando se trata de estudantes oriundos da rede pública de ensino outros fatores influenciam a realização dos vestibulares e Enem. Em geral, esses jovens cursaram o ensino médio em estabelecimentos sucateados, sem grandes investimentos ou verba, com professores mal remunerados, em condições adversas de trabalho. Na maioria das escolas havia defasagem dos professores das disciplinas mais valorizadas nos exames vestibulares. A falta de confiança no ensino que receberam ao longo do ano letivo acaba por se constituir numa auto imagem e auto percepção de si mesmos como sendo inferiores ou incapazes de disputar a vaga de forma “justa” com os alunos de outras escolas. Para Juarez Dayrell, esse momento não marca apenas a transição para a vida adulta, mas a inserção social em diversos âmbitos de sua vida.

Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado quando entrar na vida adulta. A juventude constitui um momento determinado, mas que não se reduz a uma passagem, assumindo uma importância em si mesma como um momento de exercício de inserção social, no qual indivíduo vai se descobrindo e descortinando as possibilidades em todas as instâncias da vida social, desde a dimensão afetiva até a profissional. (DAYRELL, 2004, p.4).

A reportagem anunciava as mais de seis milhões de pessoas que iriam passar pela maratona de provas que poderia mudar suas vidas. Uma das histórias citadas na reportagem é a da MC Martina, Sabrina Martina ou apenas Martina. A mesma menina que conheci em 2016 enquanto pesquisava sobre juventude no Complexo do Alemão estava agora dando uma entrevista a um dos maiores jornais do país e compartilhando suas expectativas para aquela prova.

Durante a entrevista MC Martina falou um pouco sobre sua trajetória, moradora de favela que sempre estudou em escola pública. A história dela não é diferente dos muitos outros jovens que vivem nas comunidades do Estado do Rio de Janeiro, que estudam em escolas públicas e, muitas vezes, precisam trabalhar para complementar a renda dentro de casa. Além disso, ela contou sua experiência de trabalho dizendo que trabalha desde seus 15 anos, que já foi camelô e que já vendeu água e chocolate na favela. Para Paulo Carrano, as escolas, por vezes, se vêem despreparadas para lidar com esse perfil de aluno e trabalhador.

Os jovens, mesmo aqueles das periferias onde cidade não rima com cidadania, são mais plurais do que aquilo que a instituição escolar normalmente intui ou deseja perceber. As escolas esperam alunos e o que lhes chegam são sujeitos de múltiplas trajetórias e experiências de mundo. (CARRANO, 2011, p.10).

Em relação ao fato de já ter trabalhado, é importante reiterar sobre a constituição familiar dentro de uma favela, numa rotina por vezes marcada pelas trocas de papéis. Em vez de brincar é necessário trabalhar, cuidar da casa, dos irmãos e caso haja tempo, estudar. Essas responsabilidades não são facultativas, e obviamente, transmitem a infância e adolescência num simulacro de vida adulta. Afora isso, os valores prestigiados na formação escolar são alheios a maioria desses jovens.

Além disso, a MC faz referência ao fato do Enem possuir a mesma idade que ela: *“Por coincidência, o Enem tem a minha idade, foi criado em 1998.”* A partir daí ela fala sobre seu desempenho no ano anterior: *“É desgastante emocionalmente.”* No entanto, conta que se sentiu mal porque não conhecia ou não tinha ouvido falar sobre o conteúdo da prova: *“É difícil, a gente estuda pra caramba na escola, mas não é suficiente. Nossa base de ensino ainda não é boa. O perfil da maioria dos que ingressam na universidade não é da periferia.”*

Essa fala da jovem se afina com os diversos exemplos presentes no documentário *Nunca me sonharam*, dirigido por Cacau Rhoden, que tem como ponto principal os questionamentos, sonhos e desejos de jovens alunos de escolas públicas no Ensino Médio em todo o Brasil. Em meio às cenas introdutórias, através de paisagens em movimentos, do pôr-do-sol e de alguns jovens jogando futebol para fazer menção a fase de transição que cada personagem do documentário está passando, surgem algumas vozes em off :

*“Eu não queria ser jovem não. Queria passar direto para a fase adulta”;*  
*“Eu sou um defeito de fábrica. Eu acho que eu sou assim, eu sou diferente de todo mundo”;*  
*“A partir do momento que o sonho foi tirado de mim, aí eu desisti dele também”*  
*“Eu quero que você saia do seu mundinho e cresça”.*

Tais falas reiteram a cobrança sofrida pelos jovens durante essa transição para a vida adulta e reflete o que a sociedade espera desses jovens. E isso ganha maior relevância diante dos jovens que vivem dentro das favelas e periferias. Para a estudante Suzany Félix, de 16 anos e moradora do município de Caxias: *“A minha raça influencia, mas também a minha cultura influencia. Não, porque ela é negra, ela ainda mora em Caxias, ela não estudou em um colégio muito bom e toda essa junção dessas três coisas que eu falei não vai deixar eu concorrer a um lugar melhor”.*

Um abismo histórico de intolerância e formas espúrias de manter esses jovens subalternos é vergonha anacrônica, em que o preconceito intensifica as diferenças sociais. Para esses jovens que moram em favelas, o estigma é parte de sua identidade.

MC Sabrina conta como após a conclusão do Ensino Médio, no ano de 2015, a participação em diversos projetos a fez refletir e aprender sobre questões sociais. “*Desenvolvi o senso crítico que tenho hoje e quero cursar Ciências Sociais.*”.

Além disso, sua agenda é repleta de convites de universidades para falar sobre comunicação, poesia e política de drogas dentro da periferia. Alberto Melucci fala sobre as múltiplas possibilidades disponíveis aos jovens dos dias de hoje que têm ampliado suas potencialidades.

Na opinião que prevalece nos dias de hoje, ser jovem parece significar plenitude como o oposto de vazio, possibilidades amplas, saturação de presença. A vida social é hoje dividida em múltiplas zonas de experiência, cada qual caracterizada por formas específicas de relacionamento, linguagem e regras. Complexidade e diferenciação parecem abrir o campo do possível a tal ponto que a capacidade individual para empreender ações não se mostra a altura das potencialidades da situação. (MELUCCI, 1997, p.9).

Durante a entrevista a O Globo, Sabrina fala sobre o fato de ninguém de sua família ter ingressado na universidade pública e que ela seria a primeira. Martina foi criada pela sua mãe e sua avó e com apoio das duas ela havia decidido parar de sair para procurar emprego para poder se dedicar aos estudos e se preparar para o vestibular.

“Digo que sou uma universitária da rua. Então, passar para uma faculdade seria uma forma de me aperfeiçoar, aprender a teoria, as técnicas para aplicar na rua. O morro me ensinou muita coisa.”

É importante olhar como a identidade se relaciona diretamente ao rumo que o projeto de vida de um indivíduo vai escolher e projetar para cumprir. Influências da família, religião, raça, gênero entre outros caminhos que possibilitam novas alternativas fazem com que essas pessoas sigam por um caminho completamente diferente e um exemplo que pode ser utilizado é o fato da escolha por uma carreira diferente da que seus pais sonharam. Assim, o campo de possibilidades descrito por Gilberto Velho atravessa esse indivíduo no que diz respeito às suas escolhas.

O ceticismo radical, em parte expresso no Homem sem qualidades de Musil onde nada tem significado relevante é também uma resposta possível às descontinuidades e fragmentação da sociedade moderna. Enfim, existe um campo de possibilidades que, se não é exclusivo, é bastante típico desta sociedade, aparecendo fortemente solidário com o desenvolvimento de ideologias individualistas. (VELHO, 1994,98-99.)

Ao falar sobre a sua trajetória vivida dentro da favela, MC Sabrina reforça a importância de um reconhecimento desses espaços como territórios repletos de cultura e tornam muitos dos que estão envolvidos com os projetos sociais como gestores culturais, ampliando o olhar e valorizando a sua cultura, pois muitas vezes são feitas leituras diferenciadas sobre a heterogeneidade da vida dentro da favela devido aos diferentes mundos presentes dentro desse território.

A representatividade foi outro ponto que Sabrina falou durante a entrevista, não ter alguém próximo cursando faculdade é algo que a entristece.

*“Agora, quero ser essa pessoa para a minha irmã de 12 anos, para que, quando ela tiver alguma dificuldade, me olhe e veja que pode conseguir também.”*

O fato de enxergar no outro uma possibilidade é como uma força que motiva o indivíduo a prosseguir e alcançar um objetivo. A ausência de uma referência dentro da universidade é também um estímulo para que Sabrina possa conquistar a sua vaga e através desse ingresso ela passa a ser uma referência não apenas para a sua irmã, mas para a sua família.

## **PROJETO FRUSTRADO – UNIVERSITÁRIA DAS RUAS**

Durante a entrevista ao programa Conversa com Bial, a idealizadora do Slam Laje, reafirma ser universitária das ruas. *“Eu costumo dizer que eu sou universitária das ruas, acho que a rua me ensinou muita coisa.”*. Na entrevista a poeta fala que foi nas ruas que ela aprendeu a ter pensamento crítico.

Em outra entrevista, Martina foi convidada pelo blog Mulherias, por ocasião do marco de um ano do assassinato da vereadora Marielle Franco<sup>70</sup>, junto a outras três mulheres negras que seguem o legado da vereadora, símbolo de luta por justiça não apenas nas favelas, mas também das minorias.

*“Quero fazer o mesmo curso universitário que ela. Marielle era socióloga e vou fazer Ciências Sociais”<sup>71</sup>.*

Martina manifestou gratidão pela vida de Marielle, por ser uma das pessoas que a incentivou e colaborou com um financiamento coletivo para ajudá-la a custear o transporte e a alimentação para o curso. Na entrevista, fala sobre como conheceu a vereadora, durante um

---

<sup>70</sup> A vereadora Marielle Franco foi a quinta vereadora mais votada da cidade do Rio de Janeiro nas eleições de 2016, com 46.502 votos, em sua primeira disputa eleitoral. No ano de 2018 Marielle foi assassinada a tiros dentro de seu carro no Estácio, região central do Rio, além da vereadora, o motorista do veículo, Anderson Pedro Gomes, também foi baleado e morreu.

<sup>71</sup> Disponível em : <https://mulherias.blogosfera.uol.com.br/2019/03/13/mc-professora-e-duas-deputadas-contam-como-vivem-o-legado-de-marielle/> acesso em: 25/02/2020

evento na Maré em 2016 e a identificação que houve de imediato a Marielle “*Primeiro porque é preta. Segundo, pela coragem. E falo que ela é porque Marielle ainda vive, está presente.*”.

Durante a entrevista, MC Martina falou sobre como a vereadora está presente e viva em seus versos, que denunciam a condição que vive o corpo negro no Brasil. Martina se percebe como uma semente do legado de Marielle e tantas outras mulheres como Dandara dos Palmares e Carolina Maria de Jesus<sup>72</sup>.

No ano de 2018, ela conseguiu uma bolsa de estudos em um pré-vestibular no bairro da Tijuca. Martina utilizou seu perfil pessoal no Facebook para registrar a conquista da bolsa, em seu post dizia:

#### Diário de uma favelada

Essa semana voltei a fazer algo que muitas gerações antes de mim e diversos jovens da minha idade querem MUITO fazer, mas até hoje ainda não conseguiram. Estudar! Em 2015 terminei o ensino médio, de lá pra cá a rua se tornou meu principal lugar de conhecimento prático, crítico e afetivo. Me apaixonei pela cena poética marginal e fui atrás de conhecer melhor a cultura e identidade do lugar onde moro. Mas ainda não é o suficiente. Por isso, embarquei numa nova jornada, com a uma GRANDE ajuda de amigos ganhei uma bolsa no pré-vestibular De AaZ, na Tijuca. Obrigada pelo apoio Nathalia, Jefferson, Ana, Julita, Flávia, Atila, Marielle e várias outras pessoas têm ajudado nessa caminhada. (MARTINA, 2018)

No início das aulas, a poeta costumava utilizar de suas redes sociais para mostrar o trajeto do curso, que era feito em idas agenda repleta de compromissos para uma jovem de vinte anos de idade, era possível perceber o esforço em conseguir cumprir suas agendas como poeta e manter a rotina de seus estudos.

Atualmente ela possui uma página no Facebook com mais de 4.000 seguidores, com informações sobre a agenda da MC e alguns vídeos de suas performances como rapper e recitando poesias. Entre os vídeos disponíveis na página me chamou atenção o que foi postado em 13 de Abril de 2018<sup>73</sup>, e uma reportagem especial do canal de televisão a cabo Globo News na qual a cantora Elza Soares manda uma mensagem para Sabrina.

O repórter no vídeo fala sobre o fato de Sabrina estar em uma fase de tomar decisões e que eles haviam feito uma gravação com Elza Soares. Ele havia falado sobre o que Sabrina estava fazendo e a visibilidade que ela estava tendo enquanto rapper e também de seu desejo

---

<sup>72</sup> Carolina de Jesus foi uma das primeiras escritoras negras do Brasil sendo considerada uma das mais importantes escritoras do país. A autora viveu boa parte de sua vida na favela do Canindé, na zona norte de São Paulo, sustentando a si mesma e seus três filhos como catadora de papéis. Em 1958, tem seu diário publicado sob o nome Quarto de Despejo, o livro fez um enorme sucesso e chegou a ser traduzido para catorze línguas.

<sup>73</sup> Link para acesso ao vídeo disponível na página da MC Martina no Facebook: <https://www.facebook.com/McMartinaOficial/videos/36533689784549/>

de se tornar uma cientista social, sem saber para qual caminho seguir o da arte ou da academia.

A cantora prontamente quis enviar uma mensagem de incentivo a MC Martina. “Pelo amor de Deus faça as duas”. Elza incentiva a importância da escolha não apenas de um caminho, mas percorrer todos, discorrendo sobre a falta de estabilidade no cenário musical da atualidade: “Mas, quando se tem cultura e sabedoria você ultrapassa esses momentos muito bem. Não desfaça da música, por favor. Mas, não deixe de estudar. Estude que é bem melhor” A fala de Elza deixa a jovem emocionada, e a resposta não poderia ser outra: “*Eu vou estudar hein!*”. Ela descreve a felicidade que o vídeo proporcionou e como serviu de estímulo para ela seguir com seus estudos para alcançar seus objetivos.

Sabrina reitera a importância da nova geração de artistas que estão surgindo e ganhando destaque, reconhecer e falar sobre a anterior que lutou por um espaço que já foi muito negado e que foram eles que abriram muitas portas para que os novos artistas passassem. Sabrina finaliza: “*Obrigada, obrigada mesmo. Já me dá maior força*”.

Durante o início da pesquisa no ano de 2018 MC Martina possuía em seu perfil no Instagram<sup>74</sup> pouco mais de 3.000 seguidores, durante a última atualização em janeiro de 2020 ela mais que triplicou o seu engajamento no perfil e alcançou a marca de 10.000 seguidores. Os números de Martina na rede social ultrapassam outras poetas que são muito conhecidas na cena do slam carioca como a poeta e MC representante do Slam das Minas RJ Carol Dall Farra que possui pouco mais de 6.000 seguidores e a poeta Bicampeã do Campeonato Estadual de Poesia Falada Slam RJ Sabrina Azevedo que possui pouco mais de 2.000 seguidores.

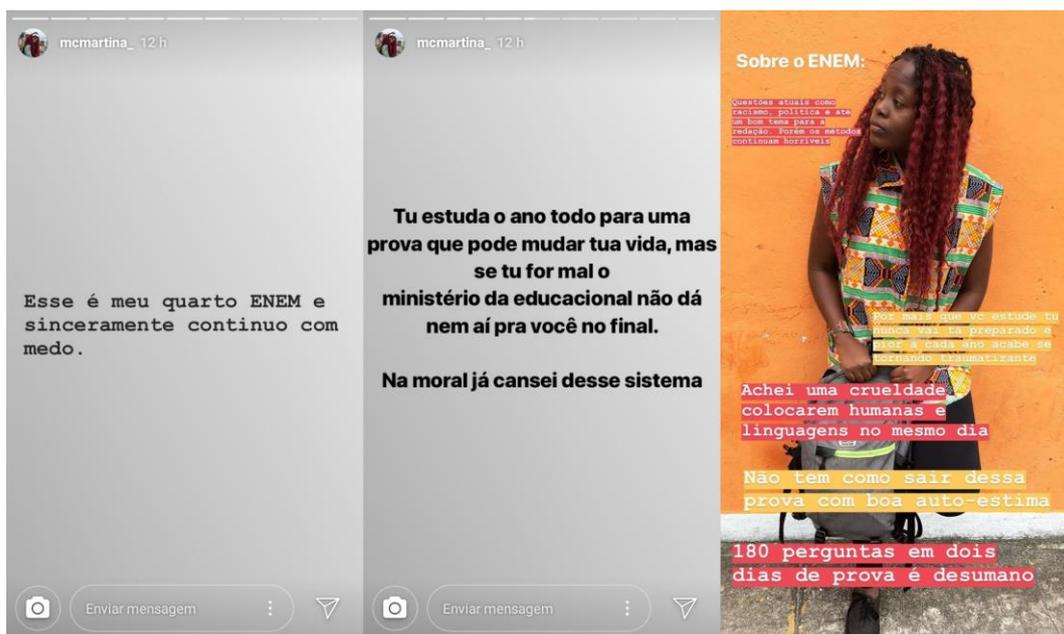
Nessa rede é possível ver a maneira como ela interage com seus seguidores de forma a estimulá-los através de mensagens motivacionais ou de sua própria experiência. Durante o dia 10 de junho de 2018, por exemplo, MC Sabrina utilizou seu Instagram para compartilhar em seus Stories<sup>75</sup>, como aquele dia era importante e que para fazer a prova era preciso manter a calma. Algumas horas após essa publicação, ela volta e fala: “Sobre a UERJ eu só tenho uma coisa a dizer, ainda bem que eu sou Poeta”.

---

<sup>74</sup> Instagram é uma rede social online que possibilita o compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários. A plataforma está disponível desde 2010 e é uma ótima possibilidade de interação entre seus usuários.

<sup>75</sup> Stories são vídeos curtos com duração de 15 segundos e que ficam disponíveis na plataforma por 24 horas.

**Figura 18:** Registros de MC Martina em seu Instagram após a prova do Enem

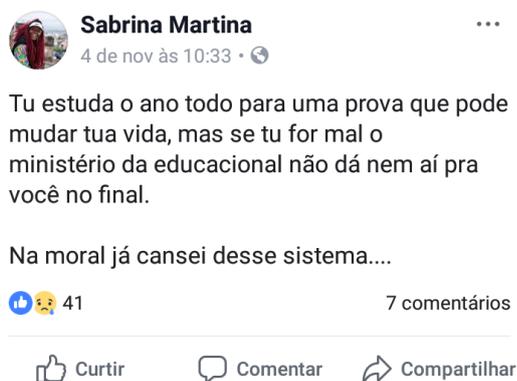


**Fonte :**Perfil MC Martina Instagram.

Nas imagens MC Martina diz:

- Esse é meu quarto ENEM e sinceramente continuo com medo.
- Tu estuda o ano todo para uma prova que pode mudar tua vida, mas se tu for mal o ministério da educacional não dá nem aí pra você no final. Na moral já cansei desse sistema.
- Sobre o Enem: Questões atuais como racismo, política e até um tema para a redação. Porém os métodos continuam horríveis.
- Por mais que você estude tu nunca vai ta preparado e pior a cada ano acaba se tornando traumatizante.
- Achei uma crueldade colocarem humanas e linguagens no mesmo dia.
- Não tem como sair dessa prova com boa autoestima.
- 180 perguntas em dois dias de prova é desumano.

**Figura 19:** Postagem de MC Martina em seu perfil no Facebook



**Fonte :**Perfil MC Martina Facebook.

A fala de Sabrina em seu Instagram reforça essa imagem da frustração diante da falta de aprovação em um concurso e ao mesmo tempo o reconhecimento de sua identidade artística enquanto poeta que não depende de um resultado para exercer seu talento. Essa identidade que é tão própria de se afirmar como poeta a faz acreditar que, apesar de um desempenho abaixo do esperado, a sua certeza é a força condutora pra dar prosseguimento aos próximos desafios.

## **PROJETO DE VIDA**

Segundo (VELHO, 1994, p.48), “*os projetos mudam e as pessoas mudam através dos projetos*”. A partir do direcionamento de *projetos* que tenham objetivos específicos é que a trajetória dos indivíduos vai se estruturando através de seu *campo de possibilidades*. Então, é possível analisar a trajetória de vida dessa jovem, negra, moradora de favela, poeta e MC e as diversas situações e conflitos compartilhados para alcançar seu projeto de cursar uma faculdade.

O fato de me ser possível retornar ao *locus* da pesquisa e dar continuidade após dois anos me permitiu delinear a capacidade do indivíduo de se transformar ao longo do tempo. Os diversos fatores da vida das pessoas as levam para novas direções e com MC Martina não seria diferente. Desde o encontro que tivemos na Vila Olímpica no Alemão em 2016 houve consideráveis alterações em sua perspectiva e muitas mudanças em seu projeto de vida. Ainda segundo Velho, a realização dos projetos a partir das múltiplas interações individuais ou coletivas é relativo ao campo das possibilidades:

As trajetórias dos indivíduos ganham consistência a partir do delineamento mais ou menos elaborado de projetos com objetivos específicos. A viabilidade de suas realizações vai depender do jogo e interação com outros projetos individuais ou coletivos, da natureza e da dinâmica do campo de possibilidades (VELHO, 1994, p.47).

Os conceitos de Gilberto Velho sobre *projeto, trajetória e campo de possibilidades*, inspirado na fenomenologia de Alfred Schutz, ampliam a compreensão dos fenômenos que atravessam e cercam sujeitos dentro das sociedades complexas. Opondo-se à perspectiva que vê os sujeitos como totalmente autônomos dentro da sociedade, Gilberto Velho desenvolve a noção de projeto partindo dos conceitos de Schutz:

O *projeto* no nível individual lida com a performance, as explorações, o desempenho e as opções, ancoradas a avaliações e definições da realidade. Estas, por sua vez, nos termos de Schutz, são resultado de complexos processos de negociação e construção que se desenvolvem com e constituem toda a vida social, inextricavelmente vinculados aos códigos culturais e aos processos históricos de *longue durée* (VELHO, 2003, p 28).

O autor insiste que não é possível pensar um *projeto individual* sem uma referência do outro ou ao contexto social que esse sujeito está inserido. Contrariamente, ele se torna capaz de percorrer diferentes situações e realizar escolhas, ainda que essas estejam relacionadas a seu campo de possibilidades. O autor continua:

[...] o projeto *não* é um fenômeno puramente interno, subjetivo. Formula-se e é elaborado dentro de um *campo de possibilidades*, circunscrito histórica e culturalmente, tanto em termos da própria noção de indivíduo como dos temas, prioridades e paradigmas culturais existentes. Em qualquer cultura há um repertório limitado de preocupações e problemas centrais ou dominantes (VELHO, 2008, p. 71-72)

A partir da dimensão particular do indivíduo e da dimensão simbólica de sua cultura, os *projetos individuais* acontecem pois se articulam através de processos sociais e de negação da realidade. Podemos olhar através de qualquer decisão que, tomada por um indivíduo, por mais independente e objetiva que essa decisão aparente ser quando é adotada, requer uma compreensão do universo social no qual esse indivíduo está inserido. Deste modo, até um sujeito que se encontra nessa situação precisaria de uma construção prévia de significados, sendo tal dada pelas relações sociais.

A presença de coletivos dentro das favelas é muito comum, pois é considerada por muitos como a “voz da minoria”. Sua atuação se relaciona diretamente a organização e construção de uma rede entre os jovens desse território periférico, nesses espaços são articulados os movimentos sociais e culturais que proporcionam novas leituras sobre as favelas como espaço de produção cultural dentro da cidade.

O coletivo GatoMídia e a proposta da residência “Favelado 2.0” marcaram o início das transformações do *projeto* que Sabrina tinha. Foi a partir desses encontros que novas possibilidades foram apresentadas a jovem e fizeram com que ela seguisse por outro caminho. Ao vê-la recitar poesias é notório e inegável a força que ela manifesta ao poetizar sobre sua realidade, sobre sua raça, sobre como ela se vê.

Os estímulos e as experiências durante as oficinas influenciaram essa afirmação de sua identidade, não apenas como cidadã, mas também como artista. Os projetos mudaram e o desejo de trabalhar com projetos sociais voltados para pessoas em situação de rua também. Apesar de seguir dentro desse caminho das ciências sociais seus projetos estão direcionados para o seu território, a favela.

Nessa fase da juventude, os projetos desses jovens estão ligados diretamente a sua identidade. Em se tratando de uma jovem que vive em uma favela, o projeto é concebido mediante as muitas negações e invisibilidade por parte da sociedade que não enxerga

potencial dentro de um território que nem o Estado quer enxergar. No entanto, são os projetos que forjam a construção da identidade, da percepção de si. Nesse momento, apesar da cobrança há uma ponte para a conquista de uma autonomia em relação ao mundo adulto.

Apesar de seu contexto aparentemente limitado devido à ausência de uma referência dentro de sua família, MC Martina tem persistido em seu projeto de alcançar a tão sonhada vaga dentro de uma universidade pública. E apesar desse momento ainda não ter acontecido seus projetos têm seguido e tomado outra direção. Atualmente, ela tem se dedicado ao novo roteiro do *Slam* Laje de forma itinerante, com a proposta de circular por todo o Alemão proporcionando aos jovens e moradores do morro a vivência dessa arte que tem levado os jovens poetas favelados do Complexo para além de seus becos e vielas.

Quando Sabrina diz “*Sobre a UERJ eu só tenho uma coisa a dizer, ainda bem que eu sou Poeta*” é importante perceber que essa afirmação reflete sobre alguns elementos do seu projeto individual, para além da dificuldade de alcançar determinada média para ser considerada apta a entrar na universidade. Diferentemente das ruas onde a jovem tem feito intervenções artísticas e ataques poéticos e o próprio público é quem julga tal performance sendo essa avaliação completamente diferente dos padrões de avaliação em um vestibular.

Apesar dessa sensação de reprovação momentânea, ainda restavam outros exames de vestibular a serem feitos. Após a postagem sobre a prova da UERJ, MC Martina não compartilhou mais, virtualmente, junto aos seguidores de suas redes sociais, sobre sua rotina de estudos no curso preparatório e não falou mais sobre as provas seguintes do vestibular. Diferentemente, ela utilizava suas redes sociais para expor os lugares por onde realizava palestras, apresentações e sua rotina dentro do Alemão.

Durante o ano de 2019, a jovem foi chamada para realizar a preparação<sup>76</sup> de alguns atores para a novela Bom Sucesso<sup>77</sup> da Rede Globo, uma referência ao bairro onde a trama se passa. A novela abordou a realidade de moradores do bairro de Bonsucesso, subúrbio do Rio de Janeiro. Na trama o *slam* foi abordado e contou com a participação da própria MC em algumas cenas da novela. A jovem ajudou na preparação do ator Igor Fernandez, que interpretou o personagem Luan, um jovem da Zona Norte do Rio de Janeiro que tem o talento

---

<sup>76</sup> Reportagem sobre a preparação do elenco da novela Bom Sucesso. Disponível em: <https://gshow.globo.com/novelas/bom-sucesso/noticia/conheca-o-estreadante-igor-fernandez-o-poeta-das-ruas-de-bom-sucesso.ghtml> Acesso em: 18/02/2020

<sup>77</sup> A trama escrita por Rosane Svartman e Paulo Halm se passou no horário das 19 h, abordando a realidade vivida pelos moradores do subúrbio carioca, o bairro de Bonsucesso sendo exibida no período de 29 de julho de 2019 a 24 de janeiro de 2020.

de criar rimas. No decorrer da história o personagem se utiliza de sua facilidade com as palavras, para sobreviver por meio de poesias.

Envolvida em tais projetos, optou por não realizar o ENEM, nem qualquer outra prova de vestibular, pois não se sentiu segura para realizá-las. Também disse que precisou cuidar da sua saúde mental.

A pesquisadora Maria Lúcia da Silva apresenta a definição de saúde mental “*como a tensão entre forças individuais e ambientais que determinam o estado de equilíbrio psíquico das pessoas.*” A autora aponta como o entorno social e econômico, além do ambiente que essa pessoa circula, influenciam na determinação de sua saúde física e mental. Quanto a isso ela continua:

Sem medo de errar é possível dizer que, no país, uma grande maioria de brasileiros, em que se inclui um enorme contingente de negros, vive em constante sofrimento mental, devido às precárias condições de subsistência e à falta de perspectivas futuras. (SILVA, 2005, p.129)

MC Martina sentiu o peso da cobrança por receber a bolsa de estudos, por ter o apoio de pessoas que acreditavam no potencial da jovem, além das dificuldades para conseguir cumprir sua agenda de trabalho junto a jornada de estudos. Em nossa última conversa no ano de 2019, encontrei uma jovem mais decidida em relação a seu futuro acadêmico, ela optou por não se desgastar além dos problemas que já vive. Para os jovens que precisam lutar para alcançar seus objetivos, parar não se torna uma opção. É preciso continuar sonhando e disputando esses espaços até que os seus projetos se realizem ou tomem novos rumos.

Hoje, atuante no Movimentos, coletivo de jovens de várias periferias do Brasil com ênfase na discussão sobre a políticas antidrogas, é produtora do *Slam Laje* e ainda administra sua carreira como MC. Com agenda movimentada, tem colhido o resultado de seu trabalho e compreende que artistas independentes precisam se fortalecer e aproveitar cada trabalho pois “*por depender de projetos você pode ter um mês com muito trabalho e outro sem nenhum*”. No entanto, a rotina de emendar compromissos quase simultâneos e cruzar a cidade de uma ponta a outra é desgastante. “*É cada crise que dá em nós às vezes, é cada vontade de desistir. O ritmo é tão frenético que não dá para respirar*”, desabafa. Para superar as crises, reafirma o amor pelo que faz, “*Faço tudo porque eu amo. O dia que eu perder o amor eu paro e vou fazer outra coisa*”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste estudo foi a de olhar para o *poetry slam*, ou puramente *slam* como ficou conhecido no Brasil, através da análise de narrativas de jovens periféricos que se utilizam desses encontros poéticos, para afirmar suas identidades e falar sobre suas experiências pela cidade.

Assim, durante o trabalho, analisei a trajetória de uma poeta, mulher, favelada, MC, negra e jovem que ressignificou o jogo poético e o incorporou a realidade da favela. Essa dissertação se propôs a abordar algumas especificidades do *Slam Laje* e da competição *slam* aqui no Brasil, através de pesquisa etnográfica e análise bibliográfica sobre performance e representação. Também busquei identificar algumas das formas pelas quais as poesias escritas dos envolvidos com o *slam* são inscritas nesses sujeitos por meio de suas trajetórias e seus valores.

Inicialmente, no primeiro capítulo foi apresentado um pouco da história do surgimento do *poetry slam* nos Estados Unidos, para que pudéssemos olhar as bases em que o movimento se pautou e como hoje se desenvolvem as regras da competição; além de compreender como o movimento se expandiu além dos Estados Unidos e se popularizou no Brasil, aceito e apropriado por uma juventude periférica, negra, feminina e diversa. Se pôs em discussão os questionamentos apresentados por poetas, em sua maioria mulheres, sobre o direito de falar e ser ouvida, de sustentar as regras do seu corpo, bem como o direito de se relacionar com quem bem entender. Através de abordagens de Carlos Cortez Minchillo, Roberta Estrela D'Alva e Susan B. A. Somers-Willett um panorama sobre o *slam* é traçado, apresentando suas origens e as transformações pelas quais o movimento perpassou ao chegar no Brasil.

No segundo capítulo, a partir de apontamentos dos autores Juarez Dayrell, Walter Benjamin e Gloria Anzaldúa discutindo conceitos de juventudes e construção de narrativas, foram analisados os discursos dos poetas na competição *slam*. É feita uma costura das poesias junto a etnografia que realizei ao longo do ano de 2018 acompanhando o *Slam Laje* em suas competições. Esse, que é principal destaque desse trabalho, pode representar o estado na competição nacional daquele ano. Nesse capítulo busquei analisar a relação que há entre os poetas e seus versos, além da maneira como essa criação pode gerar um impacto e comoção no público presente.

Há ênfase também a uma das inúmeras formas de repressão que acontecem em eventos culturais, principalmente os de favela. Na ocasião de uma tentativa de repressão e

silenciamento dos versos críticos ali apresentados, mais uma vez, agentes do estado agem como árbitros culturais, como afirma Adriana Facina;

Há semelhanças significativas com a lógica que orienta uma ocupação territorial armada, as UPPs, a colocar policiais para agirem como árbitros culturais, definindo o que pode e o que não pode ser manifestado. Quase sempre o que pode não tem relação com as culturas próprias das favelas, aquelas que articulam resistência e reexistência. Sob suspeita, as populações criminalizadas vêm suas expressões culturais tornarem-se crime ou serem vistas como “inadequadas” aos novos e civilizados tempos. (FACINA, 2014, p.9)

Naquele momento, diante de uma fala “*Amanhã é Bolsonaro, Bolsonaro 17*”, dita por um agente público, com uma arma em punho, se reitera o que Adriana Facina nos diz sobre as expressões culturais se tornarem crime e “inadequadas” ao novo governo.

Ao analisar os versos que foram performados durante todo o campo, podemos compreender como as mulheres trazem elementos de dor e tristeza para o debate, sobretudo o discurso sobre as lutas que cada uma enfrenta por seu gênero, o tom de sua pele e por sua sexualidade. Através dessa fala, elas vão se destacando dentro da competição e vão deixando seus concorrentes de gênero masculino para trás, no ranking de representantes da competição no campeonato mundial.

No terceiro e último capítulo, a trajetória de MC Martina me fez analisar como a jovem poeta tem os rumos de seu *projeto* (VELHO) de vida alterado por meio do contato com o *slam*. MC Martina traz em seus versos um discurso político e ao mesmo tempo pessoal, conectando sua experiência de vida e ensinamentos trazidos por sua família a crítica por ser mulher, negra, moradora de favela e ter seu corpo marcado como alvo por parte dos agentes do estado.

Nesse capítulo me dedico a compreender a dificuldade que MC Martina enfrenta para ingressar na universidade pública, descrevendo as tentativas da jovem em conseguir se preparar para o exame vestibular e ao mesmo tempo cumprir seus compromissos enquanto poeta e MC. A moça, que por vezes, se vê imersa ao ambiente acadêmico, dando entrevistas ou realizando palestras, se questiona quanto ao método utilizado para receber os estudantes e como isso a fez mal, levando-a a compreensão da necessidade e priorização de sua saúde mental.

Por fim, compreendemos que apesar do rápido crescimento que o movimento de *slam* teve no Brasil nos últimos anos, ainda há muito o que se pesquisar sobre o tema e poucos são os estudos sobre as implicações dessas práticas em nossa sociedade.

Os *slams* permitem o afeto e a potência da favela na cidade. São poetas vivos que encontraram nesse movimento mais uma força para seguir vivendo. Em tempos difíceis, e

diante de um governo arbitrário e antipopular, que se opõe as manifestações culturais, o *slam* se amplia e ocupa os espaços da cidade por meio de intervenções urbanas que possibilitam encontros transformadores de vidas, através de versos de experiências tão pessoais. Nos combates de poesia convergem, nas ruas, as batalhas que estes moços travam cotidianamente para garantir seu direito de resistir e existir. Por meio de termos que poderiam ser usados para desqualificar e ofender sua existência, há uma ressignificação dessas expressões tornando-se identidade e motivo de orgulho.

Ao analisar questões que permeiam o universo da favela, a saber: os estereótipos, o preconceito, a violência e a cultura, esses jovens têm se apropriado dos espaços que lhes são muitas vezes negados pela cor, pela condição financeira entre outros motivos, e encontraram alternativas *táticas* (CERTEAU) para mostrar os seus corpos vivos dentro da sociedade. E ainda que sejam alcunhados de “marginais”, a poesia se tornou uma ferramenta para afirmar essa identidade.

Longe de querer ser porta voz desses poetas, deixo que suas poesias falem por si e atravessem cada leitor dessa dissertação, que os traz vivos, sobrevivendo em uma sociedade que não aceita seus corpos, sua arte e sua existência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Lidiane Viana. **Poetry Slam na escola: Embate de vozes entre tradição e resistência**. 2018. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista (UNESP). São Paulo

ANZALDÚA, Gloria. “**Como domar uma língua selvagem**”. IN: Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa, no 39, p. 297-309, 200

\_\_\_\_\_. “**Falando em línguas. Uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo**”. In Estudos Feministas, Florianópolis, 229, 1/2000.

BENJAMIN, Walter. “**O narrador**”. In **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo, Abril, 1983.

BRASILIENSE, Danielle. **Cabelos em pauta: o sofrimento idealizado pela vergonha**. In: ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2017, Salvador - BA.

BRITTO, F. D. E.; JACQUES, P. B. **Cenografias e corpografias urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade**. Cadernos PPG-AU/UFBA, Salvador, v. 7, número especial, 2008.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. **Jovens, escolas e cidades: desafios à autonomia e à convivência**. Revista teias (UERJ), v. 12, p. 7-22, 2011.

CASTELLS, Manuel. **O poder da Identidade**. A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 2. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2002

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

COELHO, Rogério Meira. **A PALAVRAÇÃO - Atos político-performáticos no coletivo Sarau de Periferia e Poetry Slam Clube da Luta**. Dissertação (Mestrado) –Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, 2017.

CULLELL, Diana. “**¿De lo bélico a lo poético? El poetry slam y su lucha feroz en defensa de la poesía**”. Kamchatka. Revista de análisis cultural 11, 2018.

DAYRELL, Juarez. **Juventude, grupos culturais e sociabilidade**. Faculdade de Educação da UFMG/ Observatório da Juventude da UDMG, 2004.

D’ALVA, Roberta Estrela. **Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – O poetry slam entra em cena**. 2011. Disponível em <<http://gerflint.fr/Base/Bresil9/estrela.pdf>>. Acesso em 20 set. 2018.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida Religiosa**. Tradução de Joaquim Pereira Neto.3.ed.São Paulo: Paulus, 2008.

FACINA, A. **Sobreviver e sonhar: reflexões sobre cultura e “pacificação” no Complexo do Alemão**. In: PEDRINHA, R. D.; FERNANDES, M. A. (Orgs.). Escritos transdisciplinares de criminologia, direito e processo penal: homenagem aos mestres Vera Malaguti e Nilo Batista. Rio de Janeiro: Revan, pp. 39-48, 2014.

GAMA, Danielle. **Slams: batalhas de poesia e a obra literária – reflexões a partir do pensamento de Pierre Bourdieu.** In: ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2018, Salvador - BA.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC Editora, 12008. 1

GREGORY, Hellen. **“(Re)Presenting Ourselves: Art, Identity and Status in U.K. Poetry Slam.”** In: Oral Tradition, 23/2, 2008, p.201-217.

JOHNSON, Javon. **Killing Poetry: Blackness and the Making of Slam and Spoken Word Communities.** Rutgers University Press, 2017.

LOUSA, P. (2019). **Da genealogia ao sangue: Opiniões,** (15), 98-122. <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2019.164400>

LUCENA, Cibele Toledo. **Beijo de línguas: quando o poeta surdo e o poeta ouvinte se encontram.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

MELUCCI, Alberto (1997) **Juventude, tempo e movimentos sociais.** Revista Brasileira de Educação, Maio/Jun/Jul/Ago, nº 5; Set/Out/Nov/Dez, nº 6.

MINCHILLO, Carlos Cortez. **Poesia ao vivo: algumas implicações políticas e estéticas da cena literária nas quebradas de São Paulo.** *Estud. Lit. Bras. Contemp.* 2016, n.49, pp.127-151.

\_\_\_\_\_. **Slam: cartografia social e território poético. Palestra na abertura do Ciclo de Debates “Cultura Brasileira Contemporânea: novos agentes, novas articulações”,** Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da USP, março de 2017.

MARTINA, Sabrina. **Texto do post.** Rio de Janeiro, 06 de fevereiro, 2018. Facebook: Sabrina Martina. Disponível: <https://www.facebook.com/sabrina.martina.393/posts/2036008189945274>  
Acesso em: 25 de janeiro de 2020.

MOURA, M. M. . **Língua, cultura e Slam: traduzindo poemas para o II Rio Poetry Slam.** Revista Versalete , v. 4, p. 1-246, 2016

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **“Literatura marginal”: os escritores da periferia entram em cena.** 2006. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo

NEVES, C. **Slams - letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo.** Linha D'Água, v. 30, n. 2, p. 92-112, 27 out. 2017.

ROMÃO, Luiza Sousa. **Sangria.** 1.ed. São Paulo: Selo do Burro, 2017.

ROY, Ananya. **"Cidades faveladas: repensando o urbanismo subalterno"**. Emetropolis, n.31, 2011.

SABINO, Maria Aline . **Performance e aprendizagem no slam da quentura em Sobral, Ceará.** 2017. 74 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro de Ciências Humanas, Universidade do Estado do Vale do Acaraú, Ceará, 2017.

SAMPAIO, Carolina; VERMES, Mónica. **Domínio do Corpo: Representações Femininas no Rap**. In: XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2019, Vitória – ES.

SCHECHNER, Richard. “**O que é performance?**”. In: *Performance studies: an introduction*. New York & London. 2006.

\_\_\_\_\_. **Ritual**. In: LIGIERO, Zeca (Org.). *Performance e Antropologia de Richard Schechner*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

SILVA, M. L. (2005). **Racismo e os efeitos na saúde mental**. In: L. E. Batista, S. Kalckmann (Orgs.), *Seminário saúde da população negra do Estado de São Paulo 2004* (pp. 129-132). São Paulo, SP: Instituto de Saúde.

SMITH, Marc Kelly; KRAYNAK, Joe. **Take the mic: the art of performance poetry, slam, and the spoken word**. Naperville: Sourcebooks MediaFusion, 2009.

SOMERS-WILLET S. B. A., 2009. **The Cultural Politics of Slam Poetry: race, identity and the performance of popular verse in America**. Michigan: Ed. The University of Michigan Press.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte, UFMG, 2010.

STELLA, Marcello G. P. (2015). **A Batalha da Poesia... O slam da Guilhermina e os campeonatos de poesia falada em São Paulo**. *Ponto Urbe*, São Paulo, n. 17, p. 1-15.

TAVANTI, Roberth Miniguine. **A rebelião das andorinhas: saraus como manifestação político-cultural na zona sul de São Paulo**. Tese (Doutorado em Psicologia Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2018.

TENNINA, Lucía (2013). **Saraus das periferias de São Paulo: poesia entre tragos, silêncios e aplausos**. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 42, p. 11-28, jul./dez. 2013.

TOMMASI, Lívía de. **Cultura e juventude**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2017.

VELHO, Gilberto. **A Utopia urbana. Um estudo de antropologia social**. Rio de Janeiro, Zahar, 1973.

\_\_\_\_\_. **Individualismo e Cultura**. Rio de Janeiro, Zahar, 1987.

\_\_\_\_\_. **Projeto e metamorfose. Antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro, Zahar, 1994.

ZUMTHOR, Paul. **Escritura e Nomadismo: Entrevistas e Ensaios**. Trad. Jerusa Pires Ferreira; Sonia Queiroz. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

## REFERÊNCIA FILMOGRÁFICA

**NUNCA me Sonharam**. Direção: Cacau Rhoden. VideoCamp, 2017. (84 min)

**SLAM! Voz de levante**. Direção: Roberta Estrela D'alva e Tatiana Lohmann, 2017. (95 min)

## APÊNDICE – ENTREVISTAS

(Entrevista realizada pelo autor no dia 14 de dezembro de 2018)

**NATÃ NEVES:** Bicha Poética gostaria de saber como você conheceu o *slam*?

**BICHA POÉTICA:** Eu produzi o primeiro *slam* da minha cidade que automaticamente é o primeiro *slam* do Estado, eu cheguei no *slam* através de um vídeo na internet e aí eu mandei mensagem para o *slam* que eu tinha visto, e aí depois esse *slam* que eu tinha mandado mensagem não tinha me respondido, aí eu fui procurar no Facebook o que era *slam*, aí caiu o Slam BR eu mandei mensagem e eles depois de meia hora me responderam mandando todo o material escrito sobre o *slam*, foi onde eu construí o primeiro *slam* da cidade, tipo eu cheguei mesmo através de um vídeo na internet.

**NATÃ NEVES:** Atualmente qual a importância do *slam* na sua vida?

**BICHA POÉTICA:** A importância do *slam* na minha vida cara, hoje é de muita importância por conta que foi através do *slam* que eu pude me auto reconhecer e entender que eu já vivia a poesia mesmo antes de escreve-la, pois eu acredito que nós LGBTs, a gente já é poesia a partir da hora que a gente nasce e a gente tem que resistir. Matar um leão por dia dentro de um país que mais mata LGBTs e que um jovem negro é morto a cada 23 minutos isso pra mim é poesia, então a importância da poesia pra mim hoje é de suma importância porque poesia é estar vivo.

**NATÃ NEVES:** E sobre o que você mais escreve, que temas são mais recorrentes?

**BICHA POÉTICA:** Eu escrevo muito sobre os LGBTs, por conta da minha existência eu comecei a perceber que a minha existência incomodava o certo padrão tradicional que o Estado estabelecia, sabe então eu escrever sobre uma população que é diariamente marginalizada isso pra mim é mais que resistência é existência, então isso que me leva a escrever sobre os LGBTs.

**NATÃ NEVES:** Quanto a sua preparação para as apresentações e competições de *slam*, você costuma realizar algum tipo de ritual ou preparo?

**BICHA POÉTICA:** Para escrever eu costumo geralmente ficar sozinho e para entrar no palco geralmente eu faço alongamento por conta das aulas de circo, eu também faço canto, eu faço exercícios de canto e trago alguns exercícios do yoga pra mim poder entrar sempre no palco.

**NATÃ NEVES:** Quem é você durante os três minutos que tem para se apresentar no *slam*?

**BICHA POÉTICA:** Eu sou a bicha poética, que vem do Ceará.

**NATÃ NEVES:** Qual a importância desse lugar de destaque?

**BICHA POÉTICA:** Pra mim a importância desse lugar é, tem um livro que eu comecei a ler que é o “Lugar de Fala” então eu acho que pra mim hoje é meu lugar de fala sabe, eu estou no meu lugar sabendo que durante esse tempo que eu estou falando, nesses 3 minutos tem várias pessoas me escutando e escutando a minha voz e essa que por diversas coisas se torna coletiva, então é o meu lugar de fala mesmo. Tem uma voz falando e as pessoas escutando a voz que foi marginalizada isso é do caralho.

**NATÃ NEVES:** Como foram esses dias em São Paulo junto com os outros poetas?

**BICHA POÉTICA:** Esses dias tem sido só felicidade, porque tipo assim mesmo que eu não tenha ido para a semifinal uma coisa que eu acredito que quem vence é a poesia e então tipo, estar nesse lugar para mim é de extrema felicidade por conta da troca mesmo conhecendo as pessoas, novos amigos, criar novos laços, sabe criar afetos.

**NATÃ NEVES:** Qual o aprendizado que você leva do Slam BR?

**BICHA POÉTICA:** Eu acho que resiliência, para mim poder chegar e entender que a derrota não é a derrota e que ela só vai fortalecer cada vez mais o meu trabalho sabe, acho que resiliência é a palavra.

(Entrevista realizada pelo autor no dia 14 de dezembro de 2018)

**NATÃ NEVES:** Olá Bixarte, você poderia se apresentar e dizer qual *slam* você representa?

**BIXARTE:** Sou Emmanuel Moreira e represento o *Slam* Paraíba que fica em João Pessoa.

**NATÃ NEVES:** E como você chegou até o *slam*?

**BIXARTE:** O *slam* chegou para mim em um momento muito difícil da minha vida enquanto bicha, enquanto preta sabe? E eu queria muito entender o que era isso. Aí o *slam* veio como uma forma de me mostrar, me mostrar que eu tenho que ser resistente, que as pessoas vão tentar me mudar e foi assim que eu entrei como um ato de revolta mesmo para poder expressar a minha revolta através de poesia.

**NATÃ NEVES:** Qual a importância desse encontro poético na sua vida?

**BIXARTE:** Então, eu acredito que se não fosse o *slam* talvez eu fosse mais uma bicha morta, calada já, silenciada. Porque foi o *slam* que me ensinou a enfrentar isso tudo de cara e me dar mais resistência.

**NATÃ NEVES:** E qual o tema mais comum que você aborda?

**BIXARTE:** Eu falo muito sobre homofobia e machismo porque é uma situação que eu passo todas as vezes que eu vejo minha mãe passar, que eu vejo várias amigas passando então eu faço isso por elas e também por mim.

**NATÃ NEVES:** Você realiza algum ritual ou algum tipo de preparo para se apresentar?

**BIXARTE:** Eu procuro sempre no dia manter um pensamento positivo sabe e aí eu posso fazer várias coisas, mas a minha cabeça vai estar bem focada.

**NATÃ NEVES:** Quem é você durante o momento que inicia a sua apresentação?

**BIXARTE:** Eu sou uma bicha, eu sou preta, eu sou uma favelada, eu sou uma pessoa que já nasceu com todas as estatísticas apontadas para si, então quando eu estou nesse lugar eu busco sempre eu procuro sempre estar mostrando esse lado, essa pantera negra que a gente realmente tem dentro da gente.

**NATÃ NEVES:** Qual a importância desse lugar de destaque?

**BIXARTE:** É meio que todos os pretos que estão hoje aqui eu consigo ver que a gente tá conseguindo desembranquecer os pretos que se embranqueceram e além disso não consegue deixar branco fazer apropriação. Então eu acho que isso é muito importante pra gente.

**NATÃ NEVES:** Como foram esses dias em São Paulo junto com os outros poetas?

**BIXARTE:** Eu vim buscar munição sabe, pra voltar do *Slam* BR recarregada e assim conhecer todos esses poetas, conhecer todo esse povo foi muito bom.

**NATÃ NEVES:** O que você leva desse *Slam* BR?

**BIXARTE:** O título não mais, mas eu acredito que muita experiência, muitas amizades para poder se fortalecer, esse é o motivo da resistência que vai vir sabe.

(Entrevista realizada pelo autor no dia 14 de dezembro de 2018)

**NATÃ NEVES:** Oi Martina, você poderia se apresentar e dizer qual *slam* você representa?

**MC MARTINA:** Meu nome é Sabrina Martina, vulgo MC Martina. Tenho vinte anos sou cria do Complexo do Alemão e estou aqui no *Slam* BR pra dar apoio e assistir a competição e também torcer pelo Dudu Neves e meus amigos do Rio. O Dudu Neves representa o *Slam* Laje e vai competir nas semi-finais, então nós estamos aqui torcendo por ele e pelos nossos parceiros.

**NATÃ NEVES:** E como você avalia esse ano de *Slam* Laje em meio as mudanças, a itinerância, como é chegar no campeonato brasileiro de *slam*?

**MC MARTINA:** Pô cara eu acho que a gente tá vivendo um momento muito impactante tá ligado, porque é muito louco a gente sonha muito, mas a nossa realidade é foda. Então ver

meus amigos hoje, poder estar uma semana longe da correria, longe da obrigação de trabalhar todo dia, de acordar cedo, de estar na ralação. É um trabalho, a gente tá aqui representando nosso estado, é um trabalho sim mas poxa a gente tá aqui em um rolê que é uma competição mas também é um momento de se encontrar, fazer conexões. E o *Slam Laje* estar aqui pra gente é muito significativo, *slam* de favela. No Rio de Janeiro do ano passado para cá deu um boom muito grande da cena do *slam* sabe, há pessoas que dizem que o *slam* surgiu em 2013 ou 2014 mas eu digo que a apropriação cultural de *slam* no Brasil e principalmente no Rio de Janeiro começou em 2016, quando teve o boom e principalmente de 2017 pra cá. Então de um ano pra cá, o *slam* cresceu muito no estado e o *Slam Laje* é um dos poucos *slams* dentro de favela e esses *slams* são os mais vazios, mas pra mim são os mais especiais.

**NATÃ NEVES:** O que você tem a dizer da classificação do Dudu Neves poeta que representa o *Slam Laje* para a fase semifinal da competição?

**MC MARTINA:** Emocionante. Porque tu tá aqui, tu vê a poesia de outras pessoas, ter contato com outra cultura, ouvir um mano do Acre. Eu nunca fui no Acre e a minha referência do Acre é a Gleice que ganhou o Big Brother. E ele estar aqui, é aprender com outra cultura, e pessoas também do Rio Grande do Sul até meus amigos do Rio de Janeiro, a gente tá aqui num momento mais de lazer e isso é muito bom, porque a gente só se encontra pra trabalhar. E estar aqui para curtir um pouco e relaxar, descansar já que o ano foi muito corrido e a gente trabalhou muito.

**NATÃ NEVES:** E quais são as expectativas para os próximos dias de competição?

**MC MARTINA:** Cara eu tô feliz pra caraca e quero continuar aproveitando isso, porque eu não tô na minha realidade. Então eu quero aproveitar o máximo possível, torcer muito pra todo mundo. E a minha torcida em particular é para os poetas que não são conhecidos, que não tem vídeos no Youtube, que não tem visibilidade dentro do cenário de *slam*, é por esses poetas que eu estou torcendo. A Pietá, a Bione de Pernambuco, a galera do Sul e os meus amigos do Rio.

(Entrevista realizada pelo autor no dia 15 de dezembro de 2018)

**NATÃ NEVES:** Oi Dudu, vou pedir para você se apresentar e dizer de onde você vem e qual *slam* você representa?

**DUDU NEVES:** Eu sou Dudu Neves eu vim da Cidade de Deus e represento o *Slam Laje* que é um *slam* lá do complexo do Alemão e é um *slam* muito foda. E eu fico muito feliz em representar esse *slam*.

**NATÃ NEVES:** E como você conheceu o *slam*?

**DUDU NEVES:** Eu sou artista plástico, eu estava fazendo alguns desenhos na praça, na cidade de Deus onde eu moro, e a Sabrina (Azevedo) me chamou para participar do primeiro *Slam* Nós da rua, eu gostei e continuei frequentando e hoje faço parte do coletivo Nós da Rua e foi assim que eu conheci o *slam*.

**NATÃ NEVES:** Qual a importância do *slam* na sua vida?

**DUDU NEVES:** Então, essa pergunta é bem complexa. É muita coisa mesmo, mas o que o *slam* faz comigo é me dar voz e com essa voz que ele me dá, eu posso estar buscando representar outras pessoas e posso dar voz as pessoas. Tá ligado, falar “*ele é uma bicha preta, favelada, eu posso estar ali também, porque eu sou uma bicha preta favelada, porque eu não posso?*”. E assim eu posso com minha voz, dar voz a outros, representar outros e isso pra mim é foda.

**NATÃ NEVES:** E sobre o que você mais escreve?

**DUDU NEVES:** Eu, sou bicha então eu falo sobre as bichas, eu sou favelado, então eu falo sobre a favela, eu sou negro retinto, eu falo da minha negritude e como eu sou encaixado nessa sociedade e todos esses corpos, o negro, o da favela, o da bicha dentro dessa sociedade que tentam nos matar todo dia.

**NATÃ NEVES:** Você realiza algum ritual ou algum tipo de preparo para se apresentar, para escrever seus versos?

**DUDU NEVES:** Eu só escrevo, se eu vejo muita coisa e eu sentir eu escrevo, eu não me preparo para escrever. Eu sou ator, eu utilizo algumas técnicas para me preparar para as apresentações.

**NATÃ NEVES:** Quem é você durante o momento que inicia a sua apresentação?

**DUDU NEVES:** Ali eu sou Dudu Neves, sou esse corpo que representa várias pessoas. Ali eu sou a bicha preta favelada, eu sou a favela, o *Slam* Laje, o Nós da Rua. Eu sou mais uma resistência!

**NATÃ NEVES:** Qual a importância desse lugar de destaque?

**DUDU NEVES:** Aqui a importância é a presença de bichas no campeonato, tem a Bicha Poética, tem Bixarte e eu achei muito importante essas portas se abrirem para os nossos corpos.

**NATÃ NEVES:** Como foram esses dias em São Paulo junto com os outros poetas?

**DUDU NEVES:** Estar em um bairro de gente branca, classe média aqui em São Paulo, a gente sente a estranheza dessas pessoas com a gente. Estar com os poetas é maravilhoso, mas no café da manhã, quando circulamos o hotel a gente sente os olhares dos outros hóspedes.

**NATÃ NEVES:** E qual é o maior aprendizado que você leva desse *Slam* BR?

**DUDU NEVES:** A conectividade que tive junto a poetas de outros estados, aprender e trocar com pessoas do nordeste, do sul e tantos estados que eu não teria contato direto como estou tendo aqui.